

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CENTRAL – UnU - ANÁPOLIS – CSEH – NELSON DE ABREU JÚNIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO,
LINGUAGEM E TECNOLOGIAS – PPG-IELT

**ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÕES DOS CORPOS DOS HOMENS
NEGROS E OS EFEITOS EM SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

Walter Hugo de Souza Rodrigues

Anápolis-GO

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CENTRAL – UnU - ANÁPOLIS – CSEH – NELSON DE ABREU JÚNIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS – PPG-IELT

LINHA DE PESQUISA:
LINGUAGEM E PRÁTICAS SOCIAIS

**ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÕES DOS CORPOS DOS HOMENS
NEGROS E OS EFEITOS EM SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

Walter Hugo de Souza Rodrigues

Anápolis-GO

2023

WALTER HUGO DE SOUZA RODRIGUES

**ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÕES DOS CORPOS DOS HOMENS
NEGROS E OS EFEITOS EM SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – PPG-IELT, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias. Linha de pesquisa: Linguagem e Práticas Sociais; Eixo Temático: Processos Educativos, Linguagem e Tecnologias

Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Lopes Pereira

Anápolis-GO, 2023

**ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÕES DOS CORPOS DOS HOMENS NEGROS
E OS EFEITOS EM SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

Esta dissertação foi considerada aprovada para a obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias, pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás PPG/IELT/UEG, em 31 de janeiro de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ariovaldo Lopes Pereira
(PPG-IELT/UEG – Universidade Estadual de Goiás - UEG)
Orientador /Presidente

Prof. Dr. Sostenes Cezar de Lima
(PPG-IELT/UEG – Universidade Estadual de Goiás - UEG)
Membro Interno

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva
(Programa de Pós-Graduação em Linguística / PPGL – Universidade de Brasília/ UnB)
Membro Externo

Prof^a. Dr^a. Barbra do Rosário Sabota Silva
(PPG-IELT/UEG – Universidade Estadual de Goiás - UEG)
Suplente Interno

Anápolis-GO, 31 de janeiro de 2023

Dedico este trabalho ao povo negro, mas em especial aos homens negros pelo simples fato deles merecerem amar e serem amados em todos os sentidos da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao **universo** por me proporcionar essa experiência de (re)descobertas sobre mim e sobre o outro, mas acima de tudo, pela oportunidade de fazer dessa vivência um caminho de processo de cura, pertencimento e potencialidades que posso ter e fazer no mundo.

Faça um agradecimento com muito afeto à minha **família** e demais parentes, em especial a minha mãe Cida, minha irmã Camylla, minha sobrinha Giovanna e tia-avó Dona Cota, pelo apoio e estímulo em todas as etapas felizes e difíceis que passei ao longo do processo de construção dessa pesquisa e que só elas, mulheres muito fortes e que as tenho com muito orgulho e amor, sabem como foi lidar comigo em meio a distância física, as emoções e o acolhimento. E grato também ao meu pai Walter (Pelé) que, no seu jeito possível de paternar, não somente me fez ver os homens negros com mais empatia, mas compreendê-los em todas as suas camadas ao longo de suas vidas.

Os meus mais sinceros, carregados de emoção, em agradecimentos ao meu **companheiro** Juber, e praticamente um mentor, agradeço pelo apoio, disponibilidade, conhecimentos e também pelo amor em seu modo mais amplo, afetiva e efetivamente, que esteve presente nos atos cotidianos com as pequenas coisas e simbólicas que foram essenciais ao longo dessa jornada.

Faço um louvável agradecimento ao **PPG-IELT**, desde os seus servidores administrativos em momentos pontuais, aos professores que foram e serão sempre referências de como o fazer docente é transformador, principalmente como estímulo em seguir o meu sonho de ser professor. Sendo algumas em particular que me mostraram o orgulho que é estar em sala de aula e viver a vida acadêmica como meio de transformação social com e para a sociedade. E sem deixar de fora um agradecimento muito carinho a senhorinha da lanchonete do campus que num gesto simples de me emprestar uma caneta para a prova e desejar boa sorte e torcida durante o processo seletivo para entrar no mestrado na época, assim se concretizou.

Agradeço aqui, assim como fiz durante quase todos os dias por mensagens de texto, a minha gratidão ao meu **orientador** Dr. Ariovaldo Lopes Pereira, o “desorientador” mais humano, compreensivo, entusiasmado, empenhado e que acreditou no meu potencial e pesquisa desde o início. Foram suas contribuições mesmo que nas formalidades de orientando e orientador, mas que ultrapassaram e se tornaram as de um amigo. Gratidão pelos nossos santos baterem e conseguirmos fazer desde o início uma parceria que só um virginiano e um capricorniano como nós conseguiríamos construir. E agradeço também a **banca avaliadora** que me instruiu e me potencializou de maneiras que eu não imaginava enquanto pesquisador e que contribuíram demasiadamente em todas as etapas até o momento final dessa jornada.

LISTA DE QUADROS

Quadro1	Identificação inicial sobre o entrevistado Gabriel para a pesquisa	86
Quadro2	Identificação inicial sobre o entrevistado Zé Henrique para a pesquisa	86
Quadro3	Identificação inicial sobre o entrevistado Diego para a pesquisa	87

LISTA DE IMAGENS

Imagem1	Descrição de um garoto de programa negro em anúncio de jornal	26
Imagem2	Anúncio de aluguel de escravizados e o oferecimento de uma mulher “creola”	27
Imagem3	Anúncio de venda de um escravizado com sua descrição física	27
Imagem4	Anúncio com descrição física de um escravizado	28
Imagem5	Ilustração simbólica da “Tríade dos Homens Negros”	90
Imagem6	Homem negro trans falando sobre o “padrão CISTemático	113
Imagem7	Caso do homem negro trans Demétrio Campo	118
Imagem8	1º jogador negro a se assumir gay no futebol inglês	133
Imagem9	Reaja a violência racial: “Beije sua preta em praça pública” (Autor Ori)	138

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais
art. - Artigo
BBB - Big Brother Brasil
BBC - Big Black Cock
CB - Correio Braziliense
Cis - Cisgênero
COHAB - Companhia de Habitação
Covid-19 - Junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease e ao seu ano de 2019
DF - Distrito Federal
DST - Doença Sexualmente Transmissível
GEMAA - Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ipea - Pesquisa Econômica Aplicada
LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais e outras identidades de gênero.
MBB - Meninos Bons de Bola
MC's - Mestres de Cerimônias
MNU - Movimento Negro Unificado
MSN - The Microsoft Network ou Messenger (programa de mensagens instantâneas)
PCD - Pessoa com deficiência
PL - Projeto de Lei
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PPG-IELT - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias
SUS - Sistema Único de Saúde
TCC - Trabalho de conclusão de curso
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação
Trans - Transgênero
TV - Televisão
UEG - Universidade Estadual de Goiás
Unesp - Universidade Estadual Paulista
UOL - Universo Online
USP - Universidade de São Paulo

RODRIGUES, Walter Hugo de Souza Rodrigues. *Estereótipos e Representações dos Corpos dos Homens Negros e os efeitos em suas Construções Identitárias*. Dissertação, 2023, 159p. [Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias]. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, da UEG-Universidade Estadual de Goiás.

RESUMO

A proposta dessa pesquisa foi refletir de forma crítica sobre as vivências e construções identitárias dos homens negros em meio aos estereótipos e representações sobre os seus corpos e suas vidas. Buscamos por meio de entrevistas, contanto com alguns participantes de diferentes regiões do país e perspectivas distintas entre si, as narrativas e percepções desses sujeitos e suas implicações socioculturais a fim de compreender o que é ser um homem negro em nossa sociedade. A partir dessas vozes e com essas vozes conseguimos discutir com mais profundidade e seriedade que a temática – intrinsecamente vinculada aos estudos sobre identidade, estereótipos e representação (HALL, 2016; hooks, 2019; WOODWARD, 2011), questões raciais (ALMEIDA, 2020; BENTO, 2022), e as masculinidades negras (BOLA, 2020; FANON, 2008; PINHO, 2004; RESTIER & MALUNGO, 2019; SANTANA, MORJAN & CONCEIÇÃO, 2021; VIGOYA, 2018)– requeria. Posto isso, construímos a chamada “Tríade dos Homens Negros”, uma proposta ilustrativa baseada na ideia da interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), para nos auxiliar na identificação dos atravessamentos mais latentes nas vidas dos homens negros como as violências, objetificações e afetividades que circulam em fases desde a infância, adolescência até a fase adulta, e os desdobramentos dessas vivências. Além disso, nosso estudo jogou luz aos discursos e imagens construídas e reproduzidas sobre os homens negros desde o período colonial brasileiro até o universo das mídias tradicionais e as redes sociais da atualidade, visando identificar os caminhos e os meios pelos quais os estereótipos e as representações se constituíram em parte do imaginário e das relações de poder da nossa sociedade.

Palavras-chave: Homem negro. Estereótipos. Representação. Mídias. Construção identitária.

RODRIGUES, Walter Hugo de Souza. *Stereotypes and Representations of Black Men's bodies and the effects on their identity constructions*. Dissertation, 2023, 159p. [Interdisciplinary MA Program in Education, Language and Technologies]. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, da UEG –State University of Goiás.

ABSTRACT

The purpose of this research was to critically reflect on the experiences and identity constructions of black men in the midst of stereotypes and representations about their bodies and their lives. We sought through interviews, with some participants from different regions of the country and different perspectives, the narratives and perceptions of these subjects and their sociocultural implications in order to understand what it is to be a black man in our society. From these voices and with these voices we were able to discuss in more depth and seriousness the theme – intrinsically linked to studies on identity, stereotypes and representation (HALL, 2016; hooks, 2019; WOODWARD, 2011), racial issues (ALMEIDA, 2020; BENTO, 2022), and black masculinities (BOLA, 2020; FANON, 2008; PINHO, 2004; RESTIER & MALUNGO, 2019; SANTANA, MORJAN & CONCEIÇÃO, 2021; VIGOYA, 2018) – required. That said, we built the so-called "Black Men's Triad", an illustrative proposal based on the idea of intersectionality (CRENSHAW, 2002), to help us identify the most latent crossings in the lives of black men, such as the violence, objectifications and affections that circulate in phases from childhood, adolescence to adulthood, and the consequences of these experiences. In addition, our study shed light on the discourses and images constructed and reproduced about black men from the Brazilian colonial period to the universe of traditional media and current social networks, aiming to identify the ways and means by which stereotypes and representations constituted part of the imaginary and power relations of our society.

Keywords: Black man. Stereotypes. Representation. Media. identity construction

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - DA COLÔNIA À ATUALIDADE: (DES)CONSTRUINDO CORPOS E IDENTIDADES NEGRAS.....	25
1.1 O corpo do homem negro e suas representações e construções identitárias.....	25
1.2 Representação e Identidade	29
1.3 O homem negro nas relações sociais e no imaginário popular colonial.....	32
1.4 Mercadoria para o trabalho e objeto para o prazer.....	33
1.5 A escravidão e as feridas abertas que ainda não fecharam.....	35
CAPÍTULO II - DAS MÍDIAS TRADICIONAIS AS AS REDES DIGITAIS: CORPOS E IDENTIDADES NEGRAS EM FOCO	41
2.1 As mídias nas sociedades modernas	41
2.2 Representações midiáticas.....	43
2.3 Representações negras nas mídias	45
2.3.1 Literatura	46
2.3.2 Rádio	49
2.3.2.1 Músicas.....	50
2.3.2.2 Podcasts.....	51
2.3.3 Televisão	52
2.3.3.1 Novelas.....	52
2.3.3.2 Séries	54
2.3.3.3 Cinema	55
2.3.4 Jornalismo	59
2.3.5 Internet	62
2.3.5.1 Racismo online	62
2.3.5.2 Redes sociais e sua ressignificação universo digital	64
CAPÍTULO III - PERCURSOS METODOLÓGICOS	67
3.1 Metodologia	67
3.2 Pesquisa bibliográfica.....	68
3.3 O Twitter como recurso de pesquisa.....	69
3.4 Os participantes das entrevistas	72

CAPÍTULO IV - AS MASCULINIDADES NEGRAS.....75

4.1 O ser homem: patriarcado e masculinidade	75
4.2 Estudos sobre as masculinidades negras.....	78
4.3 Marcadores sociais	80
4.4 Interseccionalidade.....	80
4.5 Homem negro no plural.....	82
4.6 Estereótipos e imagens de controle.....	82
4.7 Perfis das masculinidades.....	85

CAPÍTULO V - MASCULINIDADES NEGRAS E SUAS INTERSECCIONALIDADES: UMA LEITURA DE MIM MESMO E DOS OUTROS 89

5.1 A tríade dos homens negros	89
5.2 Violências.....	91
5.2.1 Violência psicológica e saúde mental	92
5.2.2 Violência física.....	93
5.2.2.1 Exemplos de estereótipos relacionados a violência.....	97
5.2.3 Violência sexual	98
5.3 Objetificações.....	100
5.3.1 Corpo objeto.....	101
5.3.1.2 O corpo negro projetado para usos e serviços desde a infância.....	101
5.3.1.3 Exemplos de estereótipos relacionados a força física	102
5.3.2 Corpo hipersexualizado	104
5.3.2.1 As descobertas do corpo e da sexualidade na adolescência	104
5.3.2.2 Estereótipos relacionados a hipersexualização	107
5.3.3 Corpo abjetificado	112
5.3.3.1 Outros corpos e vivências que estão fora da norma	112
5.3.3.2 Transmasculinidades Negras	113
5.3.3.3 Ser o sujeito abjeto	119
5.4 Afetividades	121
5.4.1 O afeto começa pela família	122
5.4.2 Paternidade.....	122
5.4.2.1 Exemplos de estereótipos e ensinamentos de pai.....	124
5.4.3 Autoestima	125
5.4.3.1 Infância.....	125
5.4.4 Tornar-se ou perceber-se negro?.....	130
5.4.5 Amizade	132

5.4.5.1 As redes de amigos para a (re)construção da autoestima	132
5.4.6 Afeto.....	135
5.4.6.1. O afeto nas relações amorosas	135
5.4.6.2 O afeto nos ambientes virtuais	139
5.4.6.3 Breves considerações sobre a análise.....	140
CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS.....	141
REFERÊNCIAS.....	147
ANEXOS.....	153
Anexo 1 – Roteiro de Entrevistas	153
Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	156

INTRODUÇÃO

*Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar
Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver
Preciso me encontrar (Cartola)*

A procura pela própria história, seus antepassados e ancestralidade é uma corrente positiva que vem ganhando destaque e importância na vida de milhares de pessoas autodeclaradas negras no Brasil. Impulsionado pelo Movimento Negro, em especial pelas mulheres negras – movimento feminista, essa busca visa promover ou mesmo despertar uma consciência, valorização e orgulho de suas raízes e de seus pares, mas para além disso, essa busca toca em uma questão ainda maior e mais profunda no percurso de suas vidas e na própria história do país: o racismo.

Falar de toda a problemática do racismo, em especial no Brasil, carrega uma complexidade a mais se comparado a outros países e sociedades. Em primeiro lugar, é importante compreender que o racismo em nosso país é estrutural, ou seja, é um sistema de sustentação discriminatório baseado em uma ideia de raça, construído ao longo do tempo através de teorias políticas, científicas, filosóficas e religiosas, e normalizado em nossa sociedade por meio de falas, costumes e hábitos cotidianos. Em outras palavras, são práticas conscientes e/ou inconscientes de inferiorização enraizadas em todas as esferas da sociedade. Segundo Silvio de Almeida,

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2020, p.50)

O segundo ponto fundamental para se discutir o racismo no Brasil é perceber os caminhos construídos por esse sistema, como a miscigenação e o mito da democracia racial. Essas são duas peças importantes para se compreender como o racismo são dinâmicas e

muitas vezes veladas, gerando com isso a falácia de que o Brasil – último país a abolir a escravidão, no ano de 1888¹ - não seria um país racista, mas sim de harmonia entre as raças.

Na realidade é perceptível que não houve uma transcendência e que é falsa essa aparente e fantasiosa harmonia entre negros/as e brancos/as. Certamente isso mascara questões ainda não superadas, ou mesmo enfrentadas sobre nossa incapacidade de superar questões raciais tão arraigadas nas nossas bases segregadoras. E validando essa visão sobre a temática, Kabengele Munanga (1999) pontua inclusive que tais mecanismos se transformaram tão profundamente na realidade e imaginário brasileiro ao nível de naturalização onde se

[...] exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. (MUNANGA, 1999, p.80)

Além disso, para compreendermos melhor esse dinamismo e as variadas faces com que a discriminação racial, o preconceito e racismo² agem em nosso país e sociedade, é importante jogar luz no tema do Colorismo – também conhecido como pigmentocracia, ou seja, a discriminação racial baseada em uma régua de cores, tons e fenotípias. Trata-se de um assunto que mexe particularmente – embora não exclusivamente – com pessoas negras de pele retinta³, mas que é de extrema necessidade para todas as pessoas, tanto negras quanto não

¹ O texto do decreto, extremamente sucinto, diz apenas:

A Assembléia Geral decreta:

Art. 1º - É declarada extinta, desde a data desta lei, a escravidão no Brasil

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário

Paço do Senado, em 13 de maio de Maio de 1888

No acervo da Biblioteca Nacional é possível ter acesso ao documento original em sua versão digital, disponível em: <<https://www.bn.gov.br/es/node/2060>> Acesso em: 09 fev 2022.

² Esses conceitos são importantes para compreendermos as nuances e de alguma maneira as sutilezas (embora nem sempre tão sutis) que atravessam e perpassam toda essa estrutura tão naturalizada e muitas vezes ignorada, sendo consideradas vitimismo, mal entendido ou incompreensão, aqui usamos como base algo simples, mas de fundamental importância e fácil compreensão que é o documento *Brasil, Gênero e Raça*, lançado pelo Ministério do Trabalho, que define: Várias são as incompreensões existentes entre os termos **Preconceito**, **Racismo** e **Discriminação**.

Racismo – "a ideologia que postula a existência de hierarquia entre grupos humanos";

Preconceito - uma indisposição, um julgamento prévio negativo que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos";

Discriminação – "é o nome que se dá para a conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como: a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros". Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/w3/ceddhc/bdados/cartilha14.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

³ No site “todos os negros do mundo”, um texto aborda um pouco a questão das diferenças vivenciadas pelo colorismo entre retintos e não retintos, certamente a matéria nem de longe finaliza o debate, antes, porém, sinaliza muitos pontos que merecem ser expostos e problematizados diante da temática. Por exemplo: “No colorismo, os negros retintos sentem uma angústia tremenda. Eles sabem que mesmo depois de passar pelo

negras. Nesse sentido, reconhecer a existência desse fenômeno e provocar discussões acerca dele são ações urgentes em um país que ainda tem dificuldades e desafios quanto a sua própria identidade e realidade.

O perfil demográfico brasileiro traçado pelo IBGE indica que 56% da população do país é negra. Um grupo compreendido, portanto, como não brancos, composto por denominações classificadas pelo IBGE como pardos, os negros claros que correspondem a 46,6% da população, e os pretos, que são 9,3 desta. Em termos metodológicos, o IBGE traça um elo racial e político entre os pretos e pardos, indicando a sua oposição àquilo que se convencionou chamar de branco. Estar em polos opostos em termos raciais significa, historicamente, obter vantagens ou estar submetido a prejuízos, inobstante a adesão ou o repúdio ao sistema hierárquico racial. (DEVULSKY, 2021, p.23)

Se partíssemos unicamente da dimensão demográfica no país poderíamos apenas questionar, reforçando o senso comum, como o Brasil pode ser um lugar onde mais da metade da população é negra, mas ainda assim ser um país tão fortemente atravessado pelo racismo? Daí a importância de nos aprofundarmos ainda mais na história, nas camadas e nos mecanismos que sustentam e moldam a vida de homens e mulheres negras no Brasil. Afinal, vivemos em uma nação repleta de desigualdades sociais, culturais, étnico-raciais, de gênero e sexualidade, entre tantos outros marcadores sociais, do norte ao sul do país.

Para entendermos de onde partem e como se formam essas concepções, acreditamos ser necessário assimilarmos os conceitos de discurso e ideologia, duas peças importantes para a nossa linha de pensamento. Tomando a definição do linguista Norman Fairclough (2001), entendemos que o discurso “é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (p. 91), ou seja, é um movimento dinâmico de expressões, linguagens, sinais (geralmente orais e escritos) significando e dando sentido ao que conhecemos, contemplando todas as dimensões da estrutura social, por isso o discurso está diretamente ligado a constituição das identidades individuais e coletivas. Em consonância com os discursos, emerge a noção de ideologia que, de acordo com Fairclough, é caracterizada por relações de dominação. Nesse sentido, como pontua Batista Jr., Sato e Melo (2018), as ideologias “podem contribuir para instaurar, sustentar ou transformar relações sociais de poder, dominação e exploração” (p.109). A partir dessas noções começamos a visualizar melhor a disposição de falas e atitudes racistas,

processo do empoderamento, o colorismo sempre estará ali, para nos lembrar que enfrentaremos outro desafio: O problema de ser apagado e desautorizado o tempo todo. E se nenhum retinto lhe contou isso, fique sabendo, é assim que nos sentimos o tempo todo. Infelizmente, eu acabei descobrindo que o meu tom de pele precisa inegavelmente ser exterminado, silenciado e invisibilizado, pelos brancos e as vezes dentro do próprio movimento negro no Brasil também. Em alguns espaços, a nossa voz é inutilizada e descartada. A negação do negro retinto é real”. Disponível em: <<https://todosnegrosdomundo.com.br/2postser-negro-retinto/>> Acesso em: 11 fev. 2022

machistas, homofóbicas, xenofóbicas, entre outros tantos mecanismos impositivos e discriminatórios que foram usados ao longo da história e até os dias de hoje.

Aos homens negros, talvez, as cobranças que advêm desses discursos hegemônicos sejam ainda mais acentuadas, pois estes são ensinados e muitas vezes constrangidos a seguirem a rígida conduta da heterocisnormatividade e assim serem vistos e “aceitos” de acordo com os papéis sociais estabelecidos. Esses papéis são, na maioria das vezes naturalizados e nem sempre problematizados, o que reforça a prática e normalização desses discursos com as questões identitárias do povo negro que são intensamente atravessadas por tópicos como as representações, os estereótipos e as masculinidades negras.

A masculinidade é apresentada aqui de maneira plural, ou seja, masculinidades, pois, este homem é constituído por/em possibilidades - o que não quer dizer oportunidades -, múltiplas de experimentar e expressar sua sexualidade, performance e vivência. O fio condutor perpassa a questão do que é ou não ser um homem negro em nossa sociedade, considerando mecanismos e marcadores como, raça/etnia, classe, gênero.

Compreendemos a partir de Foucault (1996) que “o discurso é uma representação culturalmente construída pela realidade, não uma cópia exata”. Esses discursos ganham força e desta maneira são legitimados e acabam reforçando ou corroborando para a construção dos estereótipos raciais.

Ao longo da vida, inevitavelmente, passamos todos pela leitura uns dos outros sob caixas de estereotipação. E a respeito desses estereótipos, há a geração de discursos e imagens que os relacionam a violências, objetificações e afetividades sobre as nossas vidas, logo, sobre os nossos corpos, neste caso o dos homens negros (algo ainda mais naturalizado em relação à mulher negra). Assim, aos homens negros, desde o período colonial, vincularam-se no imaginário brasileiro ideias e suposições a respeito de suas vidas e corpos, como o tamanho do seu órgão genital e da sua performance sexual, colocando-os na condição de sujeitos objetificados e animalizados. Tais discursos, enraizados na sociedade capitalista machista como a brasileira, em que o ser humano é visto como objeto de consumo, projeta em jovens e homens negros a condição de servir para tal função, de suprir expectativas e usar seu corpo para a satisfação do outro. E como consequência de tudo isso resultam em efeitos nas suas afetividades, como a autoestima e relações.

Tem-se ainda nessa relação dos corpos dos homens negros, logo com suas vidas, o que chamamos de objetificações (sendo eles: corpo objeto, corpo hipersexualizado e corpo abjetificado). Entendemos que as objetificações são condições nocivas sobre as vidas de homens negros, pois abre a possibilidade de segregá-los entre os que atendem e não atendem

aos modelos e padrões impostos em nossa sociedade. Nesse sentido, nos referimos aqueles considerados fora dos padrões de beleza, tendo seus corpos preteridos e desprezados, seja em aplicativos de relacionamentos, seja nas relações sociais e interpessoais. Seus corpos são vistos como abjetos e, como tal, para serem aceitos ou mesmo desejados necessitam chegar a um modelo ideal de corpo e performance.

Toda essa dinâmica é promovida pela sociedade em diferentes ambientes e plataformas, como nas mídias tradicionais que conhecemos, mas também potencializadas pelas redes sociais, como o microblog *Twitter*, por exemplo, que corroboram em dar espaço a esses discursos e neles contidos possíveis resquícios de colonialidade e ao mesmo tempo, por outro lado, possibilitando aos homens negros ressignificarem essas expressões como sinais de resistência.

A construção desta pesquisa se dá a partir do que é ser homem, do que é ser negro, e do que é ser um homem negro. A determinação do que é ser um homem negro precede o que é ser homem quando este é sentenciado muitas vezes antes mesmo do seu nascimento. Este fato apenas legitima sua trajetória na sociedade racista, patriarcal e machista em que este sujeito está inserido. Neste sentido, podemos refletir que muitas vezes essa sentença, ou essas categorias de homem, negro, ou homem e negro, se apresentam como:

[...] agressões verbais que marcam a consciência. São traumatismos sentidos de modo mais ou menos violento no instante, mas que se inscrevem na memória e no corpo (pois a timidez, o constrangimento, a vergonha são atitudes corporais produzidas pela hostilidade do mundo exterior). E uma das consequências da injúria é moldar a relação com os outros e com o mundo (ERIBON, 2008, p. 27).

A presente pesquisa é reflexo ainda da minha própria experiência enquanto homem negro. Por isso busquei resgatar memórias e inquietações construídas ao longo dos anos e das vivências consideradas das mais simples até as mais complexas que moldam as nossas identidades. E sendo eu, filho de uma mãe branca e de um pai negro retinto, sentia desde criança uma certa sensação de deslocamento, um não pertencimento ou algum outro sentimento que não consigo nomear mais fielmente em ocasiões onde notava que a maioria dos meus familiares eram de pele clara, de cabelos ondulados a lisos, e por outro lado havia apenas uma pequena parcela de pessoas com pele escura, com cabelos cacheados a crespos. Fosse de um lado ou de outro, percebia as diferenças de traços físicos, mas ainda não entendia o que realmente havia de significado e significativo nessa questão. Percebia ali que não éramos uma família como a maioria (assim como a família tradicional de propaganda de margarina em comercial de TV), e a interracialidade muitas vezes me trazia certo desconforto por algumas situações que na época não conseguia ter entendimento ou percepção, mas que

olhando para trás, hoje, consigo nomear e perceber como parte desse processo que experimentei na minha formação e construção como homem negro tinha nome e sobrenome.

Tal sensação ganhou mais força e introjeção no ambiente escolar, mais especificamente, em uma escola pública, um dos primeiros lugares e de maior concentração onde nos deparamos com as diferenças nos quesitos de raça, classe e gênero, principalmente. Dentre algumas lembranças que tenho daquele período de minha formação acadêmica e social, consigo destacar as aulas de educação física, onde nos separavam em grupos de meninos e meninas, distinguindo-nos de acordo com o gênero nos jogos e atividades. Sendo nesse momento que as questões de masculinidade mais nitidamente começam a se desenvolver. Mas o ambiente escolar para mim, assim como para praticamente todas as crianças é um ambiente de infinitas descobertas, acertos e erros que só com o tempo e instrução conseguimos ter dimensão e melhor guiam nossas ações no futuro.

Apenas para se ter uma prévia dessas recordações que pareciam habituais mas que eram significativas e refletiam nas nossas relações sociais, eram muito comuns nas confraternizações e ocasiões, principalmente nas escolas, onde cabia ao menino levar apenas o refrigerante e as meninas os salgados e os doces. Me recordo que na época de escola, nos anos iniciais, assim como aconteceu no ensino fundamental, praticamente eram decisões inquestionáveis entre as turmas sobre essas decisões, pois eram como verdadeiros consensos. O questionamento que já fazia na época e ainda faço é como isso se tornou uma convenção tão natural e desigual de algo que em teoria seria tão simples (e muito justo) de resolver, mas na prática são tão problemáticas até hoje, quando revejo essas mesmas situações se repetindo com a geração da minha sobrinha que ainda está na etapa da escolinha. E para além de exemplos cotidianos da minha trajetória, ainda almejo resgatar e contribuir nas discussões com outras questões que nunca antes foram respondidas e tantas outras problematizadas mas sem a devida seriedade que necessitam, desde raça, classe, gênero, sexualidade, geração, deficiências, etc.

Na minha trajetória, a questão de classe, por exemplo, se acentuou quando iniciei a vida acadêmica, como bolsista, em uma universidade privada em Brasília. O ambiente universitário nos proporciona experiências muito ricas e importantes para o nosso crescimento profissional e, muitas vezes, para o nosso amadurecimento pessoal e relacional, já que, por estarmos inseridos em um ambiente onde há pessoas com poder aquisitivo visivelmente distintos, não nos resta escolha, muitas das vezes, de caminhar de acordo com o jogo e as dinâmicas de poder.

O ponto que nunca deixou de estar ligado com as questões de classe e gênero que comecei a referenciar nos parágrafos anteriores foram as questões de raça, algo que tanto para um homem negro quanto para uma mulher negra sempre esteve vinculado, pois esse é o principal marcador que molda toda a sua vida.

Ao longo da minha jornada até este momento, com todos os marcadores sociais, experiências sentidas, descobertas sobre mim, sobre o mundo, sobre todos os processos, traumas e violências (e aqui, felizmente, eu não estou me referindo sobre violências físicas, mas sobre as microagressões simbólicas que, enquanto homem negro, vi e vivi na pele). Ainda que me sentisse seguro dentro da minha “bolha social”, demorei um longo período até me perceber como indivíduo racialmente marcado nessa sociedade, na qual a minha vida tinha um modo muito bem estruturado de ser vista, sentida, construída e vivida. O outro, aquele diferente de mim, se tornou mais evidente em muitos sentidos. E aquele que se refletia em mim se tornou um novo mistério para duplamente descobrir, é como diria Neusa Santos Souza, é o tornar-se negro.

Mergulhar sobre os estudos raciais, mais especificamente sobre as masculinidades negras, como as questões de violências, objetificações e afetividades sobre a vida e os corpos dos homens negros, se tornou mais latente a partir das minhas experiências afetivas. Outro fator que contribuiu para esse mergulho foram as observações que eu via na televisão, nos noticiários, nos livros, na escola, nas interações e amizades. Meu interesse pela temática tornou-se ainda mais intenso quando o universo da internet se constituiu parte integrante da minha vida. Era um adolescente descobrindo e confirmando estereótipos, estigmas e mais um mundo de imagens e discursos sobre os homens negros (que na verdade eram também sobre mim) foram percebidos e compreendidos.

Por fim, volto a bater na tecla das violências cotidianas, pois são dores diversas que nos impactam a todos de muitas maneiras. É cansativo ler aquela notícia sobre os dados de desigualdades sociais que atingem o povo negro. É imensa a aflição de ver na televisão sobre a morte de mais um corpo negro. É desgastante ouvir discursos racistas camuflados de “opinião” na internet desumanizando mais uma pessoa negra por conta do seu físico, do seu nível de melanina na pele, da sua sexualidade, das suas habilidades cognitivas ou mesmo do seu intelecto. Definitivamente parece ser um crime, um pecado, uma afronta ser negro no Brasil! O suspiro que fecha esse desabafo não é para ser um fim, mas para começar um parágrafo de novas histórias. E no fim das contas é sobre perspectivas e sobre as vidas que deixam de ser vividas. Como dizem na internet: “É sobre isso... e não está nada bem”.

Relevância da pesquisa para a área de conhecimento

A presente pesquisa se vincula aos estudos linguísticos, pois abordará o universo das narrativas, discursos e linguagens, promovendo aqui estudos “que exerçam ações de contrapoder, de contraideologia, de resistência à opressão social” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p. 64). Afinal, compreendendo o meu papel de pesquisador negro, aliados às minhas motivações pessoais e profissionais, vislumbro atravessar obstáculos investigativos e abrir novas possibilidades para outros futuros pesquisadores das áreas de educação, linguagem e tecnologias, em especial mulheres e homens negros, para que somando nossos estudos sejamos resistência, para uma academia que almeja transformar e ser transformada seja referência, e para a nossa sociedade uma revisão de consciência.

Penso na relevância de uma pesquisa como essa no momento atual em que vivemos, tanto no Brasil quanto no mundo, principalmente após as bárbaras mortes do adolescente negro João Pedro (2020), do imigrante congolês Moïse Kabagambe (2022) no Rio de Janeiro, a do homem negro George Floyd (2020), em Minneapolis, nos Estados Unidos, que culminou em uma onda de protestos contra o racismo, nomeada como *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam), e impactou e mobilizou milhares de pessoas em todo o mundo e ainda vem reverberando, trazendo desdobramentos que fortalecem os movimentos negros e de diversas comunidades ao redor do mundo, abrindo debates sobre questões relacionadas a classe, identidade, raça/etnia e direitos humanos.

Além disso, a pesquisa vai ao encontro de outros tantos estudos e debates sobre racismo⁴, questões sociais, além da promissora discussão sobre masculinidades, em especial as masculinidades negras⁵, que já estavam em pauta e ganharam mais espaço nos ambientes reais e virtuais nos últimos tempos. E todas essas investigações se tornam valiosos meios de promover resistências, representatividades e, na melhor das consequências, provocar mudanças significativas nos âmbitos social e acadêmico.

⁴ Poderíamos listar uma bibliografia diversa de estudos sobre as questões raciais e sociais no Brasil e no mundo, mas a título de ilustração, temos a Coleção Feminismos Plurais, organizado pela filósofa e escritora Djamila Ribeiro, com livros escritos e publicados por pessoas negras debatendo diversos assuntos emergentes para a sociedade brasileira, como a obra “Lugar de Fala”, escrita também por Djamila, a obra “Interseccionalidade”, por Carla Akotirene; “Colorismo”, por Alessandra Devulsky; “Encarceramento em Massa”, por Juliana Borges; “Empoderamento”, por Joice Berth; “Racismo Recreativo”, por Adilson Moreira; “Apropriação Cultural”, por Rodney William e a obra “Racismo Estrutural”, por Silvio Almeida

⁵ Elencamos aqui dois estudos recentes que consideramos muito relevantes e comprometidos com a temática: a obra “Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades” (2018), organizado por Henrique Restier e Rolf Malungo de Souza, estudos que já estão nos auxiliando nesta pesquisa, e a obra “Transmasculinidades Negras - Narrativas Plurais em Primeira Pessoa” (2021), organizado por Bruno Santana, Leonardo Morjan Britto Peçanha e Vércio Gonçalves Conceição, que futuramente será melhor abordado.

Objetivo geral

O objetivo central deste estudo é propor uma reflexão crítica sobre as vivências e construções identitárias de homens negros em meio aos estereótipos e representações sobre os seus corpos e suas vidas, buscando por meio das narrativas e percepções desses sujeitos e suas implicações socioculturais, compreender o que é ser um homem negro em nossa sociedade.

Objetivos específicos

Buscamos identificar e analisar discursos de estereótipos e representações dos corpos dos homens negros nas mídias e nas redes sociais na atualidade, embora sejamos conscientes que essa análise não terá seu fim em si mesma, visto que são pontos de partida que muitas vezes poderá ter outros desdobramentos ou abrir caminhos para novas análises.

Refletimos sobre possíveis resquícios de colonialidade referentes ao corpo do homem negro, uma vez escravizado, que agora se expressam em representações desses homens apresentados nas redes sociais muitas vezes de maneira implícita ou mesmo naturalizada.

Buscamos, ainda, compreender as construções de identidades e implicações socioculturais desse fenômeno na vida dos homens negros sob uma noção mais ampla com as masculinidades negras que existem na sociedade a partir das narrativas, reflexões e análises que serão obtidas ao final do trabalho.

Perguntas de pesquisa

As inquietações que servem como motivação para o desenvolvimento da pesquisa, acabam por gerar algumas indagações, dentre elas: como se manifestam discursos de estereótipos em representações dos corpos dos homens negros nas mídias e principalmente nas redes sociais? Que resquícios de discursos coloniais referentes ao corpo do homem negro se fazem presentes nessas representações? E ainda, quais as implicações socioculturais e da construção identitária advindas dos discursos de estereótipos e representações dos corpos dos homens negros na sociedade em geral e em suas próprias vidas? Acreditamos que essas perguntas por vezes podem se sobrepor umas às outras, visto que nem sempre podem ser respondidas de maneira isoladas, já que são cortadas ou transpassadas por eixos, categorias e análises que dialogam entre si.

Esta dissertação foi construída com todas as formalidades, técnicas e normas requeridas pelo meio acadêmico para esse tipo de pesquisa, mas buscamos promover uma conexão mais real com o leitor desse nosso estudo. Então seja você da universidade, da escola, pessoa comum que nunca leu uma dissertação de mestrado na vida, esta será uma ótima oportunidade para novos conhecimentos.

O que me motivou ainda mais foi falar de um assunto emergente e latente em nossa sociedade, mas fazê-lo de uma forma que fosse possível atender ao maior número de pessoas interessadas na temática ou mesmo que não conheciam ainda, mas que pudessem finalmente ter esse contato de uma forma simples e leve do início ao fim. Nesse sentido e muito por essa visão que me inspirei nos escritos da autora bell hooks, conhecida pelos seus trabalhos, mas mais ainda pelo jeito de fazer esse trabalho, que entrelaçava entre a formalidade e a impessoalidade de forma impecável e equilibrada em seus textos, falando diretamente como se fosse uma conversa entre amigos, colocando muitas vezes o dedo na ferida, mas no segundo seguinte te dando um abraço afetuoso entre um assunto e outro.

Esta é a minha maior referência e desejo para esse estudo, e que me leva a procurar retransmitir as emoções necessárias para as linhas desses textos que foram pensados cuidadosamente em contemplar a todos, todas, todes, pois o fazer acadêmico aqui é feito sobre a sociedade, mas devolvido para a sociedade como forma de transformação social. Que assim eu consiga chegar a esse sonho possível. Desejamos uma boa leitura e que façamos uma boa conversa de coração aberto.

CAPÍTULO I

DA COLÔNIA À ATUALIDADE: (DES)CONSTRUINDO CORPOS E IDENTIDADES NEGRAS

*“Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade”
(Identidade – Jorge Aragão)*

Para melhor condução e visualização do processo histórico dos discursos sobre os corpos e identidades do homem negro no Brasil, a dissertação foi dividida em capítulos temáticos, buscando mostrar um contraste entre o período colonial e a atualidade. A proposta deste capítulo inicial é apresentar as representações, as relações sociais e o imaginário popular no período colonial, passando ainda pela questão do corpo do homem negro enquanto mercadoria para o trabalho e objeto para o prazer, além de refletir sobre o período da escravidão e as feridas ainda abertas até os dias de hoje para pessoas negras e, claro, dos reflexos na vida dos homens negros.

1.1 O corpo do homem negro e suas representações e construções identitárias

Primeiramente, é interessante observar como ainda hoje não estamos acostumados ou habituados a construir imagens de personagens, referências ou outras representações onde instantaneamente acionamos a figura de pessoas negras em nossa mente - a não ser que nos seja descrita e claramente informada a fisionomia dos personagens e indivíduos - pois, historicamente e socialmente falando, acionamos os padrões estéticos para visualizarmos em nossa mente a imagem/figura de uma pessoa, sendo estas geralmente brancas. A reflexão aqui, entretanto, não tem a intenção de apontar se este é um ato intencionalmente racista ou não, mas refletir sobre como os sistemas discriminatórios em que estamos inseridos agem sobre nós até os dias de hoje. É importante considerar a partir de qual imaginário e de quais experiências esses padrões são acionados, possivelmente essas construções se darão em

perspectivas diferentes quando considerados a partir das descrições feitas, ou das narrativas utilizadas para construção dos personagens e seus apontamentos e experiências.

No que diz respeito às representações e construções identitárias do homem negro podemos recorrer a recursos bibliográficos, com obras originadas no período colonial, em imagens, sejam elas pinturas ou caricaturas do que seriam representações sob o olhar branco da época⁶, em textos de jornais que publicizavam notas, como os classificados que conhecemos hoje, de homens e mulheres escravizados ou fugidos que tinham ali descritas suas características físicas para serem reconhecidos e conduzidos como meros objetos de consumo e trabalho, por exemplo.

Partindo dessa primeira compreensão da relação das imagens e representações masculinas negras em veículos e meio diversos de comunicação que sempre tivemos desse a colônia, façamos uma breve passagem no tempo para visualizarmos através do anúncio abaixo, parte do estudo realizado por Rodrigues (2015), no estudo sobre os imaginários envoltos à prostituição masculina, expressas em anúncios de acompanhantes dos classificados de um jornal da capital. Nos interessa apresentar essa imagem já neste momento da pesquisa para ilustrar como os resquícios de colonialidade percorrem nos discursos, nas relações de modo geral e, inclusive, na construção de estereótipos raciais.

Figura 1: Descrição de um garoto de programa negro em anúncio de jornal

**RONY NEGRO 1,90m de prazer
porte Atlético. Super viril e sedutor
s/decepção 24h 919-1245**

Fonte: Classificados do Correio Braziliense (CB) (2002)

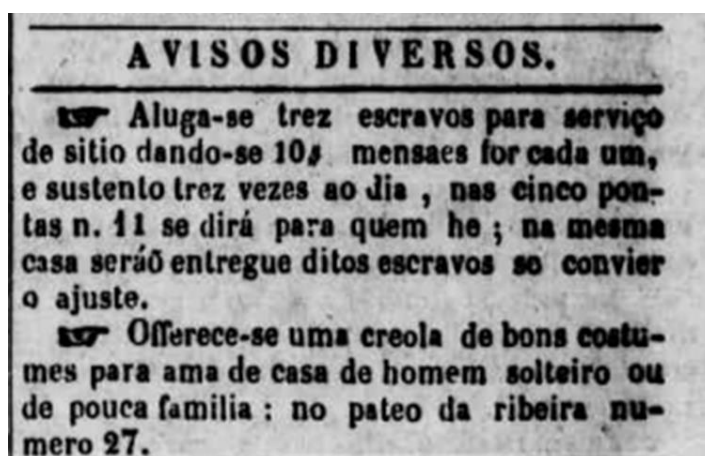
O anúncio em questão é um dos vários exemplos de recursos discursivos onde se promove a imagem e o corpo do homem negro numa relação de trabalho e consumo evidenciando suas características físicas e performáticas. Mas para além das pretensões desta publicação em específico, é importante destacar que mesmo com uma larga distância temporal entre essa imagem em pleno século XXI ainda há variados materiais e documentos, inclusive

⁶O “olhar branco” a que me refiro é quase uma regra, já que as narrativas, histórias e descrições quase sempre partem do colonizador, do opressor que expressa segundo suas experiências e seu olhar que atravessa e se sobrepõe na maioria das vezes sobre o lugar do outro, certamente há um outro olhar e outra narrativa se esse olhar deixa de ser branco

nos mesmos moldes textuais, que nos auxiliam nesta análise de como a figura de um povo foi sendo construída e reproduzida no imaginário e cultura brasileira ao longo dos séculos.

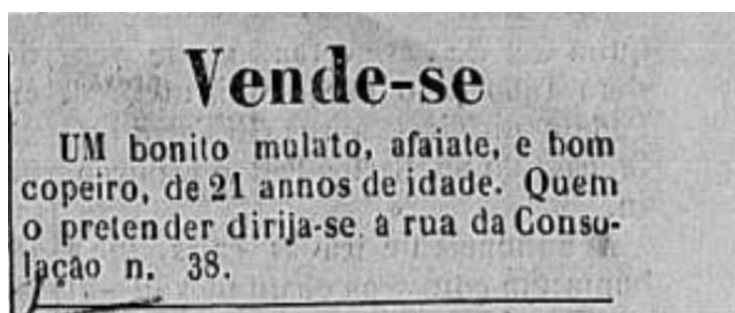
Recorremos a alguns anúncios feitos em jornais do século XIX, em que pessoas são comercializadas tendo a cor de sua pele como característica para as vendas. Nos anúncios termos como ‘creola’, ‘mulato’ e ‘escravo de cor preta’, são usados como categorias que sirvam talvez para “legitimar” a venda. Veremos a seguir, alguns exemplos anúncios comuns para a época⁷.

Figura 2: Anúncio de aluguel de escravizados e o oferecimento de uma mulher “creola”



Fonte: Site Vice

Figura 3: Anúncio de venda de um escravizado com sua descrição física

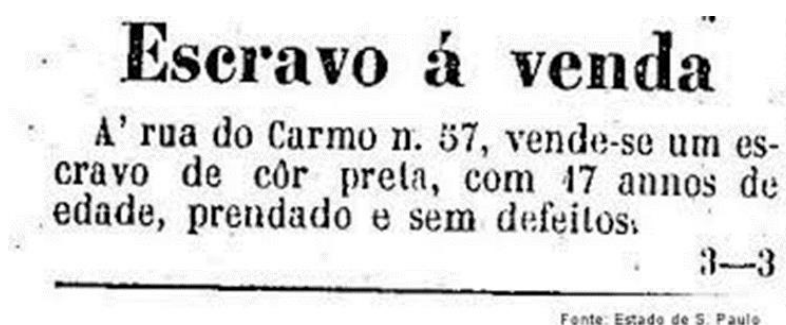


Fonte: Site Vice

⁷ Outros anúncios e materiais podem ser verificados em: < <https://www.cocobongo.com.br/blog/drandre/32-durante-a-escravidao-o-negro-era-vendido-como-mercadoria.html>>, < https://www.geledes.org.br/anuncios-de-escravos-os-classificados-da-epoca/?utm_source=www.cocobongo.com.br&utm_medium=referral&utm_content=portal_primenews&utm_campaign=hotfixpress> Acesso em: 09fev. 2022

É importante ressaltar ainda que no terceiro classificado outra categoria foi mencionada: o escravo em questão não apresentava “defeito”, o que nos dias de hoje equivale a pessoa sem deficiência ou que seja “capaz”, quando pensado a partir de um viés capacitista⁸ - subestimar, excluir ou limitar pessoas com deficiência com base em características limitantes por conta da deficiência ou condição genética. É possível perceber como a questão do corpo como um objeto em seu pleno funcionamento é um fator determinante nessa relação, se assim podemos caracterizar, de compra e venda desses escravizados.

Figura 4: Anúncio com descrição física de um escravizado



Fonte: Estadão

Embora esses anúncios tragam questões sociais do referido período, é importante não esquecer, que estamos falando de pessoas negras que eram coisificadas, ou seja, tinham sua humanidade negligenciada ou mesmo negada, e esses anúncios embora expressem o pensamento da época, não ficam restritos ou mais do que isso, não cessam ou são excluídos com o passar dos anos. Ainda nos dias atuais, de alguma maneira alguns destes costumes são perpetuados na figura da prima ou sobrinha do interior que é levada para a “capital”, para “ajudar” nos afazeres domésticos, não são raros os episódios do tipo, hoje muitas vezes caracterizado como trabalho análogo a escravidão.

Um exemplo que podemos referenciar sobre essas discussões chega através de uma das mais importantes obras brasileiras, e um marco na literatura do século XIX, a obra “O Mulato”, de Aluísio de Azevedo. Uma obra literária como esta, além de um recurso didático, ilustrativo e de entretenimento, possui um caráter informativo/instrutivo no que tange a sua linguagem e reflexões sobre o comportamento de toda uma sociedade, passando inclusive

⁸ Outras informações podem ser verificadas em:<
<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/11/capacitismo-subestimar-e-excluir-pessoas-com-deficiencia-tem-nome>> Acesso 14 fev 2022.

pelas possibilidades de construção de identidades individuais e coletivas, permitindo identificações com personagens, costumes e discursos.

O *Mulato* é um romance publicado em 1881, período onde o Brasil ainda era regido pelo sistema monárquico e estava no fervor da campanha abolicionista que se consolidava pelo país. A obra é classificada como uma das principais criações do escritor maranhense e considerada ainda o marco inaugural do movimento naturalista na literatura brasileira.

A história escrita por Aluísio de Azevedo ecoa até os dias de hoje como uma das mais importantes obras clássicas brasileiras por sua ousada crítica social, abordando temas sensíveis para o final do século XIX, e alguns ainda não superados em pleno século XXI. Sua essência e densidade foram constituídas através das bases do que é conhecido como Naturalismo, o que diz muito sobre as influências internas e externas da história, já que esta tinha o propósito também de refletir o pensamento, a cultura e os costumes da sociedade da época.

Trazer especialmente “O Mulato” neste momento da pesquisa, ainda que tivéssemos outras obras e materiais de tamanha importância, se justifica aqui para demonstrar algumas características mais ou menos em comum presentes nessa obra clássica da literatura brasileira e os vários dos temas sensíveis e urgentes que almejamos nos aprofundar nesta dissertação. Algumas das discussões nesse espelhamento da obra e o nosso estudo estão: a imagem e o corpo do homem negro representado em um período crucial para o Brasil naquela época, onde as questões em torno do mito da democracia racial, da miscigenação, colorismo, branquitude, machismo e masculinidades também se entrecruzavam, assim como temas basilares como o racismo e suas violências, preconceitos, estereótipos, entre outras que veremos ao longo da pesquisa. Porém, daremos a devida relevância ao tema das afetividades que carregam já em si uma grande relevância e que é de suma importância para as vidas negras desde a colônia à atualidade.

1.2 Representação e Identidade

A identidade, a diferença e a representação são fundamentais para o desenvolvimento humano e a maneira como as relações sociais, bem como as interações são constituídas. Dessa forma, podem marcar o pertencimento e a exclusão, ambas ocorrendo por meio de marcações simbólicas que estão relacionadas também pelo processo cultural ao qual pertencemos. É importante não desconsiderar que identidade e diferença estão intrinsecamente relacionadas,

ou melhor dizendo, “a identidade depende da diferença. (WOODWARD, 2011, p.40)”. E ainda segundo a autora “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (p.56).

Imediatamente quando cruzo a noção de posições que assumimos e com o que nos identificamos, inevitavelmente me vêm algumas lembranças da época de escola, fase onde a identidade e a representação são muito significativas e ganham uma dimensão muito grande para as mentes até então pouco críticas sobre o mundo. Me recordo muito da época do jardim de infância ou mesmo em casa quando ouvia cantigas clássicas como aquela do “boi da cara preta, pega o menino que tem medo de careta”, uma canção que mesmo simples diz muito nas entrelinhas.

Nessas memórias ainda me recordo de momentos de muita aflição quando tínhamos aulas no ensino fundamental sobre História do Brasil onde, embora eu tivesse tido a sorte de contar algumas vezes ao longo da minha trajetória escolar com professoras negras e muito engajadas nas questões raciais, ainda assim, para mim, como criança, ver imagens e ler histórias desse período colonial e de escravidão nos livros didáticos me provocavam sentimentos muito negativos, de horror e até auto-rejeição. Primeiro por serem ilustrações de corpos negros, tanto de homens, quanto de mulheres e até mesmo bebês e crianças sempre com seus corpos expostos. Estavam sempre em posições de servidão, ora posicionados – literalmente – como carteiras ou encostos para os pés, ora em posição erguida e ereta mas para mostrar a realidade dos castigos sofridos por essas pessoas nos troncos realizados em plena praça pública. Aliás, me espantava muito perceber que aquela violência contava com uma plateia. Sim, isso mesmo, uma plateia e, obviamente branca, onde retratava bem os contrastes que mesmo para uma criança eram fáceis de serem assimilados.

A questão que levanto é justamente por serem pessoas que pareciam comigo na cor da pele e em outras características físicas, mas que eu não queria de maneira alguma sentir ou pensar até na hipótese de algum dia sentir o mesmo sofrimento que aquelas pessoas. E mesmo sabendo que aquilo era só um livro de uma disciplina e um acontecimento de séculos e séculos passados o choque cultural e de realidade foram muito intensos e marcantes até hoje. Aliás, ao fazer esse ato de me colocar no resgate de algumas memórias pessoais e relacioná-las aos do povo negro brasileiro em diferentes momentos e no espaço e no tempo, deixo claro que “não se trata apenas de recordação ou interpretação. Memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os veículos da comunidade”. (BENTO, 2022, p.39)

Praticamente da mesma forma ocorriam situações constrangedoras nas aulas de Ensino Religioso, ainda que eu não fosse praticante de nenhuma religião de matriz africana, pois minha família era composta em sua maioria por católicos, então o meu conhecimento sobre outras expressões de fé e religiosidade nunca foram debatidas como deveriam ser nem em casa e muito menos na escola, visto que tínhamos uma disciplina obrigatória e que em teoria deveria abordar todas as religiões. Na realidade isso nunca chegou a acontecer, pelo contrário, tínhamos atividades onde nos davam desenhos representando a imagem de Jesus e tínhamos que pintar⁹ o desenho. A professora, embora bem intencionada, sempre tentava nos mostrar que todas as religiões eram importantes e deveriam ser respeitadas, mas na prática nunca se aprofundava nas características de cada uma delas no intuito de nos mostrar a diversidade cultural e religiosa do nosso país.

As construções dessas representações se dão desde a infância e até a vida adulta ganhando sempre novos contornos a partir das experiências e bagagens culturais que adquirimos ao longo do tempo. As representações possuem papel fundamental para o desenvolvimento humano, principalmente na construção de identidades, pois:

As crianças, inconscientemente, internalizam os códigos que as permitem expressar certos conceitos e ideias por meio de seus sistemas de representação — escrita, fala, gestos, visualização e assim por diante —, bem como interpretar ideias que são comunicadas a elas usando os mesmos sistemas. (HALL, 2016, p. 43)

Mesmo que inconscientemente, conforme afirmado, são esses códigos que expressam certos conceitos, e acabam por expressar nossa identidade, ou ainda, nossas identidades e diferenças, já que somos seres múltiplos, que de acordo com o contexto reivindicamos ou acionamos algumas categorias necessárias para a ocasião. Os movimentos sociais, por exemplo, certamente se apropriam das diferenças para então celebrarem a diversidade como algo enriquecedor, embora na maioria das vezes isso lhes custe muito caro.

Nesse sentido, no intuito de complementar este tópico que abarca assuntos como identidade, representação e, além disso, sobre a importância dos movimentos sociais, em especial aos movimentos negros, na busca por esse resgate identitário do povo negro de um modo geral, trago um último exemplo nesse sentido com o caso¹⁰ recente de racismo. O episódio em questão aconteceu em Brasília com um garoto negro de 12 anos, estudante de

⁹ Faço apenas um pequeno apontamento em relação à questão da pintura desse desenho, pois as cores que todos os alunos usavam para colorir a fisionomia de Jesus eram sempre com lápis de cor rosa, amarelo ou mesmo cinza, mas nunca outra cor ou que fosse diferente de tons claros para representá-lo como branco, aliás, como havíamos aprendido desde sempre que assim ele seria.

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/02/23/ministerio-publico-do-df-avalia-caso-de-aluno-negro-orientado-por-sargento-a-cortar-cabelo-em-escola-com-gestao-militar.ghtml>. Acesso em: 13.jun.22

colégio público sob gestão compartilhada com a polícia militar do DF, onde o jovem foi orientado a cortar o seu cabelo para que supostamente não fosse “confundido com alguma menina”. Embora saibamos que os colégios desse segmento tenham normas mais rígidas, é de se problematizar que se trata de mais um caso de racismo de forma “sutil” com um garoto negro ainda na fase da infância. Não se trata apenas de cortar o cabelo para seguir um protocolo, mas é sobre tirar desta criança a possibilidade de autoestima, de valorização dos seus traços físicos, além da questão de gênero colocada nesse caso sem o menor fundamento.

1.3 O homem negro nas relações sociais e no imaginário popular colonial

A questão da mestiçagem ou miscigenação no Brasil é um caso muito singular em comparação aos demais países que sofreram com o processo de colonização e o sistema escravocrata, pois, diferentemente de outras nações, como os Estados Unidos ou África do Sul, que sofreram intensamente com a segregação racial após a abolição da escravatura, o Brasil passou por dois grandes momentos de tentativa de uma reconstrução de sua identidade: o branqueamento da população negra e a constituição do mito da democracia racial – “um discurso comum, aclamado no Brasil durante décadas com o intuito de camuflar e/ou esconder o racismo vigente – surgiu através dos inúmeros estupros de senhores de engenho às suas escravas” (CÉSAR, 2019, p.55). Além disso, há também quase que uma visão romantizada sobre a abolição da escravatura. Da maneira como foi efetuada, não ofereceu estrutura ou possibilidades justas para os cativos que foram libertos. Assim, não restaram muitas alternativas para essas pessoas e muitos ficaram à mercê da própria sorte (se é que pode ser vista dessa maneira), ou da “benevolência” dos seus antigos senhores ou demais afortunados.

Surgia em meio ao contexto progressivo da filosofia eugênica a obra *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, no ano de 1933, um marco para os estudos de antropologia e da identidade do povo brasileiro. O lançamento da obra não se propôs ser uma frente direta contra a filosofia eugenista, mas uma tentativa de justificar por outro lado a miscigenação no Brasil como um fator positivo de nossa história e cultura, vendendo uma ideia de democracia racial, onde brancos, negros e indígenas viveriam de forma harmoniosa uns com os outros. Uma construção discursiva que negava ou, na melhor das hipóteses, negligenciava ou suavizava, o racismo existente na sociedade. Embora muitas críticas sejam e possam ser feitas

ao clássico, sua importância para os estudos é evidente. Uma importante crítica de certa maneira até recente feita à obra, vem do estudioso Luís Carlos Bresser Pereira¹¹.

Em resumo, é importante ter conhecimento desse tipo de literatura que estamos pesquisando, bem como se é uma obra primária e originou outras ideias e pesquisas, se são obras revisadas ou mesmo revisitadas pelos autores, conhecer o contexto da obra é algo importante para que estes estudos que farão parte do trabalho não fiquem sem o uso correto no desenvolvimento do texto ou sem a devida importância.

O racismo, através dos discursos e certamente de práticas de embranquecimento da sociedade brasileira, somados aos resultados das campanhas de miscigenação, e a influência dúbia do mito da democracia racial no Brasil, teve e ainda tem uma força impactante até os dias de hoje, pois age de forma dinâmica e sistemática.

O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática. (ALMEIDA, 2020, p. 51)

Conseguimos perceber como essas dinâmicas se tornaram símbolo de limitação no que tange às relações de trabalho, de educação, das relações sociais e até mesmo das relações afetivas. Algumas dessas condições sociais a que Almeida se refere nem sempre são percebidas ou problematizadas como consequência de um processo histórico ou político, muitas vezes são naturalizadas, e, portanto, não passam por críticas ou processos de ressignificação que podem trazer novas práticas ou criminalização do racismo, algumas vezes, não são nem mesmo identificadas como racismo, é quase que uma apropriação de prática cultural, sempre se agiu assim e para alguns não há problema ou mesmo nenhum mal em tais atitudes e práticas sociais, afetivas, econômicas e educacionais.

1.4 Mercadoria para o trabalho e objeto para o prazer

As vidas negras no período colonial brasileiro basicamente se dirigiam a ser a mercadoria e a mão de obra nos campos e negócios para fazendeiros donos de grandes terras, majoritariamente, realizada por homens negros, e aos serviços domésticos de suas casas, realizados principalmente por mulheres negras, como as chamadas mucamas, que poderiam servir inclusive de amas de leite de filhos e netos de suas donas/senhoras. É a objetificação do

¹¹ O texto “Notas de Leitura e Releitura de Livros Clássicos sobre o Brasil (14/1/00)”, está disponível em: <<https://livrozilla.com/doc/894159/relendo-casa-grande-and-senzala>> Acesso em 09 fev. 2022.

sujeito, a coisificação¹², processo em que a humanidade desses indivíduos lhes foi negada e os mesmos foram submetidos as atrocidades que toda essa prática trouxe.

Como se já não bastasse a exploração física de seus corpos em jornadas de trabalho indignas, sem viabilidade de exercer sua condição humana, visto que sua existência naquele momento era apenas de servir, como uma máquina que tem a função de desempenhar serviços sem qualquer questionamento ou possibilidade de uma negativa sobre determinada ordem que lhe fosse atribuída, os usos e abusos de corpos negros se estendiam à violência(s) e a exploração sexual pelos seus senhores.

As negras mais formosas acabavam fatalmente como amásias e objetos sexuais de seus senhores, a quem iam fornecer inclusive filhos bastardos, num clima de aberta promiscuidade. Era também com as escravas que os filhos dos senhores de engenho iniciavam sua vida erótica, da qual não excluía os negrinhos da mesma idade como seus joguetes sexuais: na verdade, era frequente que o menino branco se iniciasse no amor físico mediante a submissão do negrinho seu companheiro de folguedos, significativamente conhecido com o apelido de leva-pancadas. (TREVISAN, 2018, p.123)

Dessas relações homens brancos se aproveitavam para viver tranquilamente suas satisfações sexuais e ainda introjetar nas iniciações e experimentações de seus filhos, a naturalização do discurso de propriedade e submissão de corpos negros, independente de quaisquer valores morais, para atender seus desejos e pulsões sexuais.

Ainda temos a questão das doenças que foram disseminadas¹³ por essas práticas, e por muitos anos atribuiu-se que os africanos seriam os responsáveis, recorremos a Freyre (2006) mais uma vez que expõe que:

Joaquim Nabuco salientou ‘a ação de doenças africanas sobre a constituição física do nosso povo’. Teria sido esta uma das terríveis influências do contágio do Brasil com a África. Mas é preciso notar que o negro se sifilizou no Brasil. Um ou outro viria já contaminado. A contaminação em massa verificou-se nas senzalas coloniais. A ‘raça inferior’, a que se atribui tudo que é handicap no brasileiro, adquiriu da ‘superior’ o grande mal venéreo que desde os primeiros tempos de colonização nos

¹² Compreendemos a objetificação, assim como o de coisificação, como parte da noção de que o corpo é exercido para múltiplas funções em nossa sociedade, podendo atender as demandas do capitalismo, como usar o seu corpo ou conferir ao outro como uma máquina de trabalho, algo que foi extremamente promovido no período escravagista, mas que até hoje ainda é uma prática presente na dinâmica atual, como as condições de trabalho nos garimpos ao redor do país. Há também a noção de um corpo como objeto enquanto máquina esportiva, exemplos são os jogadores de futebol que desenvolvem e moldam seus corpos para melhorar seu condicionamento e performance em campo. E há ainda o corpo como objeto-fetice da indústria do sexo, seja em filmes e materiais audiovisuais, ou mesmo na prostituição de rua exercido por homens e mulheres. Sem dúvidas existem outras perspectivas de se ver o corpo enquanto objeto, uma coisa, mas nos apropriaremos desta perspectiva presente. Em suma, o que nos faz refletir é entender os limites entre os benefícios em causa própria e a desumanização desse sujeito.

¹³ Outro importante artigo publicado em 1997 por Heloisa Pontes na Folha de São Paulo aborda a temática para essa reflexão. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/5/10/caderno_especial/12.html> Acesso em 08 fev 2022.

degrada e diminui. Foram os senhores das casas-grandes que contaminaram de lues¹⁴ as negras das senzalas. Negras tantas vezes entregues virgens, ainda molecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres de sífilis das cidades. Porque por muito tempo dominou no Brasil a crença de que para o sífilítico não há melhor depurativo que uma negrinha virgem. (p. 399-400).

Certamente a ação de ‘doenças africanas’ não deve ser vista ou encarada de maneira isolada como ocorreu por muitos anos, até porque, como mencionado, ocorreu uma sífilização, algo que podemos refletir como mais uma das atrocidades que pessoas negras e escravizadas foram submetidas, questões como saúde pública, cuidados e prevenções, certamente não eram considerados, ainda mais quando pensamos em um grupo que nem considerados como humanos eram. Possivelmente doenças desse tipo serviram para estigmatizar ainda mais a população negra.

Homens e mulheres negras eram submetidos aos mais diferentes castigos e deveriam satisfazer aos seus senhores, isso inclusive sexualmente, servirem como instrumento de satisfação e prazer¹⁵.

1.5 A escravidão e as feridas abertas que ainda não fecharam

A escravidão foi um mecanismo de atraso para toda a nação brasileira, principalmente em um país que buscava o seu desenvolvimento em meio a um processo de ruptura do maior e mais perverso sistema econômico que foi o uso de mão de obra escrava. Após a abolição da escravatura, o Brasil se viu no desafio de fazer o país crescer economicamente, visto que naquele momento existia “um país heterogêneo racialmente, com grande parte de sua população formada por negros, mestiços e indígenas e uma diminuta elite branca” (RESTIER, 2019, p.29) que precisava deixar esse marco histórico para atrás e “evoluir enquanto nação”. Entretanto, essa virada não teve por objetivo a construção de um projeto de integração desses negros até então escravizados e de seus descendentes enquanto cidadãos de direito em nossa sociedade, isso porque muitos fatores deveriam ser pensados para além da assinatura da Lei Áurea, pois em decorrência disso:

¹⁴ Atualmente mais conhecida como sífilis, É uma doença infecciosa causada pela bactéria *Treponema pallidum*. Pode se manifestar em três estágios. Os maiores sintomas ocorrem nas duas primeiras fases, período em que a doença é mais contagiosa. O terceiro estágio pode não apresentar sintoma e, por isso, dá a falsa impressão de cura. Outras informações podem ser verificadas em: <<https://www.hospitalinfantilsabara.org.br/sintomas-doencas-tratamentos/sifilis-ou-lues/#:~:text=%C3%89%20uma%20doen%C3%A7a%20infecciosa%20causada,a%20doen%C3%A7a%20%C3%A9%20mais%20contagiosa.>> Acesso 14 fev 2022.

¹⁵ Sobre a cultura do estupro, verificar:<<https://www.socialistamorena.com.br/cultura-do-estupro-no-brasil-em-nosso-dna/>> Acesso 13 fev 2022.

[...] os ex-escravos foram abandonados à própria sorte, sem educação ou recompensa. Muitos juntaram-se à corrente migratória dos pobres sem profissão que fugiam para as cidades, onde competiam em condições desfavoráveis por empregos com mais de um milhão e meio de imigrantes brancos que entraram no país entre 1890 e 1920. (STEPAN, 2004, p.336)

Neste novo cenário político-social o que se projetou foi uma tentativa sistematizada de extermínio por vias de exclusão social e branqueamento do povo brasileiro através de discursos favoráveis à miscigenação entre a população. Tais discursos, encabeçados pela elite brasileira, como o eugenista Sylvio Romero (1880), se ancoravam na esperança de se ter uma nação branca como a europeia, se baseando ainda na tese do aproveitamento do que seria “útil das outras duas raças”, e assim constituir pela “seleção natural, todavia, depois de prestado o auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho continente” (ROMERO, 1880, p. 53).

O discurso eugenista, caracterizado como racismo científico (ALMEIDA, 2020, p. 29), foi uma das formas discursivas e práticas cultivadas integradas por médicos, intelectuais e até escritores, que usavam uma suposta base científica para justificar ainda a inferiorização de negros e indígenas nas relações sociais e de poder.

O surgimento da eugenia brasileira foi condicionado pela situação racial do país, nação racialmente híbrida, resultado da fusão de indígenas, africanos e povos europeus. Desde a transferência da Coroa portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, em 1808, raça e relações raciais eram aspectos centrais da realidade social e dos debates ideológicos sobre a ‘capacidade’ brasileira e o destino nacional. (STEPAN, 2004, p.338)

O médico e escritor, Nina Rodrigues, foi um dos estudiosos e precursores da eugenia no Brasil, e que tinham como objetivo central:

[...] um “melhoramento da raça humana” ou, como foi definida por um de seus seguidores, ao aprimoramento da raça humana pela seleção de genitores tendo como base o estudo da hereditariedade. Essa proposição teve grande sucesso e, mesmo após o seu questionamento como ciência, ainda se manteve por longo tempo como justificativa para práticas discriminatórias e racistas. (MACIEL, 1999, p.121)

Esse e tantos outros tipos de discursos dialogam com o que Foucault trata como regimes de verdade, ou seja, uma forma de pensar e se construir verdades absolutas, como verdades naturais. Daí podemos pensar na problemática da repetição de falas com bases racistas assistidas e reforçadas em todas as esferas sociais para hierarquizar e marginalizar grupos a ponto de se tornarem parte da nossa noção de moralidade.

Entendemos que a norma é compreendida como um dos dispositivos de exercício de poder, conforme o entendimento de Foucault (2003), para quem:

[...] a norma não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica. Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão ao poder. A norma não é simplesmente um princípio, não é nem mesmo um princípio de inteligibilidade; é um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado. Conceito polêmico – diz Canguilhem. Talvez pudéssemos dizer político. Em todo caso – e é a terceira ideia que acho ser importante – a norma traz consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção. A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo. (p. 62)

Outro importante autor que também aborda a questão problemática da normalização e fixação de determinadas identidades é Silva (2011), a saber:

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. (p.83)

Portanto, fixar determinada identidade acaba por reforçar as diferenças, hierarquizam e podem estabelecer diferentes formas de discriminação e tentativas de apagamento histórico dos povos africanos e afro-brasileiros, o chamado Colorismo (termo cunhado pela escritora estadunidense Alice Walker) é uma das dinâmicas racistas, que no sistema capitalista, ganha contornos que abarcam os estereótipos, o estigma social, o machismo, a misoginia, a homofobia, entre tantos outros meios preconceituosos de marcar as pessoas negras e provocar maiores dores físicas, mentais e emocionais.

O Colorismo é um braço do racismo e um ardiloso esquema ideológico de hierarquias sociais. Como afere Alessandra Devulsky (2021), esse sistema “é oriundo da implantação do projeto colonial português quando da invasão do território. Um sistema de valorização que avalia atributos subjetivos e objetivos, materiais e imateriais, segundo um critério fundamentalmente eurocêntrico” (p. 29), e que funciona de acordo com a dinâmica de como somos lidos e lemos socialmente uns aos outros. Dentre os seus mecanismos de leitura, mas também de opressão, está na distinção de pessoas negras por conta da cor de sua pele, quase um esquema de classificação. Esse sistema de discriminações, por sua vez, atua de forma a diferenciar negras e negros pela pigmentação de sua pele e características físicas, onde pessoas de pele mais clara e traços fenotípicos mais finos (leia-se aqui como mais próximos ao perfil branco europeu), teriam mais privilégios e acessos aos espaços e vivências em relação às pessoas de pele mais escura, retinta e de traços onde se evidenciariam sua africanidade.

Enquanto mecanismo classificatório ele até promove “privilégios”, mas nunca retira o fato de que a sociedade sempre irá ler o indivíduo como negro e fazer o possível para deixar evidente essa diferença. Nesse sentido, o Colorismo afeta a vida de pessoas negras até mesmo após a ascensão social, contemplando todos os requisitos e *status* que a sociedade elitista impõe, pois na relação raça e classe os negros de qualquer forma ainda não serão suficientes para a sua integração enquanto membros no mundo branco hegemônico, está ligada ao colonialismo e, indelevelmente, ao capitalismo” (DEVULSKY, 2021, p.30). Exemplo disso, são os casos de discriminação racial com jogadores brasileiros de grandes clubes de futebol na Europa, onde mesmo estando igualmente ou até superiores financeiramente em relação a outros jogadores brancos, a leitura desses indivíduos continua sendo a mesma: um homem negro.

O colorismo funciona como um sistema de favores, no qual a branquitude permite a presença de sujeitos negros com identificação maior de traços físicos mais próximos do europeu, mas não os eleva ao mesmo patamar dos brancos, ela tolera esses “intrusos”, nos quais ela pode reconhecer-se em parte, e em cujo ato de imitar ela pode também reconhecer o domínio do seu ideal de humano no outro¹⁶. (DJUKIC, 2015)

Para muitos, chega um momento de sua própria trajetória que é a fase de reconhecimento de sua identidade enquanto indivíduo negro e o duro reflexo que ainda não havia sido feito até então sobre a condição de outros tantos homens e mulheres negros e negras ao seu redor que encontram-se presos no sistema de submissão que o racismo se mostra. É importante ressaltar que o processo de descoberta identitária caminha paralelo ao da diferença, não necessariamente são opostos, pelo contrário, há uma estreita dependência e relação destes conceitos e categorias, a saber:

[...] identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação... Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido [...] as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade [...] As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades [...] Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. (SILVA, 2011, p. 74-75)

A identidade do povo brasileiro é construída de uma forma idealizada por uma norma branca que dificulta a sua noção de pertencimento, iniciando e reiniciando formas discriminatórias para sustentar os privilégios de uns e a inferioridade de tantos outros. Nessa

¹⁶ DJOKIC, Aline. Colorismo, o que é, como funciona. Blogueiras Negras. Disponível em <<http://blogueirasnegras.org/colorismo-o-que-e-como-funciona>> Acesso em 4 fev. 2022

relação de divisão racial e referência, a chamada Branquitude que segundo Cida Bento¹⁷ (2022) está relacionada a um conjunto de práticas culturais que ocorrem de maneira silenciosa e oculta. Há um pacto para a manutenção de privilégios, bem como o reforço a prática de exclusão, concordamos com Bento que:

De fato, a branquitude, em sua essência, diz respeito a um conjunto de práticas culturais que são não nomeadas e não marcadas, ou seja, há silêncio e ocultação em torno dessas práticas culturais. Ruth Frankenberg chama atenção para a branquitude como um posicionamento de vantagens estruturais, de privilégios raciais. É um ponto de vista, um lugar do qual as pessoas brancas olham a si mesmas, aos outros e a sociedade. (BENTO, 2022, p.62)

Por ser um ponto de vista, um lugar onde o outro está, neste caso um outro branco, muito das práticas culturais não nomeadas, acabam por permanecer no campo da “subjetividade”, e quando são confrontadas em geral acaba por cair na questão de: não foi isso que eu quis dizer, você entendeu errado, e isso acaba em outras situações evocando ao “vitimismo”.

É evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter seus privilégios e excluir os negros. Mas é como se assim fosse: as formas de exclusão e de manutenção de privilégios nos mais diferentes tipos de instituições são similares e sistematicamente negadas ou silenciadas. Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele. (BENTO, 2022, p.18)

A branquitude, portanto, é sempre acionada para que as bases hegemônicas brancas nunca se desequilibrem, pois é nesse processo que:

[...] constrói-se uma apropriação simbólica formulada pelas elites que fortalece a autoestima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais. Essa apropriação acaba legitimando a supremacia econômica, política e social do grupo visto como branco no Brasil. Em contrapartida, constrói-se um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa a identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e ainda justifica as desigualdades raciais. (GOMES, 2008, p.73)

Este momento de transição de tornar-se negro, tem para negros retintos um significado intenso e muitas vezes doloroso, assim como muitos outros categorizados de mulatos, mestiços e frutos da miscigenação, em um entrelugar dúbio para lidar, e que por um grande projeto de invisibilidade, limitação de acessos e extermínio de suas histórias e raízes, impossibilitam o reconhecimento de si e dos outros.

¹⁷ Psicóloga e pesquisadora, Cida Bento é autora do livro “O pacto da branquitude (2022)”, atua também como ativista, onde já se dedicou por anos aos estudos sobre a branquitude, o combate ao racismo, visando melhores condições nas relações de gêneros e das desigualdades raciais principalmente no ambiente corporativo e em organizações do terceiro setor.

CAPÍTULO II

DAS MÍDIAS TRADICIONAIS AS AS REDES DIGITAIS: CORPOS E IDENTIDADES NEGRAS EM FOCO

*Você ri da minha roupa
Você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso
A verdade é que você
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro
Sarará crioulo
Olhos Coloridos (Sandra De Sá)*

Neste segundo capítulo buscamos discorrer sobre as mídias tradicionais e as redes sociais na atualidade. A proposta é compreender como se davam as relações das mídias que conhecemos nas dinâmicas da sociedade modernas, além de buscar compreender e nos aprofundar sobre as representações midiáticas e em especial sobre as representações negras na mídia como literatura, rádio, músicas, *podcasts*, televisão, novelas, séries, cinema, jornalismo, além de compreender essa relação nos dias de hoje através da internet e suas implicações com o racismo no ambiente online.

2.1 As mídias nas sociedades modernas

O famoso professor e teórico das análises de discursos Patrick Charaudeau, em sua obra “Discurso das Mídias”, lançado ainda na década de 90, compreendia até então a comunicação midiática dentro de três componentes distintos, sendo:

[...] o rádio, a televisão e a imprensa escrita, segundo as características que lhes são próprias. Por exemplo, a “voz” para o rádio, a “imagem” para o suporte televisivo, a “escrita” para o suporte imprensa, diferenças de materialidade que têm uma incidência sobre as representações do tempo, do espaço e das condições de recepção constituídas por cada uma dessas três mídias. (CHARAUDEAU, 2013, p.106)

Quando o autor se propôs a compreender os dispositivos de mídia o mesmo realmente foi muito certo no que se propunha, mas talvez não imaginasse tamanha e rápida transformação nos impactaria a ponto de nos comunicarmos de novas formas como temos

hoje com a internet e com elas as redes sociais como as conhecemos. Mas vamos por partes com esse assunto que caminha numa velocidade que, principalmente nas últimas décadas, tem sido cada vez mais difícil de acompanhar, ainda que as mesmas tenham a função de nos auxiliar em várias questões da vida. Exemplo disso são os telefones celulares que em seu início tinham basicamente a função de fazer e receber chamadas, e hoje não apenas possuem essas funções, mas proporcionam novas formas de como interagirmos, falamos, ouvimos, armazenamos informações, enfim, de como nos comunicamos. Apenas mais um exemplo interessante para nos situarmos dessas transformações das mídias e tecnologias e seus recursos para nos alertar sobre o horário de uma reunião e ligar os aparelhos elétricos e domésticos com um simples comando através da internet em nossos *smartphones* como verdadeiras “extensões de nós mesmos”¹⁸.

Ao falarmos dos meios de comunicação, ou seja, das mídias, estamos nos referindo ao meio por onde uma mensagem ou informação será transmitida. E esse processo se dá através de uma série de dispositivos, plataformas e veículos disponíveis, como a televisão, o rádio, os jornais, os livros, as revistas e a internet. Embora pareça até óbvio é necessário compreender como bem coloca Santaella (2003) que:

Ora, mídias são meios, e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam. Por isso mesmo, o veículo, meio ou mídia de comunicação é o componente mais superficial, no sentido de ser aquele que primeiro aparece no processo comunicativo. (SANTAELLA, 2003, p. 25.)

Cada um desses veículos de comunicação possui características, funções e linguagens próprias para atingir seu objetivo enquanto emissor, visando se conectar com o público ou mesmo gerar alguma mudança significativa de comportamento em seu receptor e na vida social. Por se tratarem de ser o meio e não o fim deste processo (de comunicação), é possível pensarmos na possibilidade de um longo caminho a percorrer, principalmente se considerarmos a rapidez com que as tecnologias vêm avançando pelo menos nas duas últimas décadas.

Visto isso, nos interessa conhecer as diversidades e ainda que nas desigualdades, gostaríamos de compreender como os brasileiros consomem, veem e se veem nessas mídias. Seria um uso por mero entretenimento? Por buscar conhecimentos? Ao mesmo tempo, pensarmos que há um número de pessoas que não tem acesso a esses meios e como elas lidam com essas questões.

¹⁸ É válida uma crítica sincera e similar à de muitas outras pessoas que compreendem que muitas dessas facilidades que falamos são meros luxos ou mesmo preguiça de executá-las manualmente.

Assim como iniciamos com uma reflexão de Patrick Charaudeau, condiz finalizá-la também com uma outra questão levantada pelo autor ao dizer que é preciso que “o grupo aja, mas também que julgue seus próprios comportamentos, que produza discursos de avaliação e que, fazendo circular estes últimos, faça compartilhar tais representações (2013, p.116). Justamente por almejarmos compreender as representações referentes ao nosso objeto de estudo dentro das dinâmicas midiáticas que iremos propor ao longo do capítulo discorrer com temas sobre as imagens e os corpos negros nos diversos produtos culturais nos aportando em estudos, exemplos e recordações os seus simbolismos e significados para nossa sociedade.

2.2 Representações midiáticas

Partimos do entendimento de Hall (2016) que quando queremos representar algo ou alguém é necessário que evoquemos sentidos a elas como “as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associações a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos”, conseguimos compreender que as representações são recursos que tão naturalmente quando precisamos usar para significar ou representar a tudo a ou a todos sobre os conceitos, ideias e até mesmo os nossos sentimentos sobre o que há no mundo e ao nosso redor.

A representação pode ser compreendida ainda como uma forma de nos expressarmos e nos expressamos quando (nos) representamos, e assim como um “processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (WOODWARD, 2011, p.18).

Quando falamos da representação na mídia brasileira de forma geral, percebe-se que ela é fruto inevitável de uma sociedade que se fundou nas bases do colonialismo e intrinsecamente do racismo. Dessa forma não podemos negar que os veículos de comunicação de massa que conhecemos e usamos diariamente, em especial os dos grandes conglomerados de mídia, relacionam-se em uma dinâmica onde a sociedade estruturalmente¹⁹ racista é parte constitutiva da mídia, logo a mídia é estruturada pelas bases do racismo. Nesse sentido entendo que os preconceitos que carregamos em nossas ações geralmente são, se não, completamente, formados por estereótipos e pelo estigma social, advindos ou impulsionados

¹⁹ Aqui estabeleço meu pensamento relacionando-o ao livro “Racismo Estrutural” de Silvio Almeida.

pela mídia, desencadeando nas imagens e discursos que seguimos formulando e compartilhando, sob a suposta pretensão de estarmos representando a vida real seja na televisão, no cinema, na música ou em qualquer outro produto criado para o grande público.

A concepção de um estereótipo é espelhada em modelos hegemônicos, ou seja, de acordo com o que a maioria da sociedade compreende como ideal, sendo produzidos pelo próprio corpo social para a manutenção dos papéis sociais de homens e mulheres nas dinâmicas de poder, sendo este apenas um dos vários exemplos que se pode dar sobre o tema, pois o estereótipo é capaz de impactar a todos no mundo, desde uma única pessoa a grupos, comunidades, povos e civilizações. Mas para compreender melhor como são os efeitos constitutivos da estereotipagem, Hall (2016) nos informa que:

[...] o primeiro ponto é que a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença” [...] Em segundo lugar, a estereotipagem implanta uma estratégia de “cisão”, que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável. O terceiro ponto é que a estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder.” (HALL, 2016, p.191-192)

E quando o acionamos, estamos pré-determinando um conjunto de atributos ou comportamentos que uma pessoa possa ou não ter ou fazer. Porém, não se trata estritamente do poder em si, mas do simbolismo que o estereótipo provoca e promove. Muitas vezes podemos crer, “por exemplo, do poder na representação; poder de marcar, atribuir e classificar, do poder simbólico; do poder da expulsão ritualizada” (p.193). Segundo o autor, esse poder ainda pode ser visto também em termos mais amplos, como “o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira - dentro de um determinado “regime de representação”. Ele inclui o exercício do poder simbólico através das práticas representacionais e a estereotipagem é um elemento-chave deste exercício de violência simbólica” (HALL, 2016, p.193).

Já o estigma se dá “em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos” (GOFFMAN, 1988, p.13). O estigma social envolto do homem negro, advindo do discurso do colonizador, foi enraizado por séculos e ainda hoje segue presente na realidade de muitos desses homens, girando sempre na animalização do ser por variados fatores, reduzindo-o ainda mais em associações com a criminalidade, a violência, o desprestígio, a erotização e a hipersexualização de seus corpos.

O estigma tem a sua legitimação construída por meio do estereótipo. Neste sentido, portanto, é importante compreender que o estigma é parte estruturante do estereótipo, já que

ele - estigma, é representado. “Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMAN, 1988, p.13).

Ainda de acordo com Goffman, existem três tipos de estigma: 1) as deformações físicas que chama de abominações do corpo – deficiências motoras, auditivas, visuais; 2) as culpas de caráter individual – vícios, comportamento sexual, tentativas de suicídio; e 3) os estigmas tribais relacionados ao pertencimento a uma raça, nação ou religião. Os sujeitos que me aproximo na pesquisa em alguns casos podem apresentar os três, dois ou apenas um destes estigmas, mas dificilmente passará ileso ou sem ser atingido por nenhum. De acordo com o autor, é possível pensar que, no mínimo, estariam correspondendo ao contexto de dois estigmas:

Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de *normais*. (...) As atitudes que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais, efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida (GOFFMAN, 1988, p.14).

Aqui considero que a figura de um homem negro muda a dinâmica das relações e interações sociais, quando comparadas a de uma pessoa não negra. A maneira como uma pessoa negra é apresentada na mídia, não é a mesma que uma pessoa não negra, logo os ataques e reações também são em proporções diferentes. Um homem branco gritando possivelmente poderá ser visto como alguém enérgico e forte, um homem negro possivelmente será visto como selvagem e mal-educado. Isso tem total relação com a leitura social do homem negro, pois enquanto um homem branco vestido de branco ou que seja de terno e gravata florido sem maiores problemas como um médico ou um executivo, um homem negro se estivesse com esses mesmos trajes e até mesmo nos no mesmo espaço poderia muito bem ser reconhecido como um serviçal limpador de uma empresa ou até mesmo apelando, de forma pejorativa, para uma pessoa de religião de matriz africana. Constatado isso quando escuto desde sempre que homem de branco ou é médico ou é macumbeiro e sabemos o que esse ditado popular quer dizer, ou melhor, está dizendo: racismo.

2.3 Representações negras nas mídias

Os meios de comunicação de massa são mecanismos de legitimação de valores em nossa sociedade, e que conseguem se utilizar de discursos como regulação das práticas sociais. São usados para naturalizarem, ou normalizarem comportamentos e práticas, que no processo deixam de ser problematizados ou não recebem as críticas que poderiam reduzir ou mesmo impedir que alguns comportamentos fossem reproduzidos e manifestados como se não fossem uma manifestação de preconceito, racismo ou estereótipos que marginalizam e subjagam negros. Como confirma Hall (2016) sobre os estereótipos raciais nos meios de comunicação de massa, elas fazem parte do que ele chama de “fantasia colonial” e que “a gama rígida e limitada de representações através das quais os homens negros tornam-se publicamente visíveis continua a reproduzir certas ideias fixas, ficções ideológicas” (HALL, 2016, p.250).

Ainda hoje, quando falamos sobre a questão do negro na sociedade e neste caso, na mídia, existe certo cuidado com o tema. Hoje em dia, a representação e representatividade do negro está mais forte e favorável que em décadas atrás, e isso foi uma grande conquista, sem dúvida. Entretanto, não podemos esquecer que todas essas conquistas foram na base de muitas lutas principalmente do movimento negro por igualdade racial nos meios de comunicação, respaldados, por exemplo, com o Estatuto da Igualdade Racial (PL nº 6264/2005, art. 73) que garante cotas mínimas de representação, o que não necessariamente quer dizer representatividade, mas que através de mecanismos legais garantem ao menos um número mínimo de atores e figurantes na televisão. Vale lembrar também que a questão das cotas raciais elas chegaram ao ponto de serem necessários na televisão, no cinema, na moda, nas universidades, nas empresas e grandes instituições, e isso nos diz muita coisa sobre como os corpos negros são relevantes e representados na mídia brasileira. Além de que os estereótipos e os estigmas sociais, como discutimos anteriormente, ainda emergem como válvula que nutre e ao mesmo tempo segrega mulheres e homens negros no universo midiático, corroborando para que estes avanços e conquistas caminhem de maneira ainda muito lenta.

2.3.1 Literatura

A literatura, de acordo com a escritora Ana Maria Gonçalves tem o poder de mover as palavras no sentido de poderem ser usadas para amenizar a carga de perigo que, às vezes, as palavras trazem consigo. De acordo com a autora, a literatura tem ainda o poder de nos

deslocar através e para a história, e assim “poder falar sobre escravidão, sobre racismo, sobre as dores, os medos, as ignorâncias que a gente tem através de uma história em que o leitor pode até se identificar, mas que ele consegue fazer a separação entre um universo real e um universo fictício” (GONÇALVES, 2017).

Com a literatura é possível criar verdades e mentiras, através da ficção isso se torna ainda mais concreto por ser a criação de um mundo imaginário que só o autor tem o poder criar as situações e os personagens (ou seriam os objetos?), de decidir tudo o que é bom e o que é ruim, o que é preciso ficar em evidência e o que é só necessário nas entrelinhas, ou mesmo deixar o que se quer em negação. Com a história dos povos negros desde os sequestros de africanos para serem escravizados no Brasil no período colonial e assim nos períodos seguintes foram contados e recontados em fábulas, escritos, contos, crônicas, textos diversos que, majoritariamente, foram escritas sob o olhar branco. E o que isso quer dizer? É mostrar um ângulo único e baseado no racismo.

Mas falar sobre literatura é também falar sobre histórias possíveis, não necessariamente perfeitas, mas possíveis de refletirem a vida real, de homens e mulheres comuns. Embora problemáticas em certos aspectos, é preciso reconhecer a importância de obras como a já mencionada na pesquisa como “O Mulato” de Aluísio de Azevedo, mas também “O Navio Negreiro” de Castro Alves, “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, assim como “Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha”, considerada por muitos como uma das primeiras obras nacionais com temática LGBT, além de ser um potencial material de análise sobre a masculinidade do homem negro. Estas são apenas algumas das obras da literatura brasileira citadas²⁰, entre outras, que tive contato nos tempos de escola e me introduziram nessas realidades parte ficcionais, parte realistas sobre os homens negros.

Nos últimos anos um novo cenário se ergueu para a literatura negra no Brasil, desde os livros com histórias lúdicas para o público infantil até as ficções científicas para o público adulto, para se ter uma um panorama da nova cara que as histórias escritas por pessoas negras, sobre pessoas negras está movimentando todo um mercado financeiro, cultural e possibilitando novas vivências para as futuras gerações.

Cabe aqui um exemplo muito especial sobre a importância de se contar com a literatura produzida de maneira correta, falando de assuntos até sérios para os pequenos mas de uma forma que os conectem com suas próprias vivências e assim consigam construir suas

²⁰ Sugiro a leitura complementar do artigo “A trajetória do negro na literatura brasileira”, de Domicio Proença Filho (2004), que aborda de maneira muito bem argumentada o percurso do negro ao longo da história literária negra brasileira, conseguindo através de uma ampla exemplificação de obras e autores, a identificação de estereótipos e as questões da identidade cultural negra.

identidades a partir de referências positivadas desde a infância, como o livro “O Pequeno Príncipe Preto”, de Rodrigo França (2020) e ilustrações de Juliana Borges Pereira, em uma releitura do clássico francês “Le Petit Prince”, do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry. E que de acordo com Rodrigues e Pereira (2021), no artigo “O pequeno príncipe preto: (re)descobrimo a ancestralidade e o afeto na perspectiva da educação antirracista”, os autores perceberam que:

Nesta nova versão, o protagonista da história é um menino negro que astutamente suscita questões de afeto, amor próprio e autoestima de crianças negras, trabalhando também com o resgate de sua ancestralidade africana e a valorização de suas origens. Nesse viés antirracista, a obra deixa a mensagem para os leitores, sejam eles negros ou não negros, de que todos nós somos fortes, belos e potentes para sermos tudo o que quisermos ser; e que possuímos condições suficientes para enfrentar qualquer desafio na vida. (2021, p.16)

Obras como esta buscam representar as novas identidades do povo negro brasileiro que não almejam mais serem representados na literatura como subalternos ou vilões, mas protagonistas de suas próprias histórias. E não somente através de livros, mas de outras ações afirmativas e educativas com a promoção real de uma educação antirracista no âmbito escolar desde os primeiros anos, como por exemplo é o caso da Lei 10.639/03²¹ e como lembram Rodrigues e Pereira (2021):

A leitura de histórias infantis africanas e afrobrasileiras para crianças, desde a primeira infância, por exemplo, potencializa o imaginário dos pequenos com outras possibilidades de histórias e de vivências que ora podem se assemelhar, ora se diferenciar da sua própria realidade. É importante, nesse processo, a desmistificação de estereótipos e a construção de imagens positivadas das pessoas negras. (2021, p.16)

De todo modo, tem-se na literatura, seja ela clássica ou moderna com o afrofuturismo²² a possibilidade de desconstrução de alguns velhos padrões de nossa sociedade, nesse sentido vemos um potencial meio de transformação social que tem ainda um longo caminho, mas com muito menos barreiras para, enfim, projetar a voz e a visibilidade dentro e fora das páginas de livros.

²¹ A lei em questão promove de forma determinante o ensino de história e cultura africana e afrobrasileira em todos os currículos escolares tanto no ensino público quanto no ensino privado. Um de seus maiores objetivos é mostrar a luta dos povos negros no Brasil, a sua riqueza cultural e evidenciar a importância e grandes contribuições do negro na formação da nação brasileira nos aspectos social, econômica e político.

²² Embora não seja um termo totalmente preciso em sua definição, visto que é algo recente na literatura negra especialmente, o Afrofuturismo compreende a figura e o protagonismo negro em novas realidades possíveis, inclusive deslocando o imaginário da escravidão para o enaltecimento de um novo imaginário com vivências negras positivadas, resgatando a sua ancestralidade, negritude e fazendo uso, como plano de fundo, das projeções científicas e tecnológicas de futuro.

2.3.2 Rádio

O rádio em sua essência se caracteriza por sua composição de “voz, sons, música, ruídos, e é esse conjunto que o inscreve numa tradição oral” (CHARAUDEAU, 2013, p.106). Assim como na literatura que se aporta por meio das palavras, o rádio também se aporta por meio da voz, deixando ao leitor ou neste caso o ouvinte, a missão de imaginar em sua mente quem seriam os personagens, os locutores, enfim, as pessoas por trás dessas mídias que poderiam ser brancas ou negras.

Por muitas décadas o rádio foi um dos meios de comunicação mais usados e acompanhados por jovens, mulheres, homens, por quase toda a sociedade para ouvir músicas, festivais, saber das últimas notícias, se aventurar nas radionovelas, sendo todos estes entretenimentos muito populares, por exemplo, na famosa Rádio Nacional.

Fazendo uma breve conexão entre esse imaginário do meio da voz no rádio, sem saber se era uma pessoa branca ou negra e a relevância cultural que o rádio teve durante décadas como citei com a própria Rádio Nacional, me veio a referência da história de uma das personagens da telenovela “Além da Ilusão”, escrita por Alessandra Poggi e direção geral por Luís Felipe Sá, e produzida pela Rede Globo em 2022. A narrativa da personagem Emília, interpretada pela cantora e atriz Gaby Amarantos, mostrava a trajetória de uma mulher negra, pobre, com uma vida e família simples, e que tinha o grande sonho de ascender socialmente e ser coroada como a rainha do rádio. Sem querer entrar em muitos detalhes da história e os desdobramentos que aconteceram na vida da personagem é interessante observar que ela, apesar de todos os pesares que iriam contra ela por ser a pessoa que era em uma sociedade racista, destacava-se entre as demais competidoras e mostrava-se pelo menos ao telespectador como uma representante e um exemplo para outras tantas mulheres na mesma figuração que as mulheres dos anos 30 e 40 (sobre)viviam. Por fim, o exemplo que trouxe foi no intuito de mostrar como as nossas potencialidades são sempre diminuídas e minadas por conta de questões de raça, classe e outras opressões que tanto homens quanto mulheres negros chegam a passar ao longo da vida.

Similar a essa história de luta de uma mulher negra na era de ouro do rádio, mas agora com todas as instâncias de uma história verídica, trago um acontecimento muito importante na vida de nada mais, nada menos que Elza Soares, mulher negra, de origem humilde, dona de uma voz única e de personalidade forte. A consultora de imagem e colunista Mirian Lima (2019), fez uma análise sobre o famoso e icônico "vestido de alfinetes" usado por Elza na ocasião e que causou polêmica, mas também um marco em sua vida. O ano era 1953 e a

jovem cantora fazia sua estreia apresentando-se no programa de Ary Barroso, na antiga Rádio Tupi. Segundo Lima (2022):

Ela estava com 23 anos, jovem e viúva, precisava alimentar o filho, dois tinham morrido bebês, e para se apresentar no programa de Ary Barroso, na Rádio Tupi, tinha de ir “bonita e de vestido”. Sem uma roupa para a apresentação, ela pegou um vestido da mãe, ajustou com alfinetes e sofreu todo tipo de deboches. Foi quando deu a resposta a Ary Barroso, que se tornou parte de sua biografia. [...] Ary: “De que planeta você veio, minha filha?”. Elza Soares: “Do mesmo planeta que o senhor, seu Ary. Do planeta fome”. (LIMA, 2022)

Outro exemplo que, inclusive me recordo afetivamente, eram as idas aos jogos de futebol nos estádios para ver as partidas do Gama (time tradicional do Distrito Federal) ou do Corinthians, ambos os times do coração do meu tio e padrinho, e me recordo tão bem de vê-lo, assim como boa parte dos torcedores, com os seus radinhos de pilha grudados ao ouvido para acompanhar os jogos mesmo que eles estivessem presentes nos estádios. O rádio era ali uma espécie de imersão a mais naquele momento de lazer.

Com a chegada da televisão, por exemplo, criou-se uma falsa ideia de que os rádios cairiam em desuso, mas essa teoria logo foi descartada e até hoje os rádios – desde as versões comunitárias as mais populares – conseguem se reinventar e se conectar de maneiras únicas buscando estratégias de interatividade e proximidade com seus ouvintes a nível local, nacional e até internacional através das “ondas sonoras”.

2.3.2.1 Músicas

As músicas sempre foram instrumentos para o entretenimento, para a diversão, mas também para manifestações e denúncias. Várias são as músicas feitas por artistas negros desde os cantores de rap como Mano Brown e as músicas do Racionais MC’s, o funk com MC Marcinho e Bonde do Tigrão, até mesmo grupos de samba e pagode como Raça Negra, Só Pra Contrariar, Molejo, Netinho e o Negritude Júnior, que inclusive foi responsável por grandes feitos na televisão para as pessoas negras, não só com a música no pagode, mas como idealizador de umas primeiras séries brasileiras de protagonistas em sua maioria de negros, além de apresentador de televisão, sendo ele o único apresentador dominical em meio a uma hegemonia branca durante décadas e sendo um marco a sua presença, figura, representação e representatividade nesse sentido.

Todos estes continham em suas músicas mensagens de valorização da negritude mas também em evidenciar as condições de desigualdade social na vida das pessoas,

principalmente as negras. Tudo isso compartilhado na televisão, nas rádios, nas reuniões de família e amigos, mas propositalmente ou não, deixando a sua marca lá.

Nessa época também me recordo, e não posso deixar de registrar que existia uma pluralidade enorme de ritmos e grupos musicais que iam desde músicas as duplo sentido ao Axé Music com o É o Tchan, que tinha dançarino Jacaré, um homem negro, retinto, alto, de corpo atlético, dançando e sambando sendo isso algo super tranquilo e natural para a época. Além disso, tinha a versão mirim do grupo conhecida com o Molecada e tinha até o Jacarezinho, e grupos diversos mas todos com homens negros à frente cantando suas músicas manifestando suas artes e marcando memórias.

2.3.2.2 Podcasts

Como falei em relação a reinvenção do rádio nos últimos anos, tendo ainda o advento da internet e suas infinitas possibilidades de atuação, surgiu uma febre de *Podcasts* que nada mais são que uma atualização do que o rádio já fazia com programas temáticos que falam desde assuntos relacionados a política, polícia, conhecimentos gerais, curiosidades diversas, educação, autoajuda, fofocas, assuntos banais da vida, ou até mesmo assuntos realmente sérios, necessários e urgentes, como o exemplo que daremos a seguir.

Apresento o “Projeto Querino”²³, lançado em 2022, sendo uma dos projetos mais relevantes e instigantes do seu segmento dos últimos tempos. Além disso, ele é uma das minhas maiores referências como pessoa e especialmente para essa dissertação devido a sua proposta e por ser tão bem produzida, de forma séria e bem elaborada assim como a temática demanda. O “Projeto Querino” é uma idealização que tem reportagem, roteiro, apresentação e coordenação do pesquisador e jornalista negro Tiago Rogério, com apoio do Instituto Ibirapitanga e produção da Rádio Novelo.

Desenvolvido ao longo de um bom tempo, segundo o próprio site o podcast tem como objetivo entender a história do Brasil e sem ter medo de botar o dedo na ferida das elites, e apontar as responsabilidades do racismo que nos afeta até os dias de hoje. O “Projeto Querino” conta com oito programas temáticos e conta ainda com um episódio extra, todos disponibilizados nas plataformas digitais de áudio e também através do próprio site oficial, onde há também a transcrição dos episódios. Conta com diversas entrevistas, entrelaçadas aos

²³ Site oficial do Projeto Querino: <https://projetoquerino.com.br>

estudos realizados de acordo com os temas, e também é disponibilizado todas as referências utilizadas para compor as pesquisas dos programas.

2.3.3 Televisão

2.3.3.1 Novelas

Uma das grandes discussões no campo televisivo e que parece ainda ser visto com certa indiferença por parte da sociedade é a solidificação do protagonismo negro nos produtos audiovisuais como, por exemplo, as telenovelas, onde tivemos o marco de uma personagem negra na telenovela “Viver a Vida”²⁴, no ano de 2009, escrita por Manoel Carlos e direção de Jayme Monjardim, do horário nobre da principal emissora de televisão do país – a Rede Globo. Na época de sua exibição houve grande repercussão e variada aceitação do mesmo. Mas o que intriga é a aceitação desse quebra de paradigma no contexto cultural novelesco em um país tão cheio de diversidade e misturas interracialis e a não identificação com o que se vê na tela, afinal, a proposta das telenovelas, assim como séries e filmes, além de entreter e emocionar é, também, reproduzir uma realidade.

O desconforto pode ser explicado porque nossas sociedades são organizadas para repetir padrões. Do mesmo modo como aprendemos a falar por meio do reconhecimento de padrões de sons que são experimentados de modo repetitivo pelo cérebro, o racismo e o colorismo são repetidos até que da sua mimetização decorra uma naturalização do espaço a ser ocupado por certos indivíduos, na medida em que um lugar é atribuído ao branco, e outro, menor, a um negro. (DEVULSKY, 2021, p.157)

Com sinaliza a autora acima e o exemplo da novela conseguimos compreender que ainda há uma dificuldade em reconhecer o negro em outras posições até então privilegiadas que eram só ocupadas por pessoas brancas. Nesse sentido, outro caso bastante marcante na história da teledramaturgia brasileira recente, nos confirma novamente essa naturalização de espaço a ser ocupado por certos indivíduos em lugares e funções a serem desempenhadas de formas bem marcadas, onde se prevalece um olhar branco ou, melhor, com protagonismo

²⁴ A novela de Manoel Carlos trazia a história de mais uma de suas clássicas personagens femininas e protagonistas chamadas de “Helena”. Porém, diferente das anteriores criadas pelo autor, essa era uma mulher jovem, negra e bem-sucedida profissionalmente. A trama central mostrou a história de Helena (Taís Araújo), top model de renome internacional que, no auge da carreira, por volta dos 30 anos, decide largar a profissão para se casar com o sedutor Marcos (José Mayer), empresário do ramo hoteleiro, por quem se apaixona perdidamente. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/viver-a-vida/trama-principal/>> Acesso 10 fev 2022.

branco. Resgatamos o exemplo da novela “Segundo Sol”, do ano de 2018, escrita por João Emanuel Carneiro e direção de Dennis Carvalho, também produzida pela Rede Globo de Televisão, para o horário nobre, que nos apresentava uma história situada na cidade de Salvador, na Bahia, ou seja, em uma região composta por uma população em sua maioria negra²⁵ que, além de contar com um elenco principal majoritariamente branco, como o protagonista vivido pelo ator Emílio Dantas²⁶ que representava um cantor de Axé, e para a ocasião até foi realizada uma caracterização com o uso de dreads no cabelo e roupas típicas desses cantores em época de carnaval. Além disso, representava boa parte de mulheres e homens negros em papéis secundários e figuração, passando uma ideia de plano de fundo negro para constar a sua representatividade. Em consequência de polêmicas antes e após a sua estreia, efervescidos ainda pelas redes sociais, foram inseridos mais atores negros no desenrolar da história. Além disso, nos interessa neste momento trazer a questão da representação do homem negro nesta novela. Tomando a análise feita por Rodrigues (2020):

O folhetim, apesar disso, tem reforçado com imagens e discursos através de dois personagens secundários que vem sendo constantemente objetificados, onde tais personagens negros não tem relacionamentos sexuais e afetivos com mulheres negras, no entanto estão se relacionando e envolvendo principalmente sexualmente com mulheres brancas que expressam seu fetiche por homens negros, principalmente se estes se assumem ou são estereotipados como o “negão”, o que acaba por reforçar o mito e estereótipo do homem negro, sua virilidade e sua “potencialidade” enquanto negão comedor e saciador. (RODRIGUES, 2020, p.276)

A problematização que trazemos aqui por essa breve análise, é constatar a subserviência da figura negra em produtos audiovisuais como este, e a insistência nas reproduções estereotipadas de homens negros em situações que são tidos como meros objetos para a satisfação sexual dos outros. Problemático ainda se pensarmos nas dimensões que um meio de comunicação de massa como a televisão, que impacta milhares de pessoas diariamente, expandidos seus alcances através da internet e das redes sociais, se torna no final das contas apenas um produto comercial carregado de discursos explícitos e implícitos que visariam refletir a sociedade brasileira. Mas nos perguntamos então: Ainda que ficcionais, até onde vale promover essas narrativas? É um sinal de resistência, pautando temas sérios, ou apenas a reprodução de bases coloniais racistas?

²⁵ De acordo com Sayonara Moreno, a cidade de Salvador é a região do país com a maior concentração de pessoas negras fora do continente Africano. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/os-467-anos-de-salvador-cidade-mais-negra-fora-da-africa>> Acesso 04 fev. 2022.

²⁶ Tempos depois da realização da novela o ator relevou que não teria feito o papel e que este deveria ter sido realizado por um ator negro.

2.3.3.2 Séries

As séries brasileiras acompanham basicamente a mesma construção e exibição que as novelas já fazem há muito tempo diferença que geralmente as séries se se fazem episódios menores com histórias mais curtas ou que se finalizam nos próprios episódios, por exemplo. A produção de séries no Brasil nunca foi tão popular como são as telenovelas mas ainda assim sempre tiveram um lugar especial e marcado nas emissoras da televisão tanto na televisão aberta quanto na televisão fechada. Majoritariamente as séries que eu me lembro desde sempre são com pessoas brancas com temáticas onde as vivências de protagonismo é de gente branca mas tenho boas recordações, como por volta do ano de 2002 em que tivemos duas séries em que houve o protagonismo de pessoas negras nesses produtos audiovisuais sendo a “Cidade dos Homens” na Rede Globo e o seriado “Turma do Gueto” na Rede Record.

O seriado “Turma do Gueto” foi idealizado e também protagonizado pelo cantor de pagode e apresentador na época Netinho de Paula, que pretendia através da série dar um melhor espaço e visibilidade ao negro na televisão brasileira. A ideia era mostrar o cotidiano dos jovens da periferia da cidade de São Paulo, local onde se passava a série, e contava a história de um professor universitário que retorna a sua antiga comunidade para dar aulas na “Escola Municipal Quilombo”, e buscava ali fazer um retorno às suas origens e promover o desenvolvimento dos alunos daquele colégio. Junto a essa trama principal aconteciam outras histórias paralelas que versavam entre os temas da violência, da criminalidade, mas também equilibrando com romance e amizade. O seriado foi um marco para a televisão brasileira por algumas questões bem particulares. Primeiro por se tratar de ser uma produção independente protagonizada, majoritariamente, por atores negros, entre muitos iniciantes, mas outros já até bem conhecidos na mídia, contando também, esporadicamente, com participações especiais de alguns artistas conhecido da época, e segundo, por ser em uma emissora que não tinha nenhuma tradição no segmento mas que obteve excelente desempenho na época de exibição com o seriado, tanto que ele teve várias temporadas.

Trago esse seriado junto às minhas memórias pessoais, pois foi algo que realmente me marcou muito. Era apenas uma criança negra de 10 anos acompanhando um programa como esse que se passava tarde da noite junto com os meus três primos já mais velhos e que são brancos. E eu faço essa distinção entre eu e os meus primos por conta do reflexo que havia entre o seriado e o que eu acredito que possivelmente eles poderiam associar a minha pessoa com a realidade apresentada naquele programa de televisão que mostrava a violência,

bandidos, policiais, vilões, onde a maioria dessas pessoas eram de homens negros. Na época eu não compreendia muito bem as histórias do seriado, mas sempre me surpreendia com as situações e cenas de “tiro, porrada e bomba”, quase que literalmente dessa forma que talvez só mesmo os meus primos mais velhos teriam condição de assimilar de fato do que se tratava. Mas independente disso me lembro dessa ser uma das lembranças onde pude estar junto a eles, sendo pessoas que eu já gostava e admirava e assistindo a um programa que era considerado de adulto e eu, uma criança, enfiada ali no meio tentando interagir, mas o que quero realmente dizer é que essa foi uma das experiências mais marcantes de masculinidade que eu tive e que se atravessavam também com questões raciais. Somente já adulto e com um melhor letramento racial e social que consegui perceber a dimensão dessa experiência para mim e para minha formação enquanto homem e enquanto um homem negro.

2.3.3.3 Cinema

O cinema enquanto produto cultural e expressão artística foi precursor das demais mídias como a televisão com suas novelas e séries. Ele carrega características próprias, mas com abordagens diferentes e que ao longo dos últimos 100 anos, pelo menos, tem se modificado e tentado se reinventar e atingir novos públicos, com novas tecnologias, novas histórias, novas narrativas e até mesmo uma diversidade em relação aos seus atores, produtores, diretores, enfim, com todos aqueles envolvidos na produção cinematográfica.

Talvez um dos filmes de maior impacto dos últimos tempos seja “Wakanda”, filme sobre super-heróis vindo dos quadrinhos da Marvel, mas após muitas barreiras chegou ao cinema e com protagonismo totalmente negro e que ao contrário do que muitos poderiam imaginar se tornou um marco não só cultural, mas financeiramente por estourar bilheterias ao redor do mundo. O filme ainda serviu para que outras produções neste mesmo segmento e narrativa pudessem ganhar aportes financeiros e incentivos para que pudessem assim serem produzidos e consumidos por todos os públicos. O cinema como o estadunidense, como vemos falando sempre, foi um cinema que se utilizou de recursos que poderiam fazer sentido na época, mas que ao mesmo tempo colocavam o estereótipo de pessoas, grupos e povos de uma maneira completamente extrema e vexatória, seja ao falar dos nativos americanos, ao falar dos imigrantes latinos, seja ao falar dos negros, e isso sem contar dos antigos filmes que faziam uso de *black face*, entre outros marcos do cinema internacional nesse sentido. Entretanto, o cinema americano tem aprendido que falar para outros públicos pode ser

lucrativo e pode ser benéfico justamente para essas pessoas e para esses públicos invisibilizados até então. Exemplo disso temos o filme “Moonlight – Sob a Luz do Luar” ganhador do Oscar. O filme, inclusive, é uma das boas referências que embasaram o nosso estudo e título por se tratar da história de um homem negro nas três fases da sua vida, com o bullying que sofreu na infância, das descobertas sexuais na adolescência e com a performatividade masculina ao extremo já na fase adulta, mostrando o percurso e a trajetória desse personagem negro que reflete muito a realidade não só dos afro-americanos, mas também de outros tantos negros ao redor do mundo.

No que diz respeito ao cinema nacional, que compreende curtas e longa-metragem²⁷, me parece que temos três grandes momentos de compreensão do que é o cinema no Brasil. Vou colocar como exemplo três filmes muito conhecidos para começarmos essa discussão e tentarmos entender o impacto que esses filmes tiveram e como eles representam a figura do homem negro e a sua realidade social, cultural, financeira, enfim, em todos os aspectos da sua vida. Partindo da noção que o cinema e os filmes têm geralmente uma duração limitada e para contar uma história é preciso minimizar ou resumir as suas histórias o máximo possível, deixando de fora muitas questões que poderiam ser abordadas e às vezes resumindo pessoas, situações e personagens de formas que possam com os estereótipos colocá-los como únicos representantes de sua raça, de sua classe ou mesmo de seu gênero. O primeiro exemplo que trago foi um dos filmes mais conhecidos nacional e internacionalmente chamado “Cidade de Deus”, filme de 2002, produzido pelo renomado diretor Fernando Meirelles que mostrava de forma praticamente nua e crua a história de um povo negro marginalizado entre aspectos culturais e o lado violento das favelas, algo que marca muito o que é o filme e se tornou um dos mais famosos e que se tem lembrança até hoje como representante do que é o cinema brasileiro que em teoria mostraria a realidade de um Brasil real.

O segundo exemplo é o filme “Carandiru”, do diretor Héctor Babenco, lançado em 2003, que é um filme baseado na obra do médico e escritor Drauzio Varella que narra a história do massacre de prisioneiros no presídio e que foi um marco não só para o caso em si mas para o cinema através da sua linguagem que exprimia, talvez na intenção de mostrar a veracidade do ocorrido, e conseguiu transmitir todo o medo, pânico e repulsa daquele caso real. Neste ponto especificamente agora falando enquanto já um homem negro, me recordo que ainda novo tive acesso ao filme e me recordo de todos esses sentimentos que me apavoraram muito não por compreender de fato a história mas por ver tão explicitamente

²⁷ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=L18EYEygU0o&ab_channel=pretaportefilmes > Acesso 10 jan 2022

cenas de violência, brutalidade, sangue, frieza, situações conflitantes que o filme buscava passar propositalmente, enfim, foi uma experiência que enquanto o homem negro hoje consigo perceber que era um filme que eu não precisaria e provavelmente não deveria ter tido acesso com aquela idade que tinha. A questão do racismo e da violência para uma criança não acontece da mesma forma que para um adulto e isso traz consequências e traumas que talvez fiquem por toda uma vida, afinal, são imagens que ficam nas nossas cabeças e representações que ficam enraizadas daquilo que é certo ou errado e daquilo que você talvez possa estar sendo alvo ou não.

Com alguns anos de diferença temos também um outro marco no cinema nacional, o chamado “Tropa de Elite”, produzido por José Padilha no ano de 2007 e que mostrava basicamente o conflito entre polícia e milícia da cidade do Rio de Janeiro, quase que em um paralelo ou numa metáfora entre o bem e o mal. O curioso em relação a esse filme é que ele na época se tornou uma das maiores bilheterias que o cinema nacional já tinha visto até então e o que chama atenção nisso são as razões pelas quais fizeram tantas pessoas quererem assistir, seja por se identificarem com a realidade, seja pela brutalidade que era mostrada na tela de cinema ou seja pela crítica por trás do filme que se fazia uma realidade e que mostrava como as relações de poder entre os homens eram construídas e como isso se dava e as suas consequências.

Relocalizando a nossa breve análise em relação ao cinema do Brasil em relação a sua produção e representação de homens negros temos bons exemplos que nos fazem pensar em possibilidades positivas concretas e reais de um novo tipo de cinema negro que possa existir e contemplar histórias que vão além da realidade da violência. Me recordo de filmes do gênero como “Ó Paí, Ó”, filme lançado em 2007, que se passa na Bahia e protagonizado por Lázaro Ramos. Aliás, mais recentemente outro filme dele chamado “Medida Provisória” também ganhou bastante visibilidade e críticas positivas dos especialistas que dialogam inclusive com uma noção de cinema disruptivo, além de alguns outros filmes de comédia protagonizados majoritariamente por pessoas negras.

Seguindo nessa questão da mídia e seu papel, temos como uma boa referência audiovisual o curta-metragem “Cores e Botas” (2010), de Juliana Vicente, que nos ajuda na reflexão sobre os padrões impostos pela mídia. No curta em questão, embarcamos na história da pequena Joana, uma garotinha negra, na década de 80, que tinha o sonho de ser uma das assistentes de palco do programa da Xuxa, as conhecidas Paquitas.

A obra aborda bem a visão do preconceito, que não fica nos clichês já conhecidos e repletos de estereótipos. Ao contrário, mostra-nos uma família composta inteiramente por

pessoas negras, de classe média e bem estruturada socialmente. Entretanto, o choque sofrido pela personagem é a rejeição que viveu na competição pela vaga que almejava. Mesmo com capacidade técnica, não possuía o perfil estético de garota branca, loira e de olhos azuis, que eram comuns e esperados para a função exercida na época. Até poderia – e houve – uma assistente de palco negra, porém, não atuando como Paqueta.

O primeiro contato de uma criança racializada com o racismo é traumático, porque a natureza da apreensão é social, ou seja, ela não se dá de maneira objetiva, programada ou de modo ritualístico. O momento do primeiro contato com o racismo na vida de um negro ou de uma negra é circunstancial, imprevisível e pode ocorrer mesmo antes que o sujeito racializado se dê conta da discriminação sofrida. Contudo, é só a partir do momento em que introjetamos a ideia de que somos percebidos por brancos de maneira diferente, e isso se transforma em um fato, como código da sociedade, que passamos a nos enxergar como negros. (DEVULSKY, 2021, p.31)

Mas deixo para o final talvez o resumo de tudo isso que venho falando em relação ao cinema como um todo, pois estou falando do filme mineiro “Marte Um”, dirigido e roteirizado por Gabriel Martins, filme lançado no ano de 2022 e que tem características, peculiaridades, construções e significados muito brasileiros e importantes para o cinema nacional nos dias de hoje e para o que ele pode representar para o futuro.

Marte Um é fruto de uma conquista histórica pouco mencionada para o público em geral: trata-se de um filme gestado pelo primeiro edital público de longa-metragem destinado para cineastas negros(as) na história do cinema brasileiro. Essa história começa lá atrás, ainda na década de 70. Primeiro com a atuação artística e política de Zózimo Bulbul, considerado o pai do cinema negro brasileiro. Bulbul, que atuou em filmes do chamado Cinema Novo, resolveu dirigir suas próprias películas por acreditar que havia uma representação caricata de pessoas negras no cinema brasileiro. Assim, abriu as portas no país para uma produção cinematográfica que vem se expandindo sob o termo de “cinema negro” (MUNDO NEGRO, 2022).

E para além do fato de ser um filme produzido por um jovem negro de origem humilde que através de políticas públicas conseguiu se constituir como pessoa, mas construir um produto grandioso como o filme “Marte Um” que inclusive foi cotado para ser um dos representantes brasileiros ao Oscar, maior premiação do cinema mundial. Isso tudo representa que há realmente possibilidades de se desfazer padrões, normas e hegemonias, e digo isso não somente pela figura do homem negro especialmente com os estereótipos e as ilustrações de masculinidade do que ele tem que ser e que o cinema faz. Isso também nos faz pensar que o cinema brasileiro pode caminhar para conquistar novos públicos, novas linguagens e novas formas de contribuir para a cultura de uma forma própria, de uma forma realmente brasileira e que vai muito além do que a indústria dos grandes cinemas e a indústria cinematográfica internacional nos diz como tem que ser feito ou não pois quem tem que dizer se é bom ou ruim no final é o público.

2.3.4 Jornalismo

O jornalismo²⁸, seja ele impresso, televisivo ou online sempre teve nomes relevantes e representantes em seus segmentos, seja na parte política, esportiva, econômica, entre outras áreas. Porém, isso se torna uma pauta relevante em nosso estudo, visto que já é uma discussão debatida pelo movimento negro e parte da sociedade, sobre o número tão pequeno de profissionais negros presentes e atuantes nas redações, sendo âncoras nos jornais de nível nacional e de ver um jornalismo mais plural, mais diversos nesses espaços de extrema relevância para as decisões e discussões em nossa sociedade como um todo, uma questão de representação e representatividade. Em tempo, me recorro nesse sentido de uma fala de uma professora da época da graduação em Comunicação Social que dizia que “a Imprensa é considerada o 4º Poder” depois dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. E ela estava mais do que certa nessa afirmativa, principalmente quando levamos em conta o cenário político e cultural brasileiro dos últimos anos.

A história da imprensa negra brasileira inicia-se de forma muito diferente do que e como vemos ela hoje, principalmente por termos mais visibilidade e meios de produzir conteúdo e divulgar notícias que sejam do nosso interesse, das nossas pautas e das nossas necessidades. Se o jornalismo como um todo tem por base a livre expressão e a missão de ser um aliado junto ao povo para discutir e provocar mudanças na sociedade por meio de denúncias e análises sobre os temas do Brasil e do mundo. Agora imaginemos isso criado, produzido, compartilhado e principalmente direcionado ao povo negro? É nesse sentido e na intenção de conhecermos os primórdios da imprensa negra que trago através de Isabel Cristina Clavelin da Rosa (2014), com o artigo “Imprensa Negra: descobertas para o Jornalismo brasileiro”, um levantamento histórico dos primeiros jornais impressos no Brasil. De acordo com a autora:

[...]no ano de 1798 já circulavam em Salvador manifestos e boletins fixados em áreas de grande circulação da cidade no processo de organização da Revolta dos Búzios, mais conhecida como Revolta dos Alfaiates. [...] o jornal *O Homem de Cor* como o pioneiro da imprensa negra. Outros títulos sucederam-no: *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito*, *O Crioulinho* e *O Lafuente* – todos circulantes em 1833. Fora da Corte (Rio de Janeiro), *O Homem – Realidade Constitucional ou Dissolução Social* foi o

²⁸ Embora instigante, nesse tópico buscarei focar mais no que diz respeito a pessoa negra e no que compete a sua representação e representatividade, em vez de adentrar nos assuntos mais polêmicos que o cercam como posições editoriais, matérias tendenciosas, entre outras camadas sobre o assunto que é demasiado extenso e complexo para o espaço e tempo que temos nessa dissertação.

primeiro impresso a circular em Recife (1876), seguido por *A Pátria*, em São Paulo (1889), e *O Exemplo*, em Porto Alegre (1892). (ROSA, 2014, p.557)

A insistência em modelos engessados e hegemônicos que a sociedade ainda consome acontece também nos telejornais. De acordo com o jornalista, pesquisador e professor da Unesp de Bauru, Ricardo Alexino (2003), sobre a presença do negro na mídia nos anos 2000, já era possível constatar que no que diz respeito ao quantitativo de repórteres negros, ainda que fosse na maior emissora do país - a Rede Globo - o número não chegava a dez, e ao nos depararmos com tal fato levando em conta as demais emissoras, vemos que esta é uma questão preocupante e que também precisa ser revista e melhor problematizada.

De acordo com o levantamento realizado pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas (GEMAA)²⁹, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, no ano de 2016, buscou identificar os percentuais de representatividade no quesito gênero e cor de quem produz opinião em jornais impressos de grande circulação nacional onde identificou:

O Infográfico – Jornalismo Brasileiro apresenta o perfil de gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais impressos do país – O Globo, Folha de São Paulo e Estadão. O gênero masculino é predominante nos três jornais e perfaz, respectivamente, 74%, 73% e 72% do total de colunistas em cada um. Em relação à cor/raça a desigualdade é ainda mais severa, com os dados de colunistas de cor branca atingindo 91% para o jornal O Globo, 96% para a Folha de São Paulo e 99% para o Estadão. (GEMAA, 2016)

No que diz respeito aos estereótipos no jornalismo estaremos invocando sempre duas violências a essas pessoas negras em imagens e vídeos que os associam a situações imorais, no sentido de falta de moralidade, e julgamentos prévios, principalmente realizados por programas sensacionalistas que se dizem jornalísticos. Dentre os vários exemplos que podemos elencar de situações em que a mídia e o jornalismo se utilizaram de estereótipos raciais para ilustrar suas notícias, podemos nos recordar de casos em que jovens negros que são presos com quantidades mínimas de maconha, mas são nomeados como traficantes, enquanto um mesmo jovem branco nessa mesma situação é considerado apenas um usuário. Além disso, a cor da pele é um fator que pesa muito nessa distinção entre o traficante e o usuário, como se fosse uma seleção cromática do preto ao branco definindo quem está mais propenso ao crime e quem está mais propenso a ser a vítima da sociedade no caso. Outro caso mais recente e irresponsável foi uso de imagens de pessoas negras para ilustrar os efeitos no corpo dos infectados pelo vírus conhecido como “*Monkeypox*”, mas que se popularizou como “*Variola dos Macacos*”, promovendo constantes associações com as origens do vírus ao

²⁹ O estudo completo e demais informações estão disponíveis no site do GEMAA. Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais/>. Acesso: 10.dez.22

continente africano, com pessoas negras pobres e vulneráveis, e mais uma leva de discursos preconceituosos advindos dessa falha de comunicação (ou puramente irresponsável) no qual parte da sociedade fez parte, mas com a devida contribuição da imprensa e do jornalismo, inclusive vale ressaltar que tais imagens foram usadas por grande parte dos jornais no país e até mesmo pelo site do Ministério da Saúde³⁰. Em consequência desses e outros tantos casos similares, “sendo o jornalismo um dos senhores da memória, essa cobertura por vezes irresponsável pode acabar reforçando representações sociais negativas da comunidade negra e de populações periféricas (SANTOS, 2019, p.6).

Passados os temas de estereótipos e representações, é preciso jogar luz ao tão importante tema da representatividade no jornalismo em nosso país. Pois como sabemos há uma distância conceitual e prática em se ter pretos nos espaços e ser referência física, visual e intelectual, nesses espaços de poder. Desde sempre tenho a lembrança de ter apenas Heraldo Pereira, Zileide Silva e claro, Glória Maria, coincidência ou não, todos jornalistas a nível nacional e já consagrados da Rede Globo de Televisão. Mas um caso um pouco mais recente, precisamente no ano de 2015, quando a jornalista Maria Júlia Coutinho, a Maju, mulher, negra, retinta, até então responsável apenas por matérias pontuais da emissora e pela cobertura da previsão do tempo no Jornal Nacional, por exemplo, ao fazer uma simples correção sobre um assunto ao seu colega de trabalho William Bonner ao vivo, a jornalista sofreu com vários comentários racistas nas redes sociais que repercutiram muito na época e provocaram uma onda de indignação por cidadãos comuns e famosos. Ao mesmo tempo o caso gerou uma enxurrada de solidariedade e mensagens de carinho onde iniciaram uma série de manifestações públicas como a *hashtag* #SomosTodosMaju em todas as redes sociais³¹. O que vale ressaltar, por fim, é que apesar desse episódio lamentável que a jornalista passou, a imagem da mesma se tornou posteriormente símbolo para movimentos em prol do respeito, da diversidade, e mais que isso, ela acabou se tornando uma nova referência para uma geração de meninas e meninos, mas especialmente em jovens negros que almejando seguir a carreira jornalística ou não, viam nela semelhança, potência e um espelho de pessoa que um dia gostariam de ser.

³⁰ Imagem com foco nas mãos negras de uma pessoa infectada pelo vírus “*mpox*” (nome atualmente utilizado) divulgado no site oficial da Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde. Disponível em: <https://bvsm.saude.gov.br/02-6-variola-dos-macacos/>. Acesso em: 13.dez.22

³¹ A jornalista Maju Coutinho comentou o episódio no Jornal Nacional e compartilhou sua experiência e resiliência diante do caso que aconteceu e de outros que já passou ao longo da vida. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4297908/>. Acesso em: 12.dez.22

2.3.5 Internet

Muitas das lembranças que eu tenho são dos anos 2000, pois foi nessa fase onde houve uma grande explosão em relação aos meios de comunicação que começavam a ficar mais atualizados e modernos em termos de tecnologias e entretenimento. Com a vinda da internet e também das primeiras redes sociais, me recordo muito claramente da época da internet discada, onde a gente só conseguia se conectar com uma séries de regras e restrições, como usar apenas aos finais de semana ou após a meia-noite, pois o custo nessa época era muito elevado, pelo menos para a grande maioria da população que tinha esse tipo de acesso. Obviamente que aqueles que tinham mais condições conseguiam se conectar através de meios mais rápidos e sem a limitação financeira no meio disso tudo. Mas é nessa fase do início do contato com a internet onde me encontrei em uma fase de verdadeira transição entre ser um pré-adolescente e me afirmar como um adolescente, e parece pouco, mas são significativas mudanças corporais, comportamentais que começam a acontecer. No que diz respeito dessa junção de internet, escola, amizades e das alegrias até de descobrir a revolução até então com o *Bluetooth* para passar músicas de um celular para outro, pelo menos para os que já tinham esses equipamentos. Foi uma fase de novas formas de comunicação, entre elas entrava o “MSN”, o “Orkut”, o “Flogão”, o famoso bate-papo do site “UOL”, os chats de amizades através do telefone e vários outros recursos até então novidades para crianças, jovens e também para os adultos.

Hoje, mais do que nunca a internet tem sido uma ferramenta quase impossível de nos desvincularmos devido aos seus inúmeros benefícios pra vida cotidiana e para nos comunicarmos. Temos inclusive as chamadas tecnologias disruptivas que são novas tecnologias capazes de criar novas dinâmicas ao que já fazíamos presencialmente, proporcionando maior eficiência, qualidade e benefícios para os consumidores e para a organização. Exemplos diversos de como os streaming de vídeo e música, serviços digitais de transporte e hospedagem temporária, de realidade virtual e realidade aumentada, ou mesmo a praticidade de contar com um supermercado online, tanto num site quanto num aplicativo de celular, entre outros.

2.3.5.1 Racismo online

O espaço virtual tem se mostrado um ambiente pulsante e emergente para a construção de novas redes sociais, para o cultivo de antigas relações e mais do que nunca, se tornar um lugar para se ter voz, para se ter outras narrativas de pessoas, grupos e movimentos que historicamente não tinham o alcance, a visibilidade e também as possibilidades que os veículos tradicionais até então promoviam. Por outro lado, também, como atesta o autor Tarcízio Silva em seu livro *Racismo Algorítmico* (2022) é preciso estarmos atentos às novas formas como as imagens, textos e discursos racistas se inserem e são inseridos na rede, e os meios pelos quais são produzidos:

[...] seja por meio de perfis “reais” ou pelo uso de “fakes”, é apenas parte das práticas e dinâmicas antinegitude em um mundo supremacista branco. Pensar e discutir tecnologias digitais, como plataformas, mídias e algoritmos, exige que se vá além da linguagem textual. Se há décadas as manifestações coordenadas ou espontâneas de racismo explícito na internet são uma constante e permanecem se intensificando de forma virulenta, nos últimos anos a abundância de sistemas algorítmicos que reproduzem e normalizam as agressões apresentam uma nova faceta pervasiva da ordenação de dados e representações racializadas online. (SILVA, 2022, p.26)

Embora não façamos esse vínculo imediato entre o universo da internet e o racismo, os dois estão muito mais conectados do que supomos. Para começar, os meios e a tecnologia em si não são racistas, mas executadas por pessoas que podem ser e/ou reproduzir lógicas de cunhos racistas. Muitos são os exemplos dessa face do racismo online que queremos discutir. Até pouco tempo atrás se fossem feitas pesquisas no Google com termos simples como “pessoas bonitas”, os resultados das buscas em imagem, por exemplo, resultariam em pessoas brancas e com um perfil físico muito semelhante. Nessa mesma lógica com o uso de termos mais pesados e de estereótipos raciais de homens negros como vamos nos aprofundar melhor nesta dissertação, quando pesquisados termos como “ébane” ou “negão”, os resultados seriam de homens negros, possivelmente retintos, de tipo físico musculoso e com os corpos expostos de forma explícita e hipersexualizada. E para além de exemplos mais específicos e localizados como os que falamos, a questão que levantamos sobre o racismo online atinge uma esfera ainda maior quando vista pelo ângulo das desigualdades sociais, que por consequência afetam majoritariamente pessoas negras. Nesse sentido, queremos dizer que os próprios recursos digitais ainda não são produtos democraticamente acessíveis a todas as pessoas, afinal, vivemos em um país onde parcelas da população não têm acesso a esses meios, evidenciado, inclusive, por conta da Pandemia da Covid-19, mas que explodiu em todo o planeta em 2020, ano em que o mundo se viu em novas dinâmicas, inclusive de comunicação.

Entretanto, mesmo que de forma limitada, é através de novas mídias e redes sociais, aplicativos de relacionamentos, sites, blogs, canais de vídeos e tantas outras plataformas de

divulgação de informações e conhecimentos, que novas (e até antigas) gerações são impactadas com essas formas de comunicação e isso é uma forma de ampliar vozes e expressões culturais diversas, inclusive de artistas, cantores, produtores de conteúdo, *influencers* e tantas outras pessoas negras que veem na internet e nas novas tecnologias uma forma de potencializar seus trabalhos e representatividade.

2.3.5.2 Redes sociais e sua ressignificação universo digital

Já ouvimos termos como Redes Sociais ou Mídias Sociais, por exemplo, para se referir ao mesmo ambiente virtual onde podemos nos conectar com o mundo e a um mundo de coisas dentro do universo digital que estamos inseridos, mas é preciso compreender as diferenças dessas nomenclaturas para entendermos inclusive suas dinâmicas de comunicação e seus significados na vida social.

As redes sociais em seu sentido principal nada mais são que as conexões que já realizamos e firmamos cotidianamente uns com os outros em sociedade, onde podemos compartilhar nossos valores, opiniões, interesses e crenças políticas, religiosas, filosóficas, entre outras. As redes sociais³², para exemplificar, são a nossa família, nossos amigos, colegas de trabalho, igreja, comunidade onde interagimos, ainda que em níveis diferentes, mas com o propósito de criar conexões entre as pessoas envolvidas. É a nossa conversa sobre um assunto que está em destaque na televisão, o bate-papo na barbearia ou salão de beleza, aquele debate entre os amigos ou com os vizinhos do bairro sobre política, entre outras relações compartilhadas em grupos.

Aliás, são esses mesmos grupos e relações que já temos no mundo real, físico, desde sempre, mas que nas últimas décadas passaram a ser promovidas e estimuladas também através das plataformas de mídias sociais no ambiente virtual, algo que se tornou possível com o advento da internet ainda na década de 90. As mídias sociais em um sentido mais simplificado são os lugares onde construímos essas relações.

As principais plataformas de redes sociais atualmente no Brasil são Facebook, Instagram, WhatsApp (sendo todas parte do mesmo grupo, a empresa Meta, de Mark Zuckerberg), além do Youtube, TikTok e o Twitter, sendo esta última uma das mais antigas em atividade. Para termos uma melhor noção da quantidade de usuários e o potencial de

³² Tendo em vista que o uso do termo “Redes Sociais” se popularizou e se tornou algo usual entre os usuários dentro e fora da internet, utilizaremos nesta pesquisa tal nomenclatura para nos referirmos melhor dentro deste contexto.

conteúdos produzidos por eles é algo a ser pontuado e refletido com outro olhar, buscar entender principalmente os impactos dessas redes e dessas conexões.

De acordo com o site Resultados Digitais³³ em um ranking feito em 2021, foram listadas as principais e maiores redes sociais usadas no Brasil naquele ano. Os resultados mostraram que: 1. Facebook (130 mi); 2. YouTube (127 mi); 3. WhatsApp (120 mi); 4. Instagram (110 mi); 5. Facebook Messenger (77 mi); 6. LinkedIn (51 mi); 7. Pinterest (46 mi); 8. Twitter (17 mi), 9. TikTok (16 mi) e 10. Snapchat (8,8 mi). Embora surpreendentes pelos números, é importante também considerar que quando comparados e/ou analisados com anos anteriores esses dados apresentam algumas alterações, e é importante também verificar o público que essas redes sociais alcançam, bem como o uso feito por cada rede apresentada, já que YouTube e WhatsApp³⁴, por exemplo, foram usadas por muitos professores como ferramentas inclusive de trabalho durante o período mais intenso da pandemia e foram alguns dos recursos mais usados e que angariam novos adeptos.

É importante considerar as significativas mudanças nos hábitos digitais das pessoas em todo o mundo nos anos de 2020 e 2021 com a pandemia de Covid-19, o consumo de informações – nos mais variados formatos – dentro das mídias sociais aumentou significativamente. O número mais recente – do começo de 2021 – indica que os brasileiros passam, em média, 3 horas e 42 minutos por dia conectados às redes sociais. Nesse quesito, perdemos apenas dos filipinos e dos colombianos, mas por poucos minutos. A tendência é que, no decorrer do ano, esse tempo tenha sido ainda maior. Tivemos novidades no cenário, como a consolidação do TikTok, que conquistou de vez celebridades e jovens no país.

Para se ter dimensão da nossa relação com esses meios, em 2019 foi investigado, através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), o módulo temático sobre Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) nos aspectos de acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. A pesquisa³⁵ apresenta dados recentes e importantes sobre a situação do acesso à tecnologia e

³³ Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 10.jun.22

³⁴ Entendemos aqui o WhatsApp enquanto rede social por sua função e utilização enquanto instrumento e trocas de informações e conteúdos multimodais entre as pessoas. Para algumas, talvez, seja o contato primário com atualizações e temáticas que em outras redes são compartilhadas e para outras pessoas essa é a única rede ou plataforma de entretenimento, embora reconheçamos que a proposta inicialmente desta ferramenta não seja para este fim, contudo, essa é uma das muitas possibilidades dentro desta ferramenta.

³⁵ É importante considerar que a pesquisa mencionada acima foi num período pré-pandêmico já que os dados são dos anos de 2018 e 2019, certamente outras variantes e resultados seriam apresentado hoje, talvez alguns de maneira até mais expressivas em relação às necessidades impostas pela pandemia de COVID19, como o caso das aulas remotas e trabalhos em *home office*, não pode ser ignorado também que o fator econômico atingiu muitas famílias e isso pode ter diminuído ou mesmo impedido acesso de muitas pessoas a internet, sabemos que a maneira como a pandemia atingiu ou impactou as pessoas não ocorreu de maneira hegemônica e nem igualitária.

comunicação, bem como o público que a utiliza³⁶. E no mesmo ano de 2019, a internet já era utilizada em 82,7% dos domicílios brasileiros.

O envio e recebimento de mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos (não *e-mail*) continua sendo o principal, indicado por 95,7% das pessoas com 10 anos ou mais de idade que utilizaram a rede em 2019. Além disso, as principais finalidades no acesso à internet no Brasil segundo a pesquisa são: Enviar e receber mensagens de texto, voz ou imagem – 95,7%; Conversa por voz ou vídeo – 91,2%, Assistir a vídeos (incluindo programas, filmes e séries) – 88,4% e Enviar e receber e-mail – 61,5%. Todos os dados coletados e analisados nos dão um breve panorama do comportamento do brasileiro com as mídias, as novas tecnologias e, inclusive, com a própria internet.

³⁶ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf> Acesso 08 fev 2022

CAPÍTULO III

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Em nosso terceiro capítulo tratamos especialmente das questões metodológicas, onde realizamos uma pesquisa bibliográfica, documental e exploratória. Através de uma análise de abordagem qualitativa ainda apresentamos o Twitter, suas formas discursivas e como realizamos as coletas de imagens que nos auxiliaram a ilustrar as discussões propostas na pesquisa. Respaldados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) discutiremos sobre como foi pensada a participação dos entrevistados e os mecanismos e percursos utilizados para alcançarmos nossos objetivos.

3.1 Metodologia

Foram muitas as inquietações que me guiaram enquanto pesquisador até este momento do estudo, mas era preciso antes organizar todas as fontes de conhecimento disponíveis e selecionar as que melhor pudessem nos auxiliar a entender todos os questionamentos envolvidos aos discursos de estereótipos e representações dos corpos de homens negros tão presentes nas minhas vivências e observações no contexto midiático e das redes sociais. Foi preciso encarar o objeto de pesquisa com um maior cuidado, visto que a investigação se trata de vidas, de pessoas, seres humanos com subjetividades, emoções e realidades distintas que, ora se cruzam e se assemelham de formas impressionantes, ora se diferenciam substancialmente também. E esta é uma pesquisa que pessoalmente me atravessa em muitas camadas, daí também entendo a importância de efetivamente me apresentar, dentro de certos limites, claro, como sujeito também participante dessas narrativas e relatos de homens negros.

Dessa maneira a etapa de escolha da metodologia se fez mais do que estratégica. Entendemos que a nossa problematização sobre esses discursos precisava passar pelo resgate histórico e o aprofundamento necessário para se compreender como tudo começou ou, pelo menos entender, os caminhos construídos ao longo dos anos e as bases utilizadas para tudo o que temos e vemos nos dias de hoje. Seria inconsistente e fácil demais simplesmente fazer uma série de perguntas ou apenas apresentar imagens e textos presentes no ambiente virtual e problematizar todas essas questões sem o mínimo de embasamento teórico sobre o tema, aliás,

não chega a ser uma crítica frente ao que a sociedade de modo geral faz nas redes sociais em falar, opinar sobre tudo e, muitas vezes, de qualquer maneira sem considerar contextos e um olhar crítico ao menos, mas construir e defender uma pesquisa de temática complexa e extensa que merece um olhar para além da tela, um estudo que seja acadêmico, objetivo e que possa impactar verdadeiramente a vida das pessoas.

O estudo busca através de pesquisa bibliográfica, documental e exploratória, compreender as questões raciais e seus efeitos na sociedade, com ênfase nas questões acerca dos discursos de estereótipos e representações dos corpos de homens negros, jogando luz especialmente sobre os discursos e contradiscursos manifestos por representações veiculadas na mídia tradicional e ainda mais hoje nas redes sociais.

3.2 Pesquisa bibliográfica

Para conhecermos melhor o nosso objeto, realizamos uma pesquisa bibliográfica de forma exploratória por meio do levantamento de informações em livros, artigos, dissertações, teses, sites, veículos de comunicação dos mais diversos e as próprias redes sociais. A ideia foi nos aprofundar no conhecimento relativo aos discursos de estereótipos e representações dos corpos dos homens negros, pois dessa forma resgataríamos informações acerca destes corpos e o desenvolvimento histórico de como eles foram constituídos e observados ao longo dos tempos. Levantamos também estudos que nos abrissem novos caminhos sobre a análise de discurso crítica, teoria racial crítica, identidades, estereótipos, representações, interseccionalidades, redes e mídias e, não menos importante, sobre as masculinidades negras.

Nosso objeto de estudo nessa pesquisa certamente não é um objeto tratado de maneira isolada, já que as interseccionalidades acabam sendo acionadas a todo momento para que o estudo se desenvolvessem, e pudessem abordar as teorias, discussões e as próprias Narrativas de vida – que aqui são percebidas como relatos e participações desses sujeitos nas entrevistas e seus perfis no Twitter, e não como as questões metodológicas propriamente conhecidas para a partir de então, conseguirmos efetuar e discorrer sobre a descrição do corpus, geração de dados e análise dos mesmos. Compreendemos que o assunto não poderia ser dado por encerrado após o fim do mestrado, pois alguns caminhos ou mesmo possibilidades e desdobramentos poderia e chegaram a ser apontados, mas de maneira alguma compreendidos como fim mas reinício.

Optamos pela entrevista como instrumento de geração de dados por entendermos que ela é versátil quanto aos resultados obtidos, proporcionando abertura de diálogo e opiniões dos entrevistados, e dessa forma conseguiremos maior aprofundamento nas temáticas. É importante pontuar o uso de entrevistas como método de análise, visto que:

Pode-se entrevistar pessoas envolvidas como participantes em amostras do corpus, não somente para estimular suas interpretações sobre as amostras, mas também como uma oportunidade para o(a) pesquisador(a) experimentar problemas que vão além da amostra como tal e tentar descobrir, por exemplo, se uma pessoa está mais consciente do investimento ideológico de uma convenção discursiva particular, em algumas situações mais do que em outras. (FAIRCLOUGH, 2001, p.278)

Para a abordagem, tivemos como princípios: a imparcialidade, o anonimato do entrevistado e a empatia, nos colocando sempre de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e respeitando os seus espaços e limitações.

3.3 O Twitter como recursorde pesquisa

Realizamos ainda a busca, seleção e categorização de postagens públicas no Twitter que correspondessem aos nossos temas de pesquisa, sob o critério de gênero e sexualidade, publicações que dialogassem com o estudo. A escolha dessa rede social para essa pesquisa se justificou primeiramente por ela representar o momento e o lugar mais atual, após as mídias tradicionais que já o faziam, onde poderíamos encontrar a execução máxima e mais recente do que imaginamos ter os possíveis resquícios de colonialidade nos discursos e estereótipos de sobre a vida e corpos dos homens negros. Em segundo lugar, pela rapidez e dinamismo que o Twitter oferece, talvez, considerando que as interações estabelecidas ocorram de maneira muito rápida e até mesmo objetivas, algumas questões são abordadas ou suscitadas talvez a partir de pensamentos um pouco mais práticos, já que para muitos é importante expressar o pensamento ou reflexão de forma mais clara possível e ainda com uso de poucos caracteres.

O Twitter é uma das maiores e mais longevas redes sociais que temos atualmente. Com aproximadamente 330 milhões de contas em todo o mundo, essa plataforma que tem como símbolo o famoso passarinho azul, tem como característica mais marcante a limitação de caracteres por mensagem compartilhada: inicialmente eram 140 e hoje em dia são 280 caracteres. Por ser um microblog, a ideia é promover textos curtos onde o usuário possa dividir com sua rede de seguidores suas opiniões, o seu dia a dia, compartilhar memes e até debater sobre assuntos mais sérios.

Enquanto rede social, o Twitter é um espaço de livre expressão, assim o usuário tem a liberdade, desde que seguindo a política de segurança da própria plataforma, para emitir seus pensamentos, se informar e produzir conteúdo que sejam do interesse da sua audiência (algo utilizado principalmente por marcas comerciais e perfis de usuários famosos).

A plataforma consegue abarcar variados conteúdos e recursos multimodais tais como imagens, vídeos, áudios, entre outros, mas diferencia-se de algumas outras redes sociais, como o WhatsApp, por exemplo, por ser um espaço essencialmente público onde qualquer pessoa tem acesso ao conteúdo postado (embora o usuário possa restringi-lo também) algo que o WhatsApp realiza essencialmente por ser uma rede social com uma dinâmica de comunicação mais particulares e individuais.

Outra característica marcante do Twitter, posteriormente copiado por outras redes sociais, é o uso da famosa *hashtag*, representada pelo símbolo de jogo da velha (#), através desse recurso os usuários podem compartilhar sobre um determinado assunto inserindo uma palavra-chave ou frase precedida do símbolo para criar e agrupar esse conteúdo aos demais assuntos semelhantes a eles na rede social. De acordo com Gambetta Abella (2016), através desse mecanismo “os usuários conseguem se posicionar e, ao mesmo tempo, reconhecer outros que estão ‘conversando’ sobre assuntos similares” (p. 23). E é interessante observar que as *hashtags* carregam consigo “um posicionamento, já que se refere não somente ao assunto, mas também ao pensamento do tuiteiro acerca do problema” (p.23) ou ideia central do que se quer compartilhar e gerar identificação na rede.

Dentro da plataforma há também o chamado *Trending Topics*, que é o ranking dos assuntos mais comentados no momento, algo como um medidor de audiência, tanto que nos últimos tempos tem sido usado, por exemplo, por programas de televisão, rádio e outras empresas presentes na rede social a fim de se conectar com seus públicos e saber o que tudo o que estão falando em tempo real.

Por sua dinâmica e velocidade, aliás, até mesmo o “arrepender-se” pode ser tarde demais. Uma postagem pode ser comentada, “printada” (ou seja, uma captura de tela) e usada de muitas maneiras, seja para promover ou até mesmo desmoralizar uma pessoa. Não à toa, o Twitter já foi palco de grandes debates sobre política e assuntos polêmicos, e assim como praticamente todas as redes sociais virtuais há uma pluralidade de opiniões entre positivas e negativas sobre todo e qualquer assunto.

O tradicional boca a boca, mas também as falácias e *Fake News*, que já eram coisas presentes nas nossas relações cotidianas de formas enraizadas, muitas vezes naturalizadas,

ganham ainda mais força no ambiente virtual em projeções e impactos de discursos que podem ser infinitos e perigosos.

Muitas pesquisas que tratam sobre a internet, as plataformas digitais, as mídias sociais, inclusive, os meios de comunicação de massa tradicionais, partem para abordagens quantitativas a fim de obter resultados em números e escalas que possam quantificar desde o número de pessoas que têm acessos a essas tecnologias a uma relação de audiência no consumo de determinado produto, assunto e conteúdo. Dentro da nossa proposta metodológica sem dúvida essa abordagem isoladamente já enriqueceria nossas análises, mas precisávamos ir além dos números e compreender como esse fenômeno que estamos lidando acontece e aparece de maneiras diferenciadas para cada pessoa ou grupos, por isso optamos primordialmente por uma análise de abordagem qualitativa em relação as escolhas das imagens e discursos (*tweets*) presentes nessa rede social. Segundo Minayo (2001) essa metodologia “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (p.21), confirmando assim a importância de usarmos tal abordagem nesta pesquisa pela diversidade de conteúdos que poderiam corresponder ou não com as nossas intenções de ilustrar nossas questões acerca dos homens negros. Assim sendo, propomos um recorte temporal que nos atendesse em meio a multiplicidade de conteúdos presentes nas redes sociais, mas que nos resultasse satisfatoriamente na obtenção de imagens e discursos que realmente estivessem relacionados ao tema da pesquisa. Desta maneira delimitamos nossa busca referente ao ano de 2020 (janeiro a dezembro), mas com um olhar mais atento aos acontecimentos do 1º semestre do ano por ter sido um período de grande relevância de acontecimentos e repercussões de temáticas raciais e de gênero no Brasil e no mundo. Dentre alguns eventos que destacamos foram as discussões levantadas no reality show Big Brother Brasil (BBB 20), da Rede Globo de Televisão, como racismo, machismo, masculinidade tóxica, entre outros desdobramentos, que impactaram dentro e fora do programa e geraram debates nas redes sociais.

Neste semestre de 2020, mais especificamente em maio e junho, o mundo se viu diante de uma onda de manifestações contra a violência policial e genocídio da população negra. Iniciado nos Estados Unidos e denominado de Black Lives Matter, o movimento atravessou fronteiras ganhando mobilização também em outros países, como o Brasil com a versão Vidas Negras Importam, impactando várias capitais e gerando comoção, discussão e debates nas mídias tradicionais e, principalmente, nas redes sociais, como o Twitter, endossados pelas hashtags #BlackLivesMatter, #VidasNegrasImportam e outras tags relacionadas.

Em suma, nosso recorte nesse ponto se deu por todos estes acontecimentos que dizem respeito à população negra, sobre os seus corpos e sobre suas vidas. O momento pediu ainda um olhar político, sério e aprofundado sobre determinadas questões de impactos físicos e simbólicos sobre estes corpos negros e, no caso desta pesquisa, principalmente os corpos dos homens negros.

Por se tratar de relações humanas, optamos por utilizar como um dos procedimentos metodológicos o formato de entrevistas, seguindo um roteiro definido em tópicos centrais e perguntas auxiliares relacionadas aos assuntos levantados, deixando sempre uma abertura para aprofundamento tanto por parte do pesquisador quanto dos entrevistados, além de permitir outros desdobramentos.

3.4 Os participantes das entrevistas

Com vistas a obter uma amostragem significativa e representativa da realidade investigada nesta pesquisa e com base em orientações e protocolos de pesquisa³⁷ definidos em comitês de ética e/ou em tradições das áreas de conhecimento contempladas no estudo, decidimos que os sujeitos de pesquisa seriam 4 (quatro) homens negros adultos, maiores de idade, usuários ativos de redes sociais, mais especificamente no Twitter, que correspondessem ao perfis de gênero e sexualidade: sendo 1 (um) homem negro que identifica-se enquanto heterossexual; 1 (um) homem negro que identifica-se enquanto bissexual; 1 (um) homem negro que identifica-se enquanto homossexual e 1 (um) homem negro que identifica-se enquanto homem transexual/homem trans. Após um período dentro da plataforma, realizando observações prévias dos conteúdos, dos usuários e suas dinâmicas na rede, selecionamos alguns perfis e realizamos o convite individualmente para cada um deles. Positivamente tivemos o retorno e aprovação de 3 (três) usuários convidados, entretanto não obtivemos retorno de um deles, visto que no período em que realizamos essa etapa inicial e de contato, acontecia uma polêmica sobre a recusa de alguns homens negros trans em participar de pesquisas sobre suas narrativas e vivências após abordagens invasivas e desrespeitosas de alguns pesquisadores e estudantes (em fase de TCC) para com estes homens, causando um mal-estar para os mesmos e compreensível recusa em participar desses estudos. Compreendendo o cenário até então, recuamos nessa tratativa temporariamente, mas

³⁷ O protocolo de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG, sob o número do parecer: 5.061.655

objetivando o contato futuro com alguns homens negros trans, pois vemos como imensurável, dado o grau de importância e relevância dessas vozes, para a constituição desta pesquisa.

Respaldados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tanto pesquisador quanto participantes entrevistados oficializaram e validaram a colaboração neste estudo. Sendo ainda uma realidade presente na vida de todos nós, por consequência da pandemia do Covid-19 e em função da distância geográfica que nos separava, nossa única possibilidade de realizar essas entrevistas foi pelo formato online - o que por outro lado nos permitiu ultrapassar as barreiras geográficas - e nos conectou com pessoas do norte, nordeste e sudeste do país. Realizamos as entrevistas através de recursos tecnológicos como o notebook, conseguindo ainda registrar as gravações via plataforma de videoconferência Google Meet, onde pudemos compartilhar informações, o roteiro de perguntas e as imagens presentes na rede que foram selecionadas e apresentadas aos nossos participantes.

As entrevistas aconteceram entre os dias 4 e 11 de dezembro de 2021, de maneira individual, em dias e horários diferentes umas das outras, levando em conta que foram realizadas seguindo a disponibilidade de cada um dos participantes. Os encontros tiveram em média aproximadamente 2h30 de duração.

A dinâmica da entrevista previa inicialmente ser dividida em 2 (duas) etapas. A primeira reservada a uma breve explicação sobre o estudo, me colocando disponível para tirar as dúvidas deles e deixá-los confortáveis, pois ainda que estivesse ali em uma posição que requer seriedade, era preciso compreender que do outro lado da tela estavam pessoas que se disponibilizaram para falar sobre suas vidas, suas lembranças, experiências e até feridas que poderiam eventualmente gerar gatilhos e desconfortos. Como bem atesta Deslandes (2007), “ao contrário do que muitos podem pensar, é fundamental o envolvimento do entrevistado com o entrevistador” (p.67), e sendo este entrevistador também um homem negro, a probabilidade de identificação e aproveitamento se tornariam ainda mais favoráveis. Neste primeiro momento foram feitas uma série de perguntas seguindo um roteiro com os tópicos: Identificação; Família/Amigos; Relações Étnico-Raciais; Relações Afetivo-Sexuais e Redes Sociais (ver Anexo ao final).

Tínhamos como objetivo também realizar um segundo momento na entrevista, no qual apresentaríamos 5 (cinco) imagens públicas (*tweets*) coletadas do *Twitter* para que os participantes pudessem compartilhar as suas impressões sobre cada um desses conteúdos. Os *tweets* selecionados na pesquisa seriam usados para uma validação/comprovação (ou não) das narrativas dos nossos entrevistados. A ideia era deixar livres as suas interpretações, inquietações ou identificações com os discursos presentes. Porém, no percurso da pesquisa,

diante de novos olhares sobre a temática e compreendendo todo o peso e relevância que as narrativas que tínhamos coletado já indicavam a possibilidade de outros aprofundamentos em novos temas e assim o fizemos.

Para a fundamentação dos procedimentos metodológicos adotamos fundamentalmente as orientações de Flick (2009). Como suporte para procedermos na perspectiva das experiências empíricas por meio de entrevistas recorreremos ainda a Minayo (2001) e Deslandes (2007). Almejávamos trabalhar com essas narrativas dentro do texto com o seu devido cuidado e relevância, pois remetem a lembranças muitas vezes sobrepostas umas às outras e assim pudéssemos melhor analisar, compreender e descrever. Como base para a análise dos dados, consideramos os relatos expressos por meio das entrevistas como narrativas de vida. Assim, seguimos alguns princípios básicos da pesquisa narrativa, a qual tem crescido bastante nos últimos anos e as formas de obtenção de histórias têm se modernizado, devido a uma característica que sobressai nesse tipo de investigação: a valorização da identidade do/a pesquisador/a e do/a pesquisado/a, ou seja, o sujeito informante.

CAPÍTULO IV

AS MASCULINIDADES NEGRAS

*(...)um homem não te define
sua casa não te define
sua carne não te define
você é seu próprio lar
Triste, Louca ou Má (Francisco, el Hombre)*

O quarto capítulo visa ser um capítulo prévio para as análises dos dados feitos em seguida. Neste capítulo discutimos sobre as masculinidades negras, o patriarcado e as noções sobre masculinidades, inclusive fazendo um levantamento dos estudos acadêmicos sobre o tema, além dos conceitos sobre marcadores sociais, interseccionalidades, estereótipos e imagens de controle, e concluindo com a apresentação inicial de perfil dos nossos entrevistados.

4.1 O ser homem: patriarcado e masculinidade

Falar sobre o que é ser homem parece, às vezes, ser tão fácil, visto que sempre mimetizam outras figuras masculinas ao nosso redor para que sejamos iguais ou tão superiores quanto, como quando nos deparamos com situações de estereótipos e comportamentos desde muito cedo, talvez desde o nascimento ou desde a primeira infância. Mas o que de fato nos define, nos faz ser realmente um homem de verdade em nossa sociedade? Como dizem os nossos mais velhos “ser um cabra macho” e “valorizar o que tem no meio das pernas”. E sim, são frases esdrúxulas, mas ainda hoje em muitos cantos por todo esse Brasil ainda é um sinal de afirmação de masculinidade, passados de pais para filhos e que precisam ser levados à risca.

Ao contrário do que se possa imaginar, responder a esta grande questão não é uma tarefa fácil, pois a trajetória e construção identitária não passa somente por situações como quando criança você enquanto menino ter que brincar de carrinho, se vestir de azul, jogar futebol com os outros meninos da rua, ou até mesmo tomar um cascudo na cabeça ou partir para uma briga com os colegas da escola. Pior ainda é quando esta pessoa vai crescendo e

veementemente acreditando que ser homem é ser o mais pegador da balada, aquele que tem o maior físico, isso sem falar nas comparações de cunho sexual desde o tamanho do órgão genital até a excelência e experiência na cama.

Ser homem, hoje, falando aqui e agora, parece ser tão fácil de explicar, mas na realidade é tão cansativo e desgastante ter que se provar/desafiar a todo momento e posicionar frente ao mundo que você é um ser privilegiado e um ser supremo na grande escala social (se assim pudermos sucintamente colocar). Aliás, falo também dessa sociedade que “ao longo dos séculos e a partir da escravização de pessoas negras no período colonial, sempre posicionou o negro no nível mais baixo da escala social ou, melhor dizendo, fora dessa escala, por sua condição de escravo e vassalo, de ser inferior, de não-gente” (RODRIGUES, 2021, p.8).

Entretanto, tudo isso muda de figura no minuto seguinte quando percebemos que nada do que nos foi ensinado ao longo da vida corresponde e diz respeito a todos os homens de maneira homogênea. Na verdade, a única coisa que realmente nos atravessa enquanto homens e nos direciona ao mundo masculino é o nosso corpo, nosso templo de carne e osso, nossa experiência sensorial, emocional, transcendental. É questionar tudo aquilo que um dia já nos beneficiou por sermos parte de um sistema muito complexo, e que de algum jeito, grau ou forma já oprimiu outros e outras em dados momentos de suas vidas.

Nesse sentido é importante compreendermos o problema por trás dessa questão do que é ser ou não ser homem de verdade, pois é necessário jogar luz a um problema que transcende as noções de homem e masculinidade. Estamos falando do patriarcado, um sistema muito bem engendrado – pois atua das maneiras mais simples às mais árduas – criado por homens brancos em benefício a outros homens brancos. O patriarcado enquanto uma ideologia visa promover certas vantagens, diretos e, inclusive, normas dos homens sobre as mulheres. Sociedades patriarcais, como a nossa, por exemplo, conseguem erguer e sustentar com todas as artimanhas possíveis o seu domínio em todas as esferas de poder.

Podemos confirmar essa tese trazendo à memória alguns fatos simples e comumente vistos como “naturais” e que dizem muito sobre o sistema e o modo de atuação que o patriarcado promove nas coisas mais simples possíveis, como as cores para os meninos e meninas, as roupas masculinas e femininas e até mesmo os brinquedos com que meninos e meninas podem ou não brincar. Lembro dessa marcação de gênero quando ainda pequeno, mesmo que na feliz possibilidade de ser agraciado com brinquedos na infância dados pela minha mãe, parentes ou amigos, como em momentos especiais e datas comemorativas, me recordo nitidamente como qualquer criança da minha época ganhar um presente de verdade não era roupa ou calçado, mas de ter o brinquedo do momento, e como os anos 90 e 2000

foram épocas fartas nesse sentido. Havia para nós uma clara divisão imposta, obviamente pelos adultos, de que meninos brincam com carrinhos e super-heróis e para as meninas as bonecas e os “brinquedos de casinha”, o que nada mais eram que pequenas versões de fogão, geladeira, entre outros itens comuns da vida doméstica de uma pessoa adulta. Acredito que aquilo era uma forma de mostrar e conduzir diretamente como agiríamos no futuro de acordo com o nosso gênero. Apenas para concluir essa breve recordação de infância, tive a sorte de ter o mais famoso e másculo boneco chamado Max Steel, contudo tive maior satisfação ainda com uma boneca da She Ra, a Princesa Guerreira.

Quando discutimos essas temáticas muito se destaca a vinculação quase direta do patriarcado com a masculinidade, ou melhor dizendo, sobre a masculinidade tóxica, mas aí entra um outro problema conceitual, geralmente, mal compreendido e difundido sobre esses dois termos. O autor JJ Bola (2020), nos auxilia nesse entendimento ao explicar que a masculinidade não é o patriarcado, mas uma sistematização que:

[...] se estende pela família, pelo sistema educacional e pela mídia de massa. Ele socializa os comportamentos, atitudes e ações dos homens, dizendo a eles como devem agir, se sentir e se comportar em todos os aspectos das suas vidas, especialmente em relação às mulheres, mas também em relação aos outros homens. (BOLA, 2020, p.16)

Com isso o autor nos ajuda a entender a importância de não se essencializar a ideia de ser homem e disso ser algo estritamente negativo, desconsiderando suas subjetividades, positivities e contribuições. E acima de tudo buscar nesse entendimento uma forma de construir uma “masculinidade que não dependa do patriarcado para existir, uma masculinidade que enxergue a necessidade da igualdade de gênero não apenas como ferramenta de sobrevivência, e sim como um impulso para prosperidade. (BOLA, 2020, p.36)”. Para além disso, a masculinidade é um modo, uma prática, uma experiência vivida por homens mas que não se limita a ser fixo e rígido, afinal, assim como a ideia de identidade que é relacional e dinâmica, por exemplo, a masculinidade é compreendida e vivida de maneira diferenciada pelos sujeitos, o que não retira dela ao mesmo tempo a necessidade de dividir as masculinidades entre as hegemônicas/normativas (que podemos entender basicamente como um homem, branco, heterossexual, detentor de acessos e bens materiais) e abaixo as masculinidades subalternas (que correspondem a todas as outras demais pessoas, como negros, indígenas, gays, transmasculinos, entre outros que fogem a norma).

De acordo com o sociólogo americano Michael Kimmel (1998), as masculinidades são construídas pela sociedade e constituídas com base em certos critérios, que presumem:

[...] que as masculinidades (1) variam de cultura a cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual. (KIMMEL, 1998, p. 105)

A partir desses critérios de Kimmel (1998) já conseguimos visualizar e, inclusive, integrar ao pensamento de Bola (2020) que defende a ideia de pluralizar o termo para masculinidades, pois assim poderemos “representar a identidade masculina como algo não singular, para mostrar que ser um homem é um ato que se desenvolve em múltiplos formatos, sendo um conjunto identitário complexo, multifacetado, fluido, dinâmico e sempre mutável (p.163). Por essa razão é tão importante pensarmos o homem para além da normatividade, pois o homem no ocidente difere do oriente; assim como o homem de 1500 já não corresponde ao homem dos anos 2000, e o homem negro no Brasil é diferente em muitos níveis de um homem negro do continente Africano e, por fim, que os homens de modo geral desde que mundo é mundo se transformam e se adaptam para sobreviverem até os dias de hoje. E assim sendo, todos os esses exemplos são pertinentes para iniciarmos as discussões sobre ser homem, sobre masculinidade e negritude. É hora de falarmos sobre as masculinidades negras.

4.2 Estudos sobre as masculinidades negras

Falar sobre as Masculinidades Negras ainda é um assunto recente se compararmos com as discussões sobre as relações de gênero já feitas pelo movimento feminista, em especial, o das Mulheres Negras que, como bem destaca Osmundo Pinho (2004), tem nesse movimento um abalo sísmico no tocante das identidades e nas políticas de representação, “incluindo o espaço da mídia, a produção acadêmica, a literatura, as humanidades e artes etc”, mostrando sua força e relevância ao dar voz a pautas e causas urgentes, mas principalmente no seu papel de impulsionar novas gerações ainda mais empoderadas e construir novos sabemos para toda a sociedade.

Os estudos sobre a vida dos homens negros sempre estiverem de um jeito ou de outro em investigação, seja nos estudos de médicos e cientistas, de antropólogos e sociólogos, todos estes obviamente homens brancos. Mas felizmente, na contramão dessa visão “de fora” da realidade dessas vidas negras, os estudos das feministas negras sempre buscaram se articular e se afirmar na sociedade, e ainda incluir aos seus debates as conquistas, desafios, conflitos,

mas também as ausências dos homens negros em suas vidas, o que os impactava enquanto indivíduos, mas também suas famílias e comunidades. E por muitos anos tivemos a oportunidade de contar com estudos diversos sobre as masculinidades negras, mas somente a poucos anos os homens negros se colocaram mais ao centro desses assuntos, protagonizando suas próprias histórias através de artigos, livros, colunas ou mesmo desabafos nas redes sociais, afinal, já era mais que a hora dessas vozes que por séculos foram silenciadas e acorrentadas poderem, enfim, se expressar livremente.

Pela própria natureza deste estudo, por uma decisão política de minha parte enquanto homem negro também, e outras motivações, busquei trazer para as nossas reflexões, especialmente neste capítulo, muitas autoras e autores negros que trouxeram novas perspectivas sobre os nossos temas de pesquisa e ainda instigaram novas possibilidades de caminhos para trilhar a partir daqui.

Pretendo apresentar neste momento algumas das minhas principais referências e suas frentes de pesquisas para além de valorizar suas contribuições no campo da academia, é uma oportunidade de apresentar as novas gerações aqueles e aquelas que vieram antes de nós.

Nosso objeto de pesquisa é o homem negro e acredito que um dos nomes mais gabaritados ao longo dos anos para se tratar das subjetividades masculinas negras seja através do psiquiatra martinicano **Frantz Fanon**, com a obra clássica – originalmente publicada em 1952 – “Pele Negras, Máscaras Brancas” (2008). Contando ainda com pesquisas situadas nos homens negros do continente latino-americano, como os estudos da antropóloga colombiana **Mara Viveros Vigoya**, em “As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América” (2018). A obra semi-biográfica do escritor congolês **JJ Bola**, “Seja homem: a masculinidade desmascarada” (2020), que conta na edição brasileira com o prefácio do cantor Emicida. E além dessa produção, o cenário nacional também é ricamente representado com estudos realizados por outros homens negros como **Osmundo Pinho** com o artigo “Qual é a identidade do homem negro?” (2004), com **Henrique Restier** e **Rolf Malungo de Souza** na concepção do livro “Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades” (2019) e as contribuições mais que urgentes de “Transmasculinidades negras: narrativas plurais em primeira pessoa”, organizados por **Bruno Santana**, **Leonardo Morjan Britto Peçanha** e **Vércio Gonçalves Conceição** (2021). Essas são apenas algumas das nossas referências sobre o tema que se mostram cada vez mais necessários por incluir e estimular os homens negros para o centro deste debate que é sobre si, é sobre seus corpos, suas próprias vidas e sobre o impacto de suas representações e performances nas relações de poder.

4.3 Marcadores sociais

Como estamos vendo, as diferentes vivências dos homens negros passam inevitavelmente pelos chamados marcadores sociais, que são categorias e sistemas criados para melhor entendermos quem somos na e pela sociedade. Através deles podemos apontar as desigualdades, características ou mesmo particularidades que existem entre os indivíduos e os grupos. Em suma, esses marcadores funcionam para visualizarmos os sistemas e as formas como vemos e vivemos a vida, e através desse mecanismo conseguir compreender as dinâmicas e os fatores que nos diferenciam enquanto sujeitos em nossa sociedade.

Nosso estudo tem seu olhar crítico sob a vida do homem negro, falando de maneira mais ampla, mas buscando exemplificar a relevância dos marcadores sociais para a nossa pesquisa, destacamos alguns como a categoria de gênero por se tratar de indivíduos que se identificam enquanto pessoas do sexo masculino; com a indicação de classe, por abarcar homens negros no contexto da ascensão social e condições econômicas; pelas questões raciais por ainda termos um modelo de masculinidade hegemônico que é branco e ainda vivemos em uma sociedade estruturalmente racista, etc. Além destas, hoje em dia já são utilizadas outras categorias para entender e atender as várias mudanças do mundo ao longo dos tempos.

4.4 Interseccionalidade

Nesse sentido, quando buscamos falar de masculinidades negras, estamos reconhecendo, por exemplo, que a construção e vivência de um homem negro heterossexual é diferente da realidade de um homem negro homossexual, assim como a experiência de um homem negro com alto poder aquisitivo é diferente em muitos níveis de um homem negro pobre de periferia. Isso nos mostra que nossas identidades dentro das estruturas sociais e de poder em nossa sociedade são atravessadas por diferentes marcadores sociais (que incluem ainda a questão de identidade de gênero, sexualidade, geração, geolocalização, deficiências físicas, etc), ou seja, são interseccionalizadas. Os modos de ser homem a depender de variados fatores e circunstâncias definem até as camadas de opressões que os mesmos poderão viver. Em outras palavras, “partes das nossas identidades se sobrepõem, algumas nos dando vantagens ou privilégios, enquanto outras partes nos oprimem e formam obstáculos e

barreiras variadas” (BOLA, 2020, p.108). Entretanto, o ponto em comum de todas essas masculinidades é a busca pela sua humanidade.

Agora já compreendendo que as nossas identidades são marcadas por categorias, mas também marcadas por eixos de opressão, como de fato elas se constituem e como se dão esses movimentos na prática de nossas vidas? Para isso é necessário entender o conceito de “Interseccionalidade”, cunha pela advogada e professora negra estadunidense Kimberlé Crenshaw, que entende que:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)

Esse conceito foi proposto inicialmente como forma de enfrentamento de causas e efeitos da violência contra as mulheres negras estadunidenses em uma frente tomada por Crenshaw décadas atrás, porém a ideia geral e debate que a autora propunha já eram articulados de certa forma por outras muitas estudiosas e ativistas muito conhecidas como **Angela Davis**³⁸, **bell hooks**³⁹, **Patrícia Hill Collins**⁴⁰, representantes do *black feminism* estadunidense. Já no Brasil contamos com nomes consagrados como os de **Lélia Gonzales**⁴¹ e **Sueli Carneiro**⁴², entre outras tantas que desenvolvem trabalhos nesse sentido, o que nos quer dizer também que as mulheres negras brasileiras sempre tiveram e estiveram à frente do seu tempo e tratando de assuntos complexos e profundos de um Brasil tão desconhecido como

³⁸ Ativista desde o Black Panther e autora de um dos mais importantes e relevantes estudos que tratavam sobre a imagem construída do negro como estuprador nos Estados Unidos especialmente visto que este país foi fortemente influenciado pela segregação racial por anos.

³⁹ Uma das autoras mais humanas em sua escrita, ao nosso ver, se desdobrava em assuntos sobre questões raciais e de gênero, além da educação emancipadora, sobre o amor e, por vezes, discutia em seus estudos sobre os estereótipos, as masculinidades e a negritude do homem negro.

⁴⁰ Professora e pesquisadora sempre dedicada a promover assuntos sobre os feminismos negros, mas também reconhecida pelas suas contribuições sobre uma revisão da teoria da interseccionalidade e a perspicaz questão das imagens de controle construídas e fomentadas pela sociedade.

⁴¹ Sem sombra de dúvidas uma mulher a frente de seu tempo, tanto que trouxe debates como racismo, mulheres negras, homens negros e responsável pelo conceito de cunho político e cultural conhecido como “Amefricanidades” numa tentativa de relocalizar os problemas advindos do colonialismo para a realidade local do continente americano, entre outras abordagens nesse sentido.

⁴² Filósofa, poeta e ativista, fundadora do “Portal Geledés” no fim da década de 80, com o intuito de ser uma organização de fortalecimento e oportunizador para as mulheres e também homens negros no país, ela ainda se tornou uma das vozes mais relevantes de sua geração em discussões sobre racismo, sexismo e desigualdade racial no Brasil.

aquele já muito falado por **Carolina Maria de Jesus**⁴³, outra grande referência no que se refere a ser mulher negra na sociedade brasileira.

4.5 Homem negro no plural

Mas afinal, por que se referir às masculinidades negras assim no plural? Pois cada grupo de homem é uma masculinidade diferente. Suas performances, recortes (de geração, identidade de gênero, sexualidade, por exemplo), e todas as suas vivências e necessidades construídas e vividas de formas plurais. Entretanto, ainda assim seguem influenciados pelo modelo hegemônico, que via de regra, como aponta o sociólogo Osmundo Pinho (2004), se trata de uma masculinidade que “apresenta-se com um conteúdo determinado: homem, no pleno gozo de suas prerrogativas, seria adulto, branco, de classe média e heterossexual” (p. 66), embora, também, mais recentemente teóricos já articulam a inclusão de outras características basilares desse ideal de homem.

Isto significa que não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos. (KIMMEL,1998, p. 106)

Nesse sentido, quando buscamos falar de masculinidades negras, estamos reconhecendo, por exemplo, que a construção, vivência e leitura de um homem negro se diferem entre os marcadores sociais e as interseccionalidades dos próprios homens negros. E como já citado anteriormente, é importante sempre frisar que o ponto em comum entre todas essas masculinidades, sobre as vidas dos homens negros, como vemos batendo nessa tecla desde o início de estudo, é a busca pela sua humanidade.

4.6 Estereótipos e imagens de controle

Seguindo nessa direção dos nossos estudos, concordamos inteiramente com a afirmação de Hall (2016) quando ele diz que os negros sempre foram estereotipados pela

⁴³ Escritora e poetisa, embora não tenha contado com uma vivência academicista, tornou-se uma das mais importantes referências no feminismo negro brasileiro e conhecida nacional e internacionalmente pela sua obra mais icônica chamada “Quarto de Despejo”, onde narra suas vivências e dores enquanto mulher negra, mãe, moradora de favela e catadora de papel.

visão racial. Assim sendo, entendemos que para sobreviver em uma sociedade estruturalmente racista, suas identidades são formadas quase que por barganhas⁴⁴. Os estereótipos se apresentam de maneiras muito particulares para marcar pessoas e grupos, sejam eles brancos, negros ou indígenas. Mas a questão que precisa ser levantada é de que forma eles são evocados, reproduzidos, com que objetivos e os efeitos (e prejuízos) nas vidas dos mesmos.

Vigoya (2018) em seus estudos sobre os estereótipos associados aos homens na Colômbia, por exemplo, não fez apenas uma constatação óbvia das imagens presentes no imaginário do povo colombiano, mas revelou tamanha é a semelhante com o que acontece com os homens negros e também indígenas no Brasil. Segundo a autora, assim como os homens negros:

[...] os homens indígenas têm sido objeto de múltiplos estereótipos e imaginários, porém de natureza muito distinta. Enquanto os homens "negros" têm sido percebidos como **hipersexuais** e **hipervirís**, mas também como **pais ausentes**, cônjuges infiéis e **estudantes fracassados**, os homens indígenas são imaginados como homens atávicos, imóveis, **desmotivados** e **hipossexuais** ou como homens **primitivos** e **bons selvagens**. Estes estereótipos geraram obstáculos ideológicos, teóricos e metodológicos que explicam a ausência, a marginalização e a negligência dos estudos sobre homens indígenas no geral e particularmente sobre aqueles que têm práticas sexuais homoeróticas. (VIGOYA, 2018, p.76)

Importante considerar algumas similaridades entre Brasil e Colômbia, visto que: 1) Ambos os países são considerados os territórios com o maior número de negros na América do Sul e 2) De acordo com a própria autora (2018, p.76) são os dois países que mais se desenvolveu o maior número de estudos sobre as masculinidades negras. Daí se mostra ainda mais a relevância de se fazer um olhar decolonial sobre esses temas que são urgentes e com particularidades que só serão sentidas e compreendidas em determinadas regiões e povos.

Para além das similaridade positivas que acabamos de falar, é necessário jogarmos luz em mais duas questões aqui levantadas através da citação anterior de Vigoya (2018) e que destacamos sobre os homens negros e os indígenas (que por anos foram vistos de maneiras apenas folclóricas, místicas e “distantes” da vida real, do convívio com a civilização).

Por muito tempo, mas ainda com resquícios nos dias de hoje, as representações de pessoas negras e indígenas em festas e carnavais com fantasias como a da chamada “nega maluca”, o uso de “*black face*”, no que diz respeito aos negros. Já com os indígenas existe quase que um fetichismo com o uso de cocares e penas de aves, pintura de pele, entre outras expressões típicas dessas culturas em uma tentativa de homenagear ou ridicularizar essas

⁴⁴ Aqui entendemos “barganhas” no sentido mais comum e até pejorativo da palavra que se refere uma espécie de acordo realizado entre duas ou mais partes de forma fraudulenta, seja com troca de favores ou benefícios, mas sempre tendendo a ser uma prática onde um lado sempre sai em vantagem que outro. Neste caso o homem negro é a parte passada para trás.

peças. Essas realidades foram enraizadas na cultura brasileira a ponto de se naturalizar essas práticas, mas que também vem sendo desconstruída.

Retomando pontualmente as noções que versam as construções das nossas identidades, Munanga (1999, p.108), diz que “a identidade é um processo sempre negociado e renegociado, de acordo com os critérios ideológico-políticos e as relações de poder”. São justamente pelas negociações que as masculinidades negras performam, se definem e se representam, afinal, é preciso jogar o jogo da vida com as peças disponíveis no tabuleiro. E nessa perspectiva ainda recai sobre o homem negro a corresponder às fantasias e projeções da sociedade, embora a questão da representação e estereótipos não seja reduzida exclusivamente ao corpo negro e ao homem negro, contudo, para estes sujeitos parecem ter menos direitos ou menos tolerância quando a questão é frustrar as expectativas das demais pessoas, do que se espera do outro.

Na esteira do pensamento de bell hooks (2019), no que confere aos estereótipos, ela entende que:

Embora sejam imprecisos, estereótipos são uma forma de representação. Como as ficções, são criados para servir como substitutos, postos no lugar da realidade. Não estão lá para dizer como as coisas são, mas para estimular e encorajar o fingimento. São fantasias, projeções sobre o Outro para torná-lo menos ameaçador. Estereótipos sobram quando existe distância. São uma invenção, um fingimento de que se sabe quando os passos que levariam ao verdadeiro conhecimento possivelmente não podem ser dados ou não são permitidos. (hooks, 2019, p.303)

A questão dos estereótipos é ainda mais complexa quando o situamos nos espaços onde eles são mais facilmente colocados e difundidos, como nos meios de comunicação de massa e a própria internet. Para se ter uma ideia da dimensão dos estereótipos e seus efeitos, é válido trazer nesse momento e fazer um alinhamento junto ao pensamento de Patrícia Hill Collins (2019) e sua proposta teórica com as chamadas “imagens de controle” que, segundo a autora “são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo e a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (p.136). Embora a compreensão da autora verse pelos estudos feministas estadunidenses, ou seja, sobre as vidas das mulheres negras dos Estados Unidos da América, é possível identificar que a ideia das imagens de controle também se aplica na mesma lógica sobre os homens negros brasileiros que estamos estudando. Visto isso cabe pontuar que segundo Collins (2019):

Analisar as imagens de controle aplicadas às afro-americanas revela os contornos específicos da objetificação das mulheres negras, bem como as maneiras pelas quais as opressões de raça, gênero, sexualidade e classe se interseccionam. Além disso, como as imagens são dinâmicas e cambiantes, cada uma é ponto de partida para abordarmos novas formas de controle em um contexto transnacional no qual a

comercialização e imagens no mercado internacional tem sido cada vez mais importante. (Collins, 2019, p.139)

São imagens que bebem da fonte dos estereótipos para a manutenção dos poderes. Isso quer dizer que as imagens (e demais discursos) assim como para as mulheres negras, vemos de mesmo modo aos homens negros. Compreendemos que se trata de imagens já instaladas no imaginário social e colocados como forma de opressão e maneira quase única de se reconhecer uma pessoa. Interessante ainda observar que isso dialoga com a ideia de como os homens negros são vistos e representados de forma homogênea midiaticamente e colocados todos no mesmo compartimento de subjetividades, fisionomias e comportamentos. Nesse sentido alguns estereótipos se tornam marcadores de diferenças nas masculinidades negras também, pois podem se inter cruzar ou se sobressair uma sob a outra de acordo com as suas dinâmicas e negociações.

4.7 Perfis das masculinidades

Falar sobre o que é ser um homem negro aqui e, principalmente, nos dias de hoje é preciso verdadeiramente reconhecer e ampliar também outras perspectivas, pois não se trata de apenas de só um homem, de só um lugar, de só uma experiência, mas de múltiplas formas de entender e viver enquanto homem negro em nossa sociedade. Assim sendo, chamo outras vozes⁴⁵ de homens negros, e os apresento neste primeiro momento, visto que a partir e através de suas vivências e narrativas, por vezes muito diferentes entre si, vão ser nossos guias ao longo dessa pesquisa no sentido de compreendermos como cada um é singular em suas formas de pensar e agir, mas plurais em desejos e muitos sonhos que se assemelham em suas vidas.

Apresentamos abaixo alguns dados iniciais coletados das entrevistas com os participantes. As entrevistas, como já mencionadas na metodologia, ocorreram de forma online, e buscamos registrar primeiramente suas identificações para a pesquisa e para conhecer um pouco mais do perfil de cada um logo no início. Os nomes dos entrevistados são reais e foram usados dessa forma por escolha dos próprios participantes.

Nesse primeiro bloco focamos na identificação onde conseguimos colher suas idades, coincidentemente, todas próximas em sua faixa etária. Em relação ao nível educacional dois

⁴⁵ Optamos por deixar nestas transcrições a sua forma crua e real, de acordo com o que os participantes falaram nessa etapa inicial das entrevistas, buscando mostrar as nuances discursivas dos mesmos.

estavam no mestrado e um no doutorado no momento da realização das entrevistas. Todos os participantes de autodeclararam negros e todos nos contaram também sobre as suas famílias, sendo algumas totalmente compostas por membros negros, mas também com famílias mistas. Quando perguntados sobre a orientação sexual e o gênero, tivemos respostas diferentes, correspondendo com o nosso objetivo no recorte realizado para a seleção dos entrevistados, com homens que se identificassem de acordo com seu entendimento e leitura de si nesse aspecto. Aliás, não houve nenhuma manifestação ou desconforto do início ao fim das entrevistas, que ocorreram de forma fluida mesmo com as limitações do ambiente online.

Nos quadros a seguir são apresentados Gabriel, Zé Henrique e Diego, dentro do tópico inicial de identificação dos nossos participantes, de acordo, inclusive, com a sequência das datas das entrevistas na qual as transcrevemos na íntegra.

Quadro 1: Identificação inicial sobre o entrevistado Gabriel

Gabriel (Entrevista 04/12/2021)
Qual a sua idade? “31 anos”
Qual a sua escolaridade? “Mestrando em Ciências Políticas”
Como você se identifica em relação à sua cor/raça? “Eu sou negro”
Como você se identifica quanto ao seu gênero e sua orientação sexual? “Gênero masculino e orientação sexual eu sou gay”
Família/Amigos: Quantos e quais homens negros, além de você, integram o seu núcleo familiar? “Somos uma família de pessoas negras. A minha irmã mais nova que é branca, mas o resto é tudo negro, dos filhos eu sou mais preto. Meu pai é preto, minha mãe é preta”

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados extraídos das entrevistas (2021)

Quadro2: Identificação inicial sobre o entrevistado Zé Henrique

Zé Henrique (Entrevista 08/12/2021)
Qual a sua idade? “32 anos”

Qual a sua escolaridade? “Ensino superior completo, doutorando”
Como você se identifica em relação à sua cor/raça? “Pessoa negra”
Como você se identifica quanto ao seu gênero e sua orientação sexual? “Não binária eu não me identifico 100% com nenhum dos gêneros embora as pessoas me leiam com mas eu sou uma pessoa não binária”
Família/Amigos Quantos e quais homens negros, além de você, integram o seu núcleo familiar? “Toda a família do meu pai como a família da minha mãe tem alguma pessoa. Por exemplo, a minha avó paterna ela é negra, então a maioria dos filhos dela são pardos e negros, até alguns filhos sempre ficam com brancos por causa da miscigenação e tudo mais, mas a maioria dos filhos eram e são pardos e negros, a mesma coisa com a família da minha mãe, ainda mais porque a minha avó ela tem ascendência indígena e negra, e o meu avô era negro quilombola, então ele vinha desse ponto de ter guardado um pouco mais dos genes e dos fenótipos da negritude, então a minha família materna basicamente é negra, basicamente todo mundo na minha família materna, da família paterna vai ter pessoas que são pardas e negras porque é mais miscigenada, então eu não consigo dizer especificamente quantos homens negros eu tive em contato porque foram muitos, eu tenho pelo menos quatro tios maternos que eu convivi muito, meus irmãos, um é negro retinto como eu e o outro é pardo, meu pai era pardo também”

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados extraídos das entrevistas (2021)

Quadro3: Identificação inicial sobre o entrevistado Diego

Diego (Entrevista 11/12/2021)
Qual a sua idade? 32 anos
Qual a sua escolaridade? “Superior completo, agora mestrando”
Como você se identifica em relação à sua cor/raça? “Homem preto”
Como você se identifica quanto ao seu gênero e sua orientação sexual? “Homem cis heterossexual”

Família/Amigos Quantos e quais homens negros, além de você, integram o seu núcleo familiar? “Olha, são todos. É difícil enumerar, porque minha família é muito grande, mas são algumas dezenas de pessoas”

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados extraídos das entrevistas (2021)

Vemos já de início algumas particularidades entre esses homens, mas além dessas informações coletadas, mas que não entraram em nosso quadro num primeiro momento, mas entre as conversas, outros elementos do perfil de identificação que julgamos serem de grande importância quando os observamos e vemos de onde vêm essas narrativas. Nos mostrando as suas similaridades e distinções em vários aspectos. A começar pela relação geográfica que se torna um marcador social extremamente relevante nos contrastes entre cada um deles. Temos Gabriel, do Pará, e sua vivência e questões do silenciamento das populações do norte e afro-amazônicas. Com uma extensão de mais de 2.400 km de distância temos Zé Henrique, do Pernambuco, com sua perspectiva enquanto homem negro não binário e bissexual. Contando ainda com Diego, do Rio de Janeiro, com uma experiência enquanto homem negro retinto, morador de comunidade que desde cedo pode perceber os calços e percalços da sua própria existência. E ao longo da pesquisa acionamos as narrativas desses homens em momentos muito pontuais e, especialmente, no capítulo onde apresentamos a nossa “Tríade dos Homens Negros”, afinal, é através dessas vozes e com essas vozes que conseguimos discutir com profundidade e seriedade o que o tema requeria.

CAPÍTULO V

MASCULINIDADES NEGRAS E SUAS INTERSECCIONALIDADES: UMA LEITURA DE MIM MESMO E DOS OUTROS

O capítulo de análise dos dados apresenta a nomeada “Tríade dos Homens Negros”, onde são apresentadas as narrativas dos nossos participantes em meio as categorias e desdobramentos sobre as violências, objetificações e afetividades que atravessam as vidas dos homens negros.

5.1 A tríade dos homens negros

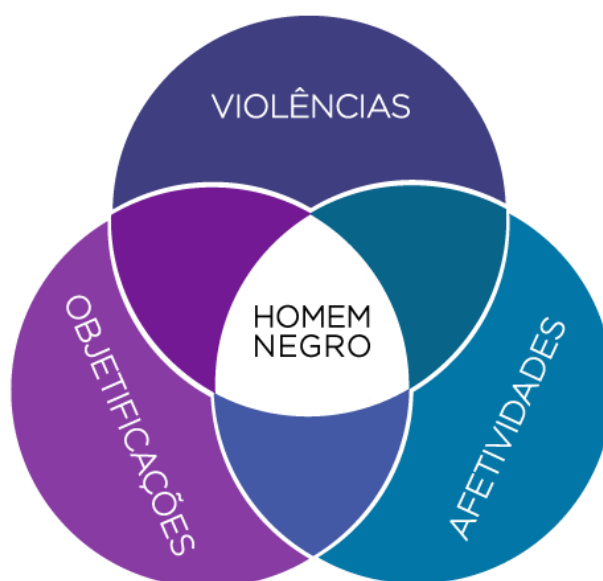
Vivemos em um país culturalmente rico em sons e músicas, danças, culinária, belezas naturais, entre tantas outras maravilhas que, inclusive, são massivamente vendidas para o mundo de um Brasil dos sonhos nesse aspecto, mas o retrato real do país, apesar de todas essas riquezas culturais não é nem perto de ser experimentando por muitos brasileiros, especialmente as populações negras. Mas vamos ser mais objetivos com a vida real, especialmente, sobre o contexto brasileiro.

A grande verdade é que é inevitável não falarmos do Brasil real, fora das telas, aquele vivido e sentido pelas pessoas diariamente se não tocarmos em temas como as violências e opressões contra pessoas negras em nosso país. Aliás, sermos o país com as maiores taxas de jovens e homens negros encarcerados, sendo também os mais assassinados, o que toca também na urgência do genocídio da juventude negra, e estamos falando inclusive de crianças é algo a se indignar buscar por mudanças. É preciso escrever, registrar, falar, gritar, berrar incansavelmente que o racismo mata o povo negro todos os dias. O racismo, como violência mata o corpo, a mente, a saúde mental, de homens e mulheres todo o santo dia. Isso não é um desabafo, é um pedido de socorro para todos nós, inclusive para você antirracista e aliado. Não queira nunca sentir o medo constante de estar em risco, não pelo divino, mas pelo humano, na iminência de estar entre a vida e a morte.

Compreendendo os atravessamentos que as vidas negras brasileiras passam cotidianamente, chegamos ao ponto mais pulsante da pesquisa onde conseguimos não só identificar alguns desses atravessamentos mais latentes nas vidas dos homens negros, mas identificando-as em fases desde a infância, adolescência até a fase adulta.

Dessa forma, seguindo uma noção similar à que propunha o conceito inicial de Kimberlé Crenshaw com a sua compreensão sobre as interseccionalidades, de forma simbólica e apenas como perspectiva concebemos a chamada “**Tríade dos Homens Negros**” que são basicamente 3 grandes marcos de suas vidas colocadas como categorias/alegorias que se entrecruzam e se sobrepõem com as **violências**, as **objetificações** e as **afetividades** dos homens negros.

Figura 5: Ilustração simbólica da “Tríade dos Homens Negros”



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

A ilustração serve para nos indicar como a dinâmica das violências, objetificações e afetividades circulam não só entre as fases da vida, mas também em maior ou menor grau para esses homens, aqui representados no centro.

Foi preciso então identificar os estereótipos, nomear, apontar, além de compreender e desconstruir essas imagens que levam longos tempos para serem construídas e enraizadas em nossa memória coletiva, melhor dizendo, em nosso imaginário social brasileiro sob a condução das mídias tradicionais até as redes sociais e a internet na atualidade.

Pelas limitações da própria pesquisa e a complexidade que cada categoria, marcador, abordagens e mesmo os próprios estereótipos em si já extrapolam qualquer tentativa de

compreender suas dinâmicas e impactos, nos interessou focar com especial atenção aos nossos participantes. Assim conseguimos destacar e analisar as narrativas e múltiplas vivências dessas masculinidades negras a que nos dedicamos profundamente estudar.

5.2 Violências

*“Desde o início por ouro e prata
Olha quem morre, então veja você quem mata
Recebe o mérito, a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural”
Nego Drama (Racionais MC's)*

As violências estão diretamente ligadas aos direitos constitucionais que todos os cidadãos deveriam ter e serem preservados pelo Estado. Em teoria estaríamos todos resguardados no que tange os direitos civis, sociais, econômicos, culturais e também políticos. Na prática, nunca tivemos total liberdade para sermos quem somos, para termos a possibilidade de ir e vir; assim como nunca tivemos em sua totalidade o acesso e a qualidade de bens e serviços simples que deveriam ser garantidos a todos os brasileiros, como saúde (mas que felizmente contamos com o Sistema Único de Saúde - SUS), também nesse sentido a uma educação de qualidade que nos fizesse transcender e não nos constranger e nos enquadrar como meros soldadinhos de chumbo. A respeito da falta de segurança que é uma questão que em teoria caberia ao Estado se responsabilizar, mas que em muitos casos a própria população busca se esquivar e se proteger como pode. Na esfera econômica sabe-se, e sem falsa simetria, que o Brasil conseguiu evoluir muito nas últimas décadas, mas por estarmos em um sistema capitalista muitos são os casos de exploração da mão de obra de homens e mulheres com salários baixos ou até em sistema de permuta do trabalho em troca de um prato de comida, por exemplo. No que compete a cultura, como explanei em alguns parágrafos acima, é interessante ver como ela é dinâmica e um meio de resistência desde que Brasil é Brasil. Por fim, mas também de grande importância é a compreensão sobre a política e para além de partidos políticos, pois é preciso usá-la como forma de reparação histórica, de manutenção da democracia e de um entendimento genuíno e prático do bem geral de toda a nação, de todo o Brasil e todo brasileiro.

A categoria das “Violências” que vamos abordar ao longo deste capítulo da dissertação é demasiada extensa e complexa, por isso buscaremos apresentar dentro da nossa

proposta de estudo alguns tipos de violências como a física, a sexual e a psicológica (que neste caso também se refere a saúde mental), e entendemos que todos estes assuntos se convergem com as vidas negras.

5.2.1 Violência psicológica e saúde mental

A violência psicológica ocorre quando há um abuso de poder ou uma agressão por palavras, gestos, ameaças, exposição, humilhação, opressão e coação, sem haver o auxílio ou a utilização da força física. Esse tipo de violência ocorre sempre que há algum dano psicológico à vítima.

Segundo dados do Ministério da Saúde, no relatório elaborado pela Política Nacional de Saúde Integral da População Negra⁴⁶, a relação estatística da saúde física e mental dos homens, além de ser um alerta para os órgãos de saúde pública e a sociedade como um todo, ainda aponta que de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), no ano de 2008, a população negra correspondia a 67% do público total atendido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), um número alto que não consegue atender a todas as pessoas seja pelo sucateamento das instituições ou mesmo despreparo de profissionais qualificados e empáticos para lidar com situações que atendam efetivamente as demandas e as necessidades da população como um todo. Nessa relação uma das justificativas possíveis para a relação de casos graves sobre a vida e morte de homens negros está muito relacionada a uma cultura masculina que sustenta atitudes contra si em relação ao seu autocuidado, a exemplo são vistas nas campanhas do Novembro Azul e a relação entre a seriedade da campanha, as piadas sobre a causa e o número de atendimentos que realmente são feitos e salvam vidas.

Esta questão do cuidado com a saúde é uma relação complicada e delicada para todos os homens, sejam eles homens cis ou homens trans. Aliás, de acordo com um dos mais recentes dados estatísticos promovido pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o ano de 2020 mostrou-se como um dos anos mais violentos para a população trans no Brasil, confirmando que durante a pandemia houve uma crescente nos casos de violência que:

[...] se intensificou assustadoramente. Nos dois primeiros meses de pandemia, houve um aumento de 13% nos assassinatos de pessoas trans e travestis no país (ANTRA,

⁴⁶ Relatório completo disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf. Acesso em: 14.dez.22

2021). Ao passar dos meses, esse número cresceu ainda mais. Em 31 de outubro de 2020, a ANTRA já tinha contabilizado 151 casos de assassinatos de pessoas trans, o que representa um aumento de 70% em comparação ao mesmo período do ano de 2019. Dessas mortes, 90% foram de pessoas trans negras e pobres. (SANTANA, 2021, p.152)

É muito importante lembrar que a violência é uma questão que vai além dos números e dos dados estatísticos, vai além do que se pensa na violência física imediata, no xingamento ao outro, numa tentativa de desmoralizar alguém. A violência acontece para quem bate e para quem apanha. A violência psicológica e a saúde mental dos homens negros é uma urgência que carece de mais atenção, vistos os dados, mas pelo o que isso afeta em si e para as pessoas ao seu redor, familiares, amigos, é um impacto e uma violência que muitas vezes pode ocorrer de forma silenciosa, mas com um possibilidades de se chegar a um nível mais extremo.

5.2.2 Violência física

No que confere o tipo de violência física compreende-se que elas se dão por agressões que geram danos de forma física, no corpo ou em parte dele. A violência, quando física utiliza-se de variados objetos, dos mais simples aos mais bélicos, para atingir suas vítimas ou potenciais vítimas. E se tratando de violências físicas é preciso atentar-se também a questões de classe por começamos a entender a partir dos últimos dados que obtivemos sobre os jovens negros e pardos e onde vivem os mesmos. Essa relação com a localidade influencia em muitos níveis as taxas de letalidade e outras violências para as pessoas.

De acordo com alguns dados sobre a taxa de homicídio de pretos e pardos perante a violência nos últimos anos, levantados pelo IBGE⁴⁷, e aqui melhor traduzidos através do Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil que constatou que:

As taxas de homicídio no país não se reduziram no período de 2012 a 2017. Pelo contrário, entre pessoas pretas ou pardas, essa taxa aumentou de 37,2 para 43,4 mortes para cada 100 mil habitantes, enquanto, para a população branca, o índice ficou estável entre 15,3 e 16. Essa diferença significa que pretos ou pardos tinham 2,7 vezes mais chances de serem vítimas de homicídio em 2017. (LOSCHI, 2019)

Além disso as taxas entre a população mais jovem na faixa entre os 15 e 29 anos de idade era de aproximadamente 98,5% entre esses jovens pretos e pardos (LOSCHI, 2019). Isso nos informa como as vulnerabilidades estão atingindo cada vez mais cedo as pessoas

⁴⁷ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25999-taxa-de-homicidio-de-pretos-ou-pardos-e-quase-tres-vezes-maior-que-a-de-brancos>. Acesso 13. nov. 22

negras nos últimos tempos. Nesse sentido, como diz Grossi (2004), a exclusão social é uma das razões possíveis para esses números tão alarmantes para grupos específicos de jovens, entre eles: “favelados, desempregados, com pouca educação formal, etc. (p.8) Isso ainda indica que a relação entre a masculinidade e a violência dialogam em certos grupos de jovens negros e em certas comunidades uma “significativa parcela da população jovem masculina excluída tem no tráfico de drogas e na criminalidade um *locus* privilegiado de afirmação de identidade masculina, marcada pelo uso da violência (p.8).

O marcador de classe social conecta-se até os dias de hoje com a situação de vulnerabilidade imposta desde o pós-abolição, para ser ter uma ideia após a abolição da escravidão, não se buscou um projeto de integração desses negros e de seus descendentes enquanto cidadãos de direito em nossa sociedade, pelo contrário, o que se projetou foi uma tentativa sistematizada de extermínio por vias de exclusão social e branqueamento dessa população. Após a Lei Áurea, restou aos ex-escravizados o abandono à própria sorte:

[...] sem educação ou recompensa. Muitos juntaram-se à corrente migratória dos pobres sem profissão que fugiam para as cidades, onde competiam em condições desfavoráveis por empregos com mais de um milhão e meio de imigrantes brancos que entraram no país entre 1890 e 1920. (STEPAN, 2004, p.336)

Como confere JJ Bola (2020) “a sociedade é feita de classes distintas, incluindo a elite no poder, a classe média e a classe trabalhadora”(p.111), e essa separação, ainda que simbólica, entre as pessoas por “castas/classes” é um motivador bastante comum e corriqueiros em regiões mais vulneráveis por todo o país que gera com a percepção e o tratamentos com as pessoas umas com as outros muda de acordo com a realidade de cada classe, situação econômica e condições de vida, e ainda “influenciando em assuntos sérios como a falta de acesso à educação, moradia, proteção social, emprego e assistência médica. (BOLA, 2020, p.111)

Nesse sentido, observam-se esses fatos na fala de Diego, quando ele detalha uma situação de violência policial que, infelizmente, ainda é muito comum em favelas, como as do Rio de Janeiro, das COHAB em São Paulo, ou invasões e regiões extremamente pobres como acontecem em regiões ao redor de Brasília. Em seu relato ela contou que por diversas vezes o seu despertador para acordar e ir trabalhar era simplesmente a invasão da polícia na sua residência.

Acontecia muito de eu estar dormindo e eu acordar com barulho no meu quarto, quando eu acordo tem um policial revirando o meu armário. E não quando eu era acordado com um cano de fuzil, tipo, me batendo na minha perna pra eu poder acordar. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Essa abordagem e agressão, segundo ele, é um comportamento determinado racialmente, o que confirma aquele estigma de que todo morador de comunidade é um potencial suspeito, seja na rua ou mesmo dentro de casa.

O marcador de classe pode até ser um determinante na percepção e na maneira de tratar umas com as outras, mas o fator racial é determinante quando acontecem situações que deixam explícito nas relações raciais e de poder, no caso, quem manda e quem obedece. Diego ainda nos conta quando foi agredido sem motivo algum, visto que ele estava com dois amigos brancos e apenas ele foi agredido.

A gente sabia que o tratamento era diferente, mas a gente ainda não conseguia organizar e entender os fatores políticos e históricos que compõem esse tratamento que a população negra recebe. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Essas e tantas outras violências acontecem de maneiras ramificadas por todo o Brasil – de norte a sul do país – e demonstram como além de fazerem parte de uma realidade histórica racial brasileira é algo completamente real, próximo de todos nós, são passíveis de barbaridades que ferem e até mesmo ceifam as populações negras diariamente. Basicamente são atravessamentos que, infelizmente, são praticamente impossíveis de serem desvinculados de suas vidas. É uma lógica, como diz Diego em outro momento, que é uma lógica de violência e só tende a subir mais e mais degraus, pois:

[...] hoje, por exemplo, a gente olha uma Polícia Militar de São Paulo muito parecida com essa mesma estrutura da Polícia Militar do Rio de Janeiro extremamente violenta, extremamente racista, a Polícia Militar da Bahia é extremamente violenta com a população negra, extremamente racista também, e aí a gente vai passando por outros lugares, no Nordeste também, por exemplo, Pernambuco é um lugar onde há uma violência policial também muito grande e essas violências normalmente direcionadas nas populações negras. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Trazemos ainda algumas outras contribuições extraídas da entrevista realizada com o Diego (Entrevista 11/12/2021), visto que ele é um homem, negro, retinto, professor, historiador e pesquisador na cidade do Rio de Janeiro e contribuiu com a pesquisa não só com suas vivências e experiências pessoais, mas nos oportunizou conhecer um pouco da história da criação das primeiras moradias de negros pós-abolição e o que isso representava. Diego nos conta que o Rio de Janeiro sempre foi palco de grandes decisões políticas, sociais e históricas com desdobramentos pelo Brasil, como o início da industrialização e urbanização das cidades, o que levou a:

marginalizar a população negra que vai ser empurrada para o subúrbio, vai ser obrigada a criar favelas, a subir os morros, e isso vai ser uma coisa que vai se espalhar pelo Brasil de formas diferentes. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Neste caso, ele se refere a uma questão de nomenclaturas como: favelas, subúrbios, periferias, comunidades habitacionais, entre outros nomes para se referirem a regiões onde, majoritariamente, habitam as populações de trabalhadores comuns como os das construções civis, pessoas negras e/ou de maior vulnerabilidades. O que é relatado por Diego em relação ao deslocamento das populações trabalhadoras para as periferias das cidades, percebe-se que esse fenômeno social ocorreu e ainda ocorre na capital federal (Brasília), uma cidade planejada, mas que contava desde o seu início com invasões, que viraram vilas, que se tornaram as cidades-satélites, as regiões dos cidadãos que estavam à margem do lugar mais nobre e importante do país naquela época.

Quando falamos de violências, mesmo as físicas, podemos considerar os símbolos como meio de transmitir mensagens de autoridade e uma forma de identificação das forças da justiça e do bem social para a população. Exemplo disso, temos na observação de Diego sobre o brasão das forças de segurança da cidade carioca que dizer nos detalhes e nas entrelinhas uma mensagem bastante clara enquanto instituição, pois, segundo ele,

(o brasão) tem um pé de café de um lado, cana-de-açúcar do outro, uma coroa e armas em volta que é o latifundiário, é o poder, é o estado e as armas da polícia que estão em volta protegendo exatamente esses símbolos. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Essa breve análise que estamos articulando, por exemplo, vistos sob as relações de violência e os símbolos de poder utilizados e ilustrados visualmente pelas forças policiais em todo o plano visual institucional que contempla a polícia, nos mostra quem tem o poder, quem tem o descrédito, quem protege, quem apanha, quem ordena e quem obedece.

São os homens negros o grupo social que mais morre no Brasil, seja de morte social ou física. Esses homens são os principais alvos do encarceramento em massa, segundo o Anuário brasileiro de segurança pública (2020), no ano de 2019, os indivíduos negros representavam 66,7% da população carcerária, enquanto que 33,3% dessa população estavam representadas pelos não negros. Das vítimas de homicídio no Brasil, 74,4% correspondiam a pessoas negras e 91,2% desses eram homens. (PORFÍRIO, 2021, p.41)

São inúmeras as estatísticas que só reafirmam que é a população negra é a que mais sofre com a violência no Brasil. Neste quesito a sociedade, sob a luz do racismo, chegou a um ponto em que se naturaliza (ou se conforma) com violências até com crianças por “balas

perdidas”, que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde, que exterminem milhares de jovens negros por ano, algo denunciado há tempos pelo movimento negro como genocídio. (ALMEIDA, 2020, p.122)

5.2.2.1 Exemplos de estereótipos relacionados à violência

Um dos principais estereótipos sobre homens negros está associado com a violência e a criminalidade. A imagem enviesada pelas lentes do racismo que se tem é a de um indivíduo marginalizado e sempre passível de dúvidas e suspeitas. Como vimos ao longo da pesquisa até aqui, desde o período colonial, naturalizam-se os discursos que vinculam homens negros às imagens de bandidos, traficantes, ladrões, entre outras marcações que podem ser ainda mais acentuadas caso estes homens sejam negros retintos, moradores de periferias e regiões humildes. Durante nossas entrevistas, Diego foi um dos que mais apontou estereótipos que ouvia das pessoas e sobre a

imagem do negro propenso ao crime, isso é muito frequente, e isso, inclusive, é o tipo de coisa que vai fazer com que o negro seja sempre o primeiro suspeito com qualquer coisa errada que acontece em algum espaço que ele está inserido. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Ele nos relata ainda uma situação em ouvia histórias onde o negro sempre era levado a ser suspeito de ter feito algo, o que na verdade se tratava da projeção do homem negro e do que ele poderia ser capaz de fazer. Muitas foram as ideias fantasiadas da imagem desse sujeito como a de uma inclinação ao crime, criminalidade e de ser supostamente “diferente”. A esse respeito Diego se refere a esses homens terem

comportamentos estranhos, malandros, espertos, aquele que todo mundo precisa ser vigilante quando ele tá perto, nem é necessariamente relacionado apenas a criminalidade, pode ser qualquer coisa, tipo negro pode te passar a perna em qualquer situação. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Diego reflete ainda sobre os efeitos desses discursos e como eles afetam a vida cotidiana, visto que

“todas essas coisas elas norteiam muito a minha cabeça em todos os todos os espaços que eu frequento. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Isso me faz pensar que não somente com os homens adultos, mas essa suspeita recai inclusive em crianças negras desde muito cedo. Certa vez, por volta dos 10 anos de idade, se não me engano, vivi uma situação de violência que, no mínimo, foi constrangedora. Como de costume, eu e minha mãe, antes de irmos dormir, levávamos a nossa cadelinha Lessie para o último passeio dela da noite, o que ocorria por volta das 22 e 23 horas. Neste dia fiz esse mesmo procedimento diário sozinho, pois era uma situação normal, onde eu ficava no portão de casa só esperando o retorno da nossa cachorra que ficava ali pelas redondezas, fechar o portão e ir dormir. Simples assim. Porém, nessa ocasião, fui surpreendido pela chegada de uma viatura com um grupo de policiais que informalmente me interrogaram por terem achado estranho ver um menino (lembrando que eu tinha apenas 10 anos) ali sozinho, sem ter ninguém na rua naquele horário da noite. Só consegui sentir a sensação de desconforto e um pouco de medo por ter vivido aquela situação de forma tão desprevenida, tentando me justificar ainda. Lembro dos olhares de um dos policiais pareciam vigilantes, como se estivessem atentos a qualquer movimento suspeito e me dizendo que não era hora de criança estar na rua e sozinho. Por certo tempo me questionei se eu estava sendo visto como ameaça ou se era, talvez, apenas um equívoco meu, e aquilo era apenas uma preocupação de bons policiais com cidadãos de bem. Hoje já nem me questiono muito sobre aquela experiência, mas ainda me preocupa ver que o meu corpo como criança preta poderia ser uma ameaça, uma suspeita. De todo modo é uma lembrança um tanto quanto triste de se pensar, e de não querer que outras crianças pretas como eu já fui possam passar por aquilo ou por coisa pior.

5.2.3 Violência sexual

Entende-se a violência sexual não somente com a prática, mas com as violações assédios exposição a nudez ou outras atitudes que não sejam concedidas por ambas as partes. E este é um tópico⁴⁸ que toca em questões íntimas e pessoais das pessoas negras que muitas vezes não compreendem a noção e a dimensão das violências que estão sendo acometidas em seus corpos e em suas mentes. Por isso, nos interessa compreender melhor a noção do que e como o garoto e o homem negro compreende o assunto que pode até mesmo o tornar vítima dessa violência.

⁴⁸ Desde já é válido salutar que, embora possa se ter uma ideia de que o assunto de violência sexual nos colocasse na única direção de falar sobre estupro, assédios e até mesmo dos estereótipos relacionados ao homem negro como estuprador, algo inclusive já estudado por Angela Davis, por exemplo, entendemos que não cabe pontualmente tratar deste tópico sob esse viés.

Um exemplo prático, simples, mas efetivo é quando, por exemplo, meninos negros quando pequenos ainda são chamados de pé de mesa, jumento ou tripé, por exemplo, para se referir ao seu órgão genital, mas de forma intencionalmente vexatória, onde nem sempre esta criança vai entender a dimensão da palavra ou termo e o quanto isso vai impactar em outros aspectos da sua vida, principalmente, na sexual.

Como havia mencionado já na introdução da pesquisa, sou fruto de uma relação interracial com uma mãe branca e um pai negro retinto. Tenho em minhas lembranças da imagem do pai que sempre foi um homem muito bem apessoado e abençoado pela santa melanina que lhe preservava o vigor da pele. Sempre ouvia também histórias contadas pela minha mãe de como eles se conheceram, de como ele era, aliás, de que era um ótimo sambista, que tinha malemolência, gingado na dança e na arte da conquista, afinal, ele foi um homem que assim como já dizia Martinho da Vila que teve “mulheres de todas as cores, de várias idades, de muitos amores, com umas até certo tempo fiquei, pra outras apenas um pouco me dei”, e realmente a história que tenho lembrança de meu pai desde criança era mais ou menos assim.

Ao longo do tempo, o que realmente me deixava em dúvidas em relação a ter essa leve referência de homem através do meu pai era justamente me ver nessa imagem mais boêmia, de um homem tão livre e, já compreendendo um pouco dos estereótipos, sobre os homens negros em relação ao órgão sexual e a *performance* sexual, era aí então que tudo ficava mais difícil de assimilar e corresponder, afinal, somos pessoas e de gerações muito diferentes. E tudo isso na cabeça de qualquer criança ou adolescente gera uma confusão gigante a ponto de não sabermos se vamos conseguir corresponder ao que os nossos mais velhos ou que as nossas referências são e esperam de nós.

Nesse reflexo do passado já então na fase de transição da adolescência para a fase adulta, onde o nosso corpo passa a se transformar e o nosso comportamento também começa a nos definir e a nos posicionar na sociedade, percebo então os elogios que começaram a ser comuns (o que era ótimo para autoestima), porém eu não tinha dimensão do significado e da intencionalidade que ser “elogiado” como “belo mulato”, “cor de chocolate” e “como você tem um belo corpo” ou até mesmo ser chamado de “ébanos” como na música da Alcione. Nessa época não havia uma problematização mais densa sobre isso, se poderia ser algo genuíno da pessoa em me ver com uma boa aparência e ser um possível parceiro para alguém ou se eu estaria sendo apenas um mero objeto sexual, sendo hipersexualizado. Estes foram alguns dos questionamentos que passaram pela minha cabeça por muito tempo e, sem dúvidas, é uma questão para muitos outros jovens negros, principalmente hoje com as redes

sociais.

Em uma sociedade patriarcal como a brasileira, a hiperssexualização dos corpos de homens negros tem a possibilidade de se apropriar desses estereótipos a seu favor. Muitos homens negros aprendem desde cedo que se apropriar de estereótipos podem lhe trazer vantagens, mostrar sua masculinidade, diferenciando-se de outros garotos e homens (brancos e negros) em uma suposta ideia de ter naturalmente, como um presente da natureza dotes que podem ser avantajados ou pelo simples fato de ser um “tipo de cara” que todas as garotas vão se sentir atraídas sexualmente.

De acordo com JJ Bola (2020, p.65) desde muito cedo “a maioria dos meninos sofre pressão para pensar em sexo, para desejar o sexo e também para consumir o ato o quanto antes”. Nesse sentido o autor ainda questiona uma atitude muito frequentemente feita por parte das pessoas para verem o sexo no sentido de ser uma espécie de “rito de passagem para a masculinidade, e, sob esta perspectiva, se já chegou a determinada idade, é quase inconcebível que um menino não tenha feito sexo ainda” (p.65). Percebemos assim que há uma relação em torno do gênero que é um divisor que concede a liberdade ao homem e aos prazeres e confere a santidade a mulher e aos fazeres.

5.3 Objetificações

*“Meu preto retinto
Malandro distinto
Será que é instinto?
Mas quando te vejo
Enfeito meu beijo
Retoco o batom
A sensualidade da raça é um dom
É você, meu ébano
É tudo de bom”
Ébano (Alcione)*

Nesse ponto de nossas discussões compreendemos a objetificação, entendida também como coisificação, basicamente em ver (ou ter posse de) um sujeito ao mesmo nível de um objeto inanimado, desconsiderando o lado emocional, mas também psicológico desse sujeito, retirando-lhe o que lhe torna humano. Ao objetificar uma pessoa seja para quaisquer fins se entende que neste momento está sendo estabelecida uma relação de dominação e submissão,

onde ainda é possível associá-la aos estereótipos e ressignificações dos corpos enquanto força, desejo e descarte.

Acredita-se que os estudos da objetificação sobre o corpo humano já se desenvolvem desde a década de 70, segundo relatos, mas que nos últimos anos tem se solidificado nos estudos acadêmicos principalmente no campo da Psicologia como a Teoria da Objetificação, entre outros estudos e teorias que vem ganhar novos contornos e elucidações sobre o tema.

Em suma, ainda podemos retomar a compreensão do que se entende por objetificação⁴⁹, que o entende como parte da noção de que o corpo é exercido para múltiplas funções em nossa sociedade, como o corpo enquanto máquina de trabalho, o corpo como objeto no campo esportivo ou mesmo o corpo como objeto-fetice para fins sexuais..

5.3.1 Corpo objeto

5.3.1.2O corpo negro projetado para usos e serviços desde a infância

Quando penso na questão do corpo como um objeto, me remeto a um corpo que também é um projeto a ser modelado e transformado de imediato ou ao longo do tempo para variados fins. Compreendo isso quando rememoro experiências desde a infância que além de promover os nossos corpos com projeções para os esportes e o nosso desenvolvimento psicomotor, ao mesmo tempo modelava nossas vivências corporais de acordo com o nosso gênero. Quando pequeno, fui um tipo de menino negro, bem magrinho, habilidoso, super ativo para atividades físicas nas mais diversas modalidades que a escola nos disponibilizava — embora eu confesse que nunca me dei bem com o futebol por ser o "murrinha de bola", e apelava com os demais jogadores — então eu me contentava com as demais atividades que os professores de educação física nos proporcionavam como handebol, basquete, vôlei, futebol, atletismo e que praticamente se restringiam só aos meninos. Por outro lado, sempre tinham aquelas brincadeiras de pular corda, jogar beto, competir fervorosamente de queimada, mas que segundo alguns professores eram atividades que se destinavam às meninas, logo não poderíamos brincar também.

Apesar de dentro da escola existirem essas diferenças e limitações em relação às atividades que uns poderiam fazer e outros não era interessante pensar que fora dali todas as

⁴⁹ Compreensão já apresentada no Capítulo 1.

crianças jogavam, duelavam e se divertiam muito, todos juntos e isso demonstrava que no fim das contas não era uma questão de quem é mais forte fisicamente, mas é por uma mera questão de definições de papéis do que o sexo masculino e o sexo feminino poderiam fazer.

Tais discursos, passam pela fase da infância, mas também pela fase da adolescência e fase adulta o que nos faz pensar que em cada etapa da vida esse corpo negro vem sendo um objeto para determinados fins que carregam consigo metas e objetivos. Isso significa que cada fase da vida e cada meta e objetivo com o seu corpo corresponde, por exemplo, a se você será possivelmente uma criança com o corpo visto, modelado e já projetado para ser um atleta, um jogador de futebol, um jogador de vôlei ou, se não, na fase adulta o seu corpo pode ser completamente trabalhado para ser um trabalhador que necessite desenvolver toda a potencialidade do seu corpo, por exemplo, para trabalhar com serviços braçais com demandas que dependam exclusivamente da sua força e de seu porte físico. Isso nos leva ao pensamento de Osmundo Pinho (2004) sobre os corpos negros fragmentados, a serviço do branco e onde cada parte do corpo tem um significado e é representativo.

Nessa perspectiva os corpos negros enquanto objetos, reiterando novamente essa ideia inicial, trazem consigo muitos estereótipos onde "presumimos que já sabemos tudo o que precisamos saber de uma pessoa ou grupo, definindo cada unidade que o compõe por seus elementos" (Vigoya, 2018, p.141), definindo o que cada parte do corpo ou ele todo será usado e aproveitado pelo outro. Resumidamente, queremos dizer que toda essa dinâmica projeta em jovens e homens negros a necessidade de colocar seu corpo sempre em função do outro, neste caso para suprir expectativas e usar seu corpo para a satisfação daquele ou daquela antes mesmo de uma contemplação de si, afinal, se o corpo é nosso, não seriam então pelas nossas próprias escolhas que iríamos fazer uso deles para nosso próprio benefício ou satisfação?

5.3.1.3 Exemplos de estereótipos relacionados à força física

No senso comum, não raro são os estereótipos de homens negros que são sempre fortes, musculosos, aptos para o trabalho braçal, habilidosos para esportes e mais resistentes a dores. Um tipo de discurso que acomete muitos homens e o estímulo da necessidade de moldar o seu corpo, camuflar as suas dores (e outros sentimentos) para que não transpareçam as suas fraquezas ou possíveis fragilidades.

A ideia de mera mercadoria a ser vendida e comprada, ou comparado com um animal, destituído de sentimentos e racionalidade humana, o dessensibiliza de

diversas maneiras, pois já que é visto como uma besta, no sentido de força, da potência, é visto de forma sobre-humana. A concepção do homem negro como um ser forte, bruto, não afeito a cuidados, é fruto da destituição de sua humanidade. (SOARES; ARAÚJO, 2019, p.184)

É possível pensarmos que – considerando os contextos históricos, como a Lei n. 1, de 1837 da época do Império⁵⁰, por exemplo, ou mesmo de associar diretamente o homem negro a força, habilidade, agilidade, tarefas e serviços mais “práticos” – podem parecer sugerir que a esses homens é requerido menos “esforço” ou habilidade intelectual que aos demais, corroborando assim para o senso comum de uma ideia de negros de baixa escolaridade, de baixo senso crítico e cultural, entre outros.

A distância de tempo que separa, pela força da lei, o direito e o acesso à escolaridade aos negros é muito recente quando olhamos a história do Brasil, ou seja, é ainda muito recente que o ingresso e a mudança de saberes e conhecimentos até então restritos para um seleto grupo de pessoas (brancas) na educação de modo geral sejam tão difíceis de serem mudados e atualizados com os novos tempos. Por isso também que ainda é tão comum vermos a reprodução de atitudes racistas nas mais diversas esferas de poder como nas escolas e universidades. E para termos ideia da dimensão dessa discussão veremos algo similar ao que já aconteceu com Zé Henrique que nos contou que mesmo diante de sua formação em pleno doutorado, ele disse que era demasiadamente questionado em relação ao seu nível de conhecimento. Além disso, ele nos relatou que é comum o espanto de pessoas brancas ao se depararem com pessoas negras em ambientes como o acadêmico em níveis mais elevados. Segundo ele

naturalmente para pessoas brancas existe aquela dúvida de se aquela pessoa está ali se ela “merece” estar naquele local, se ela tem conhecimento para estar naquele local, então eu sou questionado o tempo todo por coisas que são totalmente desnecessárias. (ZÉ HENRIQUE, entrevista 08/12/2021)

Zé Henrique ainda constata outro fator crucial no meio universitário ao sofrer com situações discriminatórias e de desigualdade ao confirmar que

a gente sofre racismo nesse sentido porque o conhecimento ainda é branco, as pessoas que estão na academia ainda são brancas, então a gente ainda vai sofrer muito com essas questões. (ZÉ HENRIQUE, entrevista 08/12/2021)

⁵⁰ Segundo a Lei n. 1, de 1837 e o Decreto n° 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro que segundo o Artigo 3º são proibidos de frequentar as Escolas Públicas os escravos, e os pretos Africanos, ainda que sejam livres ou libertos. A referida lei, sem dúvidas, intensificou ainda mais as chances dos negros no Brasil de conseguirem melhores condições vida, inferiorizando-os intelectualmente, dificultando as conquistas por uma boa formação e um bom emprego.

5.3.2Corpo hipersexualizado

Compreendendo a hipersexualização como uma parte que unificam a noção de objetificação que vimos anteriormente. Sendo neste caso, a ideia centro é a de um corpo visto como objeto de forma sexualizada, porém ao extremo, assim em um entendimento mais básico e prático que é o que nos interessa nesse momento inicial. A hipersexualização quando vista sobre os homens negros corresponde quase que intrinsecamente ao seu órgão genital, que corresponde ao tamanho do seu pênis, a sua virilidade, que corresponde a sua hombridade e masculinidade, e ainda com a potência sexual, que se vincula muito a uma noção de animalização desse corpo humano como a de um animal selvagem. Tudo isso se trata da corporeidade negra e que são sustentados, promovidos e difundidos por meio dos estereótipos raciais que são usados para proporcionar fantasias e expectativas do outro sobre esse corpo masculino negro.

Encontram-se facilmente nas redes sociais da atualidade perfis que trazem nas suas biodescrições termos que acentuam ou potencializam essas questões do corpo negro. Parte promovido pelos próprios homens negros como formas de afirmação e posição nas relações afetivo-sexuais, ora por parte de brancos que utilizam desses estereótipos com imagens e vídeos para sua satisfação sexual pessoal. Tais palavras, frutos de estereótipos racistas, se filtradas nas redes sociais, por exemplo, nos levam a encontrar termos como mulato, cavalo, negão, além de incontáveis perfis voltados para a exposição de corpos sexualizados e sexualizantes.

5.3.2.1As descobertas do corpo e da sexualidade na adolescência

De acordo com Dalgarrondo (2008), é a fase da adolescência, compreendida entre os 12 aos 16 anos, que o jovem desenvolve a “capacidade de analisar o pensamento próprio em relação ao dos outros. Aqui o adolescente já pode trabalhar com relações complexas e abstratas, podendo, inclusive, prever as situações necessárias para provar ou refutar hipóteses iniciais” (p.280). Partindo dessa visão do autor entende-se ainda que é nessa fase da adolescência que se intensificam muitas dúvidas sobre si sobre o outro sobre o seu lugar no mundo. E concordamos em partes com o autor quando ele diz que o adolescente já pode trabalhar com relações complexas e abstratas, entretanto, percebemos que para o adolescente

há na realidade uma condição dupla de se viver. Por exemplo, com a autonomia de um adulto para alguns casos e a imaturidade para outros, esta fase é repleta de construções e consolidação de suas identidades e um período de ideias e descobertas sobre o próprio corpo e sexualidade.

Geralmente o período da adolescência é um período onde o jovem quer estar na rua com os amigos jogando bola, brincando, zoando, se divertindo, se aventurando pelo mundo, indo em festas, baladas, tentando estar com um pé na fase adulta mas tentando se assegurar na infância que ainda lhe resta. E é justamente nesta etapa da vida onde as normas de socialização mais se tornam latentes para um jovem garoto que está em busca de construir uma imagem que faça jus ao que ele acredita ser um exemplo de homem a ser espelhado ou que futuramente se almeja alcançar, como os garotos ainda bem novinhos que se encantam com seus ídolos jogadores de futebol e veem neles exemplos de como ser e o que podem ter um dia também, mas isso tudo faz parte de uma relação entre o ambiente onde ele está inserido e as demais condições que o cercam. Neste assunto encontramos uma experiência bastante interessante de se analisar com as experiências que Diego teve nesse período de transição de garoto para homem. Segundo ele o objetivo dele enquanto morador de favela, das amizades e do ambiente de maneira geral, o que ele mais queria era

ser um cara respeitado, que a galera gosta, o cara popular, o cara que chamava atenção das meninas, que conseguia ficar com as meninas, mas para isso eu precisava alterar o meu jeito de ser. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Entra aí um ponto realmente muito importante nessa construção de identidade e sendo nessa fase da vida para conseguir atingir certos objetivos, sérios ou banais, e neste cenário como de Diego algo que é muito comum entre os jovens como ele já foi e que ainda hoje seguem esse mesmo padrão de comportamento se reflete em: se munir de gírias, ouvir o funk da favela, usar as roupas da moda, usar o óculos e boné mais popular, e mostrar com tudo isso um certo “*status*” social. Afinal, é através da sua imagem, daquilo que você veste e se porta, é a chave necessária que te posiciona naquele ambiente, com aquelas pessoas e para todos ao seu redor. E vale ressaltar que para um adolescente, principalmente de favelas e periferias, isso é um mundo.

Diego pontua também sobre o outro lado dessa moeda que não necessariamente é tão positiva e tão interessante como possa parecer num primeiro momento. Segundo nosso participante ele foi percebendo que essas mudanças estavam o

transformando no estereótipo do moleque da favela e isso pensando em ser aceito, em conseguir esse status que um garoto vai almejar, só que tudo isso fazia parte dessa minha transformação, de adolescente, de amadurecimento, não só social, mas também sexual, e eu não tive uma orientação em relação a isso. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Isso quer dizer que apesar de todos esses pré-requisitos já estabelecidos também é hora de dar o próximo passo em direção a sua maturidade a sua afirmação enquanto o homem ou seja a sua iniciação sexual Mas como ele mesmo diz é uma orientação que nunca existiu de fato. De acordo com que Diego nos relatou o máximo de orientação nesse sentido que recebeu foi apenas dos seus próprios amigos, ou seja, garotos de 14 ou 15 anos que eram extremamente machistas, intencionalmente ou não, mas que tinham em mente que precisavam “coleccionar” o maior número de garotas possíveis nos bailes e com isso contar vantagem entre os demais amigos. Basicamente essa era a lógica do adolescente da sua época. Por fim, Diego ainda reflete que com a cabeça de hoje, ele percebe os feitos e efeitos desse período tão complexo na sua vida, pois, em suas palavras,

a gente achava que isso aqui que é o jeito de viver e sem perceber que isso iria produzir no decorrer dos anos todo o machismo que viria a ser muito nocivo. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Ainda dentro dessa construção de masculinidade e as descobertas quanto a sua sexualidade e seu próprio corpo há o contato também precoce com o universo da pornografia, algo que há muito tempo existe, mas que com a internet e os meios digitais tem-se ampliado os acessos desde muito cedo, com uma variedade de conteúdos, como imagens e vídeos. Estes materiais, muitas vezes, utilizando-se da linguagem cinematográfica, produzem e reproduzem estereótipos, estigmatizam grupos, se fazendo de temas misóginos, racistas e transfóbicos, onde também se mimetizam e se afirmam as posições de ativos e passivos no que diz respeito às performances (sexuais). E sendo este um produto criado, majoritariamente, por homens e para homens, é preciso deixar claro nesse cenário os papéis de gênero, pois na cultura ocidental, principalmente, definir o masculino é o mesmo que dizer que o mesmo precisa ser ativo, e “no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da/o outra/o” (GROSSI, 2004, p.6). Toda essa dinâmica gira em torno de essencializar o corpo e/ou partes dele, ao mesmo tempo em que se está maximizando esses membros e funções, o que no fim das contas reduz o sexo pelo sexo.

Nessa conjuntura, concordamos com JJ Bola (2020), quando constata que dentre as primeiras formas de se conhecer mais intimamente para muitos homens está ligada ao

consumo crescente de pornografia, alertando ainda que “meninos estão sendo expostos à pornografia cada vez mais novos, o que pode levar a dependências sexuais, problemas de intimidade, desejo por isolamento e prejuízos nas relações interpessoais (p.67). Além disso, compreendemos que para muitos desses jovens na fase de descobertas em muitos casos tem-se na pornografia a sua “única fonte de conhecimento sobre sexo e educação sexual” (p.67), o que não quer dizer que há uma condenação sobre a pornografia em si, mas há que se atentar sobre os efeitos dela nas vidas das pessoas, dos significados que são atribuídos e as consequências do consumo desde cedo e aos potenciais resultados nocivos ao longo do tempo.

5.3.2.2 Estereótipos relacionados à hipersexualização

Outro estereótipo bastante difundido é o da erotização ou hipersexualização dos corpos dos homens negros, algo que infelizmente é bem mais comum em relação às mulheres negras. No caso dos homens há ideias a respeito do tamanho do seu órgão genital e da sua performance sexual que circulam no imaginário brasileiro, colocando-o na dupla posição de objeto e animal submisso ao humano.

Estereótipos que giram em torno da imagem do homem negro como um ser hiper desejável, com *sex appeal*, dos hormônios à flor da pele, entre outros, que resumidamente diz respeito apenas a seu corpo e desempenho sexual geram também espécies de “competições viris”. Esse duelo imaginário entre homens negros e brancos reacende a suposta mitologia do homem negro ser bom de cama e superior aos demais, provocando assim uma aura de ressentimentos entre alguns homens brancos nas relações afetivo-sexuais e colocando em xeque a sua hombridade perante a sociedade. Partindo desses exemplos, aliados as discussões que Restier (2019) já vinha trazendo em seu texto sobre a temática que possivelmente haveria duas justificativas possíveis para esses conflitos:

1) uma parcela dos homens brancos acredita que só seria viável uma mulher branca se interessar por um homem negro, devido ao presumido tamanho avantajado de seu pênis e ao seu, suposto, desempenho sexual superior; 2) no fim, seus privilégios como homens brancos fariam com que, mesmo acreditando não terem um pênis tão grande quanto o dos homens negros nem sua potência sexual, eles teriam mais a oferecer a elas (como segurança, estabilidade econômica e uma salvaguarda contra o racismo) "vencendo" o duelo viril. (RESTIER, 2019, p.41)

Em ambas as hipóteses ficam claras as armadilhas das questões hierárquicas de raça e gênero. As competições masculinas se fundem na missão de prevalecer sempre o “ser viril, de ser ‘comedor’ e de ter todas as parceiras sexuais possíveis, sem que isso interfira no valor que

a sociedade lhe confere enquanto homem” (CÉSAR, 2019, p.71). E toda essa relação se enquadra numa visão de masculinidade heteronormativa, embora possa haver também disputas nesses sentidos entre outros homens para além de raça, classe, sexualidade, etc.

Para além disso tudo, discursos de cunho sexual para homens, em geral, podem ser usados para passar uma ideia de elogio ou vantagem em comparação com outros homens, e muitas vezes utilizando-se de estereótipos racistas entre negros e brancos, por exemplo. Exemplo de como esses discursos ultrapassam qualquer dimensão e espaço, podendo ocorrer em qualquer situação, inclusive no ambiente de trabalho, é o relato de Gabriel sobre o fato ocorrido quando realizava atendimento no hospital em que trabalha

(...) eu trajava calça jeans, jaleco, capote - que é aquele avental descartável - máscara, óculos, touca, ou seja, irreconhecível. Chegou uma enfermeira e falou que meu pau estava marcando. Eu falei: “Amada...?! Como assim marcando? Nem excitado eu ‘tô’, tipo, ‘tô’ toda ‘empacotada’, e tu ‘tá’ falando um negócio desse. (GABRIEL, entrevista 04/12/2021)

De acordo com Gabriel, essa e outras experiências constrangedoras do tipo só constataam para ele que

não importa o quanto você estude, o quanto você fale bem, ou o quanto você se imponha, ou enquanto você seja bom naquilo você sempre vai ser resumido a um corpo. (GABRIEL, entrevista 04/12/2021)

Embora não tenha ocorrido uma experiência similar, Diego relata que a partir do momento que compreendeu a dinâmicas do mercado de trabalho e da condição do negro nesse mundo, ele passou a ter uma maior preocupação com possíveis situações nas empresas que trabalhava, como por exemplo

você estar sempre bem arrumado, de estar sempre bem alinhado, de você tomar cuidado de, de repente, com a sua linguagem, de evitar determinadas gírias que você costumava falar. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Nesse sentido, observam-se esses fatos na fala de Gabriel quando afirma que o que mais lê em comentários a seu respeito nas redes sociais são termos como

raivoso, bruto, violento, cara de mau, gostoso, pirocudo, pessoas do pênis grande, ou então máquina sexual. (GABRIEL, entrevista 04/12/2021)

Segundo ele, é muito comum receber comentários (*posts*) com reações do tipo:

ai, nunca transei com um homem preto, meu Deus, você deve arrebentar na cama. (GABRIEL, entrevista 04/12/2021)

E há, ainda, na visão desse participante, a ideia predominante de que todo homem negro é ativo na relação sexual, com comentários sobre seu órgão genital tais como

ai, tu deve ser um cavalo, meu Deus. Nossa, tem mais de 20 cm, né?
(GABRIEL, entrevista 04/12/2021)

Os termos a que Gabriel nos fala não chega a ser uma novidade, visto que há tempos, o órgão sexual masculino do homem negro já chegou a “ser objeto de estudo e exposição guardado em recipiente com formol e exibido na Europa causando *frisson* em uma plateia que ao mesmo tempo se espantava e desejava o que via” (FRIEDMAN, 2001, p. 98) E mais absurdo ainda foi o caso da “Vênus Hotentote”, uma mulher de origem africana que por ter um corpo diferenciado das demais mulheres da Europa da época, foi usada e teve o seu corpo “resumido a seus órgãos sexuais, que passaram a ser os significantes essenciais de seu lugar no esquema universal das coisas”. E não bastante em simplesmente não verem Saartjie Baartman (seu nome oficial) como uma pessoa de forma plena, após o seu falecimento ela ainda foi “desmontada” em partes consideradas “relevantes”, foi “fetichizada – transformou-se em um objeto” (HALL, 2016, p.205).

A hipersexualização está inteiramente ligada ao fetiche, ao fetichismo. Esta ligação se dá numa ideia – como em um guia ou tutorial – de uma série de performances do que se espera de um homem e fazendo-o reproduzir uma masculinidade ao extremo, forçando esse sujeito a executá-las para firmar-se enquanto um “homem de verdade”. Atestando essa visão, Deivison Faustino (2014, p. 91) compreende que é

[...] a partir deste referencial fetichizado que o criado supermasculino esboçará sua agência. ‘Ser negrão de verdade’ implica assumir a atribuição de manter-se em cena como uma máquina de sexo: além de ‘ter a pegada’, deve ser (super) dotado de um pênis enorme, ser um animal na cama, dançar bem, ter habilidades para esportes e outras tarefas manuais, ter força física descomunal, além de jamais recuar perante uma ameaça, mesmo que isso implique o violento (e nem por isso menos glorioso) dilaceramento de seu corpo. O homem negro deve ser ‘macho ao quadrado’ em todas as situações exigidas, e só a partir destes atributos será reconhecido (FAUSTINO, 2014, p. 91)

Esse reconhecimento se dá não apenas na esfera das relações pessoais, afetivo-sexuais, mas na construção imagética reforçada pelos estereótipos, se não exclusivamente por eles. Um dos bons exemplos nesse sentido sobre a relação de masculinidades, marcadores sociais e interseccionalidades, e mais peculiar ainda sobre como essa identidade de homem negro pode existir e resistir de forma efetiva é o caso do estudante e influenciador digital mais conhecido

como o **Chavoso da USP**⁵¹, que nos traz uma melhor noção de construção de uma masculinidade que é construída nas comunidades e favelas pelos garotos desde cedo sob influências uns dos outros como referência.

O Chavoso da USP é um jovem negro que vive em dinâmicos modos de ver e ser visto na sociedade, além dos vários atravessados da sua vida que são semelhantes a de outros tantos homens negros no Brasil. No caso dele temos os seguintes traços identitários que se interseccionalizam: pela questão de gênero por ser homem; pela raça por ser negro (e dentro disso por ser negro de pele clara) e pela questão de classe por ser de periferia em São Paulo (e consideramos a localização como fator relevante para as diferentes noções e construções de masculinidade). Além disso, é de enorme importância nesse caso, e que fazemos questão de destacar, é o fato dele ser um estudante do curso de Sociologia na Universidade de São Paulo (USP), a maior universidade pública do Brasil e uma das maiores da América Latina. Através dessa experiência no nível universitário e os seus temas de estudo, ele produz conteúdos nas suas redes sociais, principalmente no seu canal do Youtube, onde fala sobre as temáticas da sua área de conhecimento e de outras pautas da sua comunidade de uma forma mais acessível a todos os públicos na internet, em especial aos jovens de periferia como ele e o público que ele mais quer impactar com seu trabalho de letramento racial e transformação social. O conhecido Chavoso da USP passa também pelo marcador da sexualidade por ser um homem gay (que recentemente compartilhou com seus seguidores abertamente sobre o assunto), e entra aí novamente mais uma quebra de hegemonia, deslegitimação de suas capacidades e de suas potencialidades.

Chavoso da USP é um homem negro de periferia que se veste com as roupas típicas de garotos da região, e expressão do *rap* e *funk*, além de ter várias tatuagens pelo corpo. Segundo relato seu, já buscou fazer até uma transformação na voz para engrossá-la, como forma de ser autoafirmar em seu meio. Este exemplo ilustra a complexidade de leitura sobre a sua imagem, seu corpo e existência no mundo, visto que ele não corresponde completamente as normas da sociedade e a todos os estereótipos tradicionais e populares sobre o que se espera de um homem negro principalmente vindo de onde ele vem. O exemplo do Chavoso da USP ilustra bem como a hipersexualização está em todos os lugares e pode acontecer com todas as pessoas de maneiras muito dinâmicas.

⁵¹ Sugiro conferir o canal oficial dele no Youtube (que consta com as demais redes sociais e contato) para conhecer um pouco mais dele e de seu trabalho, discussões em temas variados e urgentes. Confira em <https://www.youtube.com/c/ChavosodaUSP>.

O nome que ele usa é um dos vários termos relacionados aos fetiches sexuais evocados na sociedade. Nas redes sociais, para identificar um homem negro de periferia, usam-se termos como “Chavoso”, “Cafuçu”, “Mandrake”, “Mavambro”, entre outros. O uso desses termos nas redes sociais, seja pelos próprios homens para se afirmar, seja por outras pessoas para encontrá-los, é uma referência a homem com uma imagem de “*bad boy*”, de jovens negros vinculados a um fetiche com a marginalidade e a *performance* sexual que flerta com a brutalidade e o animalesco.

Sobre a questão da pornografia, reafirmando que se trata de conteúdos produzidos por homens para outros homens, coloca-se sempre a figura do homem negro na condição de fetiche, seja pela sua cor, ainda mais se for retinta, pela sua aparência ou pelo seu físico, e obviamente pelo objeto principal do espetáculo, o falo – o pênis –, o órgão sexual masculino desse homem negro, afinal, esta é a grande peça de destaque que gera expectativas.

De acordo com Osório (2021), a indústria pornográfica ficcional se “baseou no arquétipo do homem negro bestializado para criar narrativas cheias de estereótipos racistas” (p.108) em tramas e “categorias focalizadas no sexo entre homens negros e mulheres brancas a chamadas ‘interracial sex’ ou sexo interracial e o BBC⁵²” (p.108). O homem negro é sempre posto a serviço de todos os gêneros e sexualidades, tanto de mulheres e homens cis que sentem prazer em ver o “negão dominador” sob a mulher branca, por exemplo, como o fetiche de homens brancos gays por outros homens negros na mesma ideia de dominação por um ser ativo, além outras identidades de gênero e sexualidade.

Nas entrevistas, quando questionamos sobre a hipersexualização dos corpos dos homens negros e, logo, sobre as suas próprias experiências com abordagens por pessoas com fins sexuais, Diego conta que percebe essas situações de maneira

muito forte em cima dos homens negros em grupos, em nichos gays de pessoas brancas, tipo, muitos homens gays brancos eles costumam fazer comentários horrorosos sobre homens negros nas redes sociais. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Por outro lado, para Gabriel a questão da hipersexualização muitas vezes se dá de maneira mais forte no mundo gay, embora, segundo ele, ao contrário do que geralmente muitas pessoas pensam, mulheres também hipersexualizam o homem negro. Essa ressalva é feita por ele ao informar que muitas vezes é confundido nas redes sociais com homem negro heterossexual.

⁵² Sigla em inglês que significa “*Big Black Cock*” (que em português seria o equivalente a “Grande Pênis Negro”)

(...) a impressão que no mundo gay é mais forte porque são dois homens se relacionando. (...) pensam que mulheres não falam disso... Mulheres falam e falam muito. E falam muito pesado, entendeu? A gente tem a falsa visão de que mulheres não hipersexualizam, mas elas hipersexualizam muito. (...) mulheres brancas hipersexualizam muito, mulheres pretas eu já tenho uma percepção diferente. Elas hipersexualizam? Hipersexualizam. Mas elas têm uma questão da matriarca muito mais forte, sabe? Elas abraçam mais os homens pretos e aí por conta do machismo, nós homens pretos, não abraçamos tanto as mulheres pretas. (GABRIEL, entrevista 04/12/2021)

A percepção de Gabriel é importante por levantar um assunto tabu no que diz respeito às mulheres, sua sexualidade, seus desejos e prazeres. Além de jogar luz sobre como a temática é apreendida por mulheres brancas de uma forma e de maneiras diferentes para as mulheres negras, visto que essa percepção de como as mulheres negras “hipersexualizariam” os homens negros nos lembra sobre as imagens de controle que Patrícia Hill Collins que já debatia sobre uma das imagens que as mulheres negras americanas possuem que é a da *mammy*, mais ligada a representação da mãe, cuidadora, o que leva a crer que os homens negros (mas também os brancos) não as veriam com os mesmos olhos por essa e outras questões que os estudos feministas discutem sobre a solidão da mulher negra, por exemplo.

5.3.3 Corpo abjetificado

5.3.3.1 Outros corpos e vivências que estão fora da norma

Dentro do tema de racismo, masculinidades, representação, estereótipos e sexualidade, precisamos falar também de vozes muitas vezes silenciadas ou pouco projetadas, tanto nos movimentos negros como na sociedade em geral. Estamos falando de homens que não se enquadram nos padrões heteronormativos aceitos e ditados pela sociedade, desde o jeito de falar, se portar, se vestir, enfim, de performar a sexualidade, mas agem no mundo de acordo com as suas verdadeiras identidades e subjetividades. O autor JJ Bola (2020) traz alguns exemplos desses corpos que performam, ou seja, existem e resistem, fora das normas sociais.

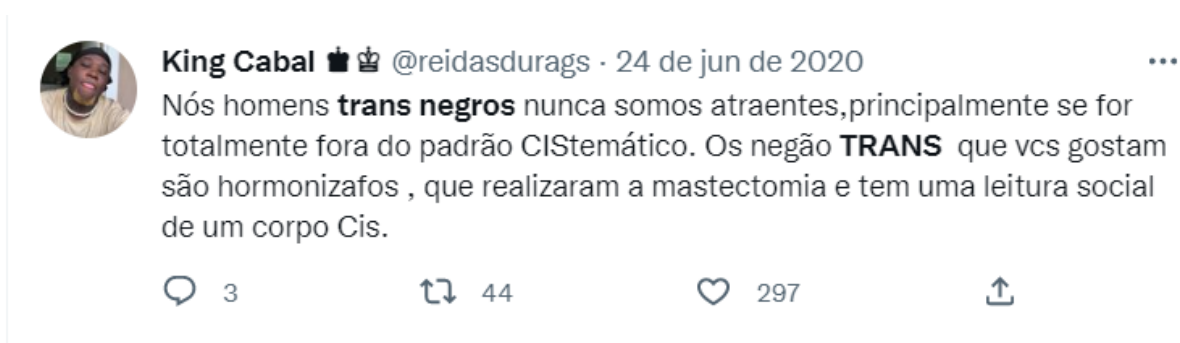
Os homens gays são muitas vezes vistos como mais fracos, um desvio da masculinidade. Ao mesmo tempo, também não é dado aos homens o direito à fluidez sexual. Em outras palavras, no que diz respeito à sexualidade masculina, ou você é hétero ou você é não hétero (gay), e os homens não normativos ou bissexuais são com frequência apagados do espectro da sexualidade masculina. (BOLA, 2020, p.116)

Embora de outra forma, a hipersexualização também atinge esses sujeitos, mas que ainda assim sofrem com esse sistema excludente, tendo seus corpos vistos como abjetos (que veremos melhor mais à frente), como corpos desprezados e que para serem desejados necessitariam chegar a um modelo ideal de corpo e *performance*.

5.3.3.2 Transmasculinidades Negras

Falando de corpos abjetos, tratamos de corpos de pessoas que não se encaixam nas normas da sociedade cis-heteronormativa. Desses corpos rejeitados e marginalizados, os mais afetados são os corpos transmasculinos negros. É imprescindível registrar que, nesta pesquisa, não estamos falando por eles, mas estamos falando com eles. A temática da objetificação dos corpos, das masculinidades negras, e ainda mais das transmasculinidades negras, é assunto muito sério, urgente e necessário, levando em conta ainda os últimos anos que têm sido desafiadores e precisam ser vistos com um olhar de mais atenção, proteção e cuidado com essas vidas.

Figura 6: Homem negro trans falando sobre o “padrão CISTemático”



Fonte: Twitter (2020)

A partir do relato exposto no *tweet* deste homem negro trans, conseguimos apontar alguns dos vários atravessamentos e opressões que somente as transmasculinidades negras vão sentir em seus corpos, logo em suas vidas. A figura acima é colocada neste início das discussões para conseguirmos ter uma dimensão visual e textual de como os temas tratados aqui na pesquisa estão tão presentes nas realidades de vários dos homens trans negros que através das redes sociais fazem depoimentos, desabafos, *exposeds* que são sobre suas vidas e suas necessidades.

Neste caso, o foco é nas questões dos afetos e das relações afetivas-sexuais, trazendo para discussão as exigências de adequação do corpo à normas cis-heterossexuais, fazendo uma crítica à negação dos corpos transmasculinos que não realizam os procedimentos de harmonização e mastectomia a fim de conseguir uma melhor leitura social, ou seja, serem vistos como homens cis ou num mínimo de passabilidade para conseguir respeito diante da sociedade para simplesmente poder viver normalmente.

Conseguimos ter uma melhor dimensão das vivências reais dos homens negros trans no livro "Transmasculinidades negras - narrativas plurais em primeira pessoa", obra recente e inédita sobre a temática, que conta com vários autores, artistas e estudiosos do assunto, inteiramente dedicada a falar sobre essas vida tão similares e tão diferentes entre si, não só com textos acadêmicos, mas com ensaios, relatos, poemas, desabafos, entre outras expressões emocionantes de serem ouvidas e de serem ecoadas.

Existe uma questão similar, mas pouco problematizada, que é o fato de as pessoas negras de pele clara terem a possibilidade de vivenciarem a passabilidade. E o que seria essa passabilidade? De modo geral, seria uma das formas em que pessoas negras de pele mais clara poderiam ser vistas na sociedade como se fossem pessoas brancas. Esta é uma prática que já existe desde os tempos coloniais e que até hoje de maneiras diferentes ainda acontece por diversos fatores, entre eles, a falta de compreensão de sua própria identidade de raça, visto que vivemos em um país miscigenado e, diante dessa mistura de tons, constrói-se a falsa ideia, que ainda se sustenta, da democracia racial. O problema da passabilidade é o uso inapropriado por pessoas mal intencionadas que, ora é válido e positivo se passar por negro, e ora se passar por branco. Em relação às transmasculinidades negras, a questão da passabilidade cis é uma realidade também, mas que gera muito mais questões sobre o tema do que apenas ser lido socialmente como um homem dentro das normas, seja branco, seja negro.

Peçanha (2021) exemplifica como a passabilidade tem suas vantagens e desvantagens quando se trata da leitura social de um homem trans negro.

A cor da pele ligada à leitura social racista, do que é ser homem negro, faz com que toda a dimensão de passabilidade tenha outro sentido. Os homens negros trans passam a sofrer toda a carga de racismo, assim como homens negros cis passam. E dentro dessa masculinidade negra entra demais especificidades que fazem com que a leitura social de ser homem negro caracterize ser ameaça, violência, cobrança de maior virilidade etc. (PEÇANHA, 2021, p.136)

A interseccionalidade é parte intrínseca das vivências trans negras por suas variações e particularidades, mas uma realidade quase impossível de não ser sentida e percebida quando a

passibilidade cis consegue te proteger ou de camuflar da transfobia por um lado, mas ao mesmo tempo ela pode te expor completamente ao racismo, pois:

Dependendo da marcação que é percebida ou não, as percepções são diferentes. Ser homem negro trans gay, homem negro trans nordestino, ser homem negro trans grávido, ser homem negro trans bissexual, ser homem negro trans gordo, ser homem negro trans com deficiência e por aí vai. Esses são apenas alguns exemplos, dentre tantos outros, e, entre esses e demais, podem se interligar, fazendo com que as intersecções fiquem maiores. (PEÇANHA, 2021, p.136)

Nesse exemplo que Peçanha (2021) dá na citação acima percebemos que as transmasculinidades negras ainda estão sujeitas a outras formas de opressão, entre elas a gordofobia, a xenofobia, o preconceito contra pessoas deficientes, entre outras formas de preconceito contra essas pessoas para além do que já enfrentam diariamente. Infelizmente, isso ainda não fica restrito à questão das características físicas ou outras variáveis que o definem como masculino, pois a opressão se manifesta logo em seguida, pela sua cor. Portanto, esse corpo sofre uma dupla opressão.

Há muitas situações comuns aos cis e aos trans negros no que se refere a imagem, representação e representatividade de outros homens negros para se ter de referência. No caso das transmasculinidades negras, elas acontecem de formas talvez até mais difíceis, visto que há uma enorme dificuldade de encontrar figuras de pessoas com a sua cor, seu tom de pele, com seus traços e suas características físicas mostradas nas redes sociais de formas positivadas. É ainda muito comum, no processo de identificação e compreensão da sua condição enquanto homem negro trans, a pessoa querer buscar referências de outros homens que sejam parecidos com ele como uma forma de pertencimento e também para futuramente buscar referências visuais de como gostariam que seus corpos pudessem ficar, seja através da mastectomia, do uso de barba, de estilo de cabelo, entre outras características e recursos visuais para transmitir toda a sua negritude e impactar positivamente na sua autoestima. Porém, na questão da representatividade, até mesmo nas próprias comunidades de homens negros, acontece de raramente encontrarem corpos de outros homens como referências que não estejam dentro de estereótipos racistas e que também não se restrinjam a corpos de homens trans brancos, na maioria das vezes as referências disponíveis. Segundo Santana (2019),

Em um determinado momento da minha transição, fiz várias pesquisas em busca de referências transmasculinas negras, mas em todos os grupos e páginas de homens trans espalhados pelas redes sociais e pela internet que tive acesso nesse período, todas as referências e representatividades eram sempre de corpo de homens brancos trans, musculosos, que já faziam uso de testosterona e realizado a tão sonhada mamoplastia masculinizadora, ou seja, os corpos que obedeciam aos padrões de

masculinidade e estereótipos de gênero que mais se aproximavam da cisgeneridade branca. (SANTANA, 2019, p.97)

Seguida da busca por referências, há uma série de procedimentos e protocolos que passam desde as questões físicas, psicológicas e emocionais, com todo um acompanhamento médico para melhor avaliar o corpo e a mente desse homem em transição, com vários especialistas, para fazer o correto acompanhamento para a chegada da tão sonhada transição ou redesignação sexual. É importante pontuar que o processo de transição para os homens trans, de modo geral, é semelhante a uma espécie de renascimento, em muitos sentidos, como se fosse um bebê aprendendo a dar os primeiros passos. Atestando com sua própria experiência, Hala (2021) diz que, com o estabelecimento de sua leitura social enquanto homem, “tive que reaprender a andar, a falar e naturalmente tive que decorar toda a burocracia, cerimônias e circunstâncias necessárias para agir e sobreviver como tal” (HALA, 2021, p. 51)

O processo de mudança corporal passa por diversas etapas e diversos desafios, entre eles: as transformações estéticas ainda enquanto um corpo biologicamente feminino mas tentando passar uma imagem de homem cis masculino com roupas e uso de peças que pudessem esconder os seios como cinta modeladora abdominal, por exemplo, até mesmo aos riscos de tentar realizar a terapia hormonal (que em vários casos é feito clandestinamente e sem a mínima validação médica) por conta própria sem acompanhamento especializado e outras mudanças e desafios que os homens negros trans chegam a passar. De acordo com Hala (2021), ele adiou essa etapa de sua transição por acompanhar por diversos depoimentos de transmasculinos que “realizavam a terapia hormonal sem acompanhamento médico, aplicando as injeções sem conhecimento e torcendo pra que não acertassem uma veia em detrimento do músculo” (HALA, 2021, p.43).

Para além dos inúmeros desafios que os homens transmasculinos já enfrentam para poderem ser quem são de verdade, eles acabam enfrentando ainda mais opressões e violências dentro do próprio movimento negro e na comunidade trans, pois uma das questões que ainda são polêmicas é o fato de serem: 1. homens, 2. trans, 3. negros e 4. sem pênis. Essa opressão se acentua em se tratando de um homem trans negro, visto que, conforme já discutimos aqui, o falo, o pênis, é uma questão quase que intrínseca, principal, inseparável da imagem do homem negro. É como se fosse, talvez, a parte mais importante de suas vidas, diante da expectativa e fantasia projetadas por pessoas brancas e de toda uma sociedade que o visualiza dessa forma. Desta constatação, Santana (2019) percebe que

Esse racismo perverso que atinge e hipersexualiza nossos corpos, acaba, também,

sendo reproduzido por muitos homens trans. [...] dentro da própria comunidade dos homens trans há essa hierarquia racial na qual os homens negros trans precisam cumprir com as expectativas de masculinidade racializada para serem legitimados, exemplificada na obtenção de um packer negro e grande, o que acaba contribuindo para legitimar um discurso que nós, da militância trans, lutamos para combater. (SANTANA, 2019, p.100)

A carga de opressão e preconceito se acentua quando o homem trans, seja ele negro ou não, decide ter a experiência da gestação em seu corpo em transição. Essa é uma situação possível de acontecer com vários transmasculinos que decidem vivenciar por livre escolha esse gestar de um novo ser. Embora nada seja fácil na vida de um homem trans, em se tratando de um homem trans, negro, e grávido, imaginemos a situações e os desafios que se apresentam. Como atesta Panamby (2021), sua gestação como um homem transmasculino foi uma dupla sensação que ia do belo ao grotesco. Ele relata o lado lindo e pleno, mas ao mesmo tempo, a opressão e violência que sofreu com essa vivência tão particular.

A gravidez foi um processo de esconderijo. Eu me achava lindo e pleno, um planeta, uma montanha, um ser divino, mas o olho do mundo me dava medo. Muito dedo em riste. Não era fácil ser uma pessoa trans preta sozinha e grávida numa cidade onde era forasteiro e onde o machismo e a transfobia são imperativos. Sofri violência obstétrica, num combo de transfobia e racismo, logo na primeira consulta de pré-natal, na qual a médica branca, loira, dos olhos claros, me dizia coisas como: "Você deve ter alguma DST", "Sua barba é feia, você deve ficar melhor sem ela", "E o pai você sabe quem é?", além de toques que me feriram fisicamente (PANAMBY, 2021, p.101).

Embora seja difícil falar mais de tantas dores, violências e opressões contra essas pessoas, é preciso comentar também sobre um tópico tão polêmico quanto o mencionado anteriormente, pois se trata dos suicídios das pessoas trans negras. Um dos casos mais marcantes dos últimos tempos aconteceu com o homem transmasculino negro chamado **Demétrio Campos**⁵³, de apenas 23 anos de idade, mas que já era bem conhecido pela comunidade trans e ativo nas redes sociais, mas que foi suicidado⁵⁴ em 17 de maio de 2020, sendo este um lamentável caso ainda mais impactante por ser justamente em uma data tão significativa para a luta e celebração da visibilidade trans e travesti no Brasil.

⁵³ Apesar de uma passagem rápida pelo que chamamos de vida, Demétrio tinha o sonho de ser modelo, mas se tornou um modelo e voz ainda mais ativo para as causas LGBTQs através das suas redes sociais.

⁵⁴ O termo suicidado ou suicidamento de pessoas trans é comumente utilizado pela comunidade como forma de se apontar como denúncia que os vários e vários casos de suicídios de pessoas transmasculinas, que acontecem todos os dias, partem de uma gama de violências transfóbicas cotidianas que os levam a pressões em opressões que os retiram a humanidade e a vontade de viver.

Figura 7: Caso do homem negro trans Demétrio Campos



Fonte: Twitter (2020)

Demétrio é mais um caso, é mais um que, infelizmente, acrescenta a estatística de o Brasil ser o país onde mais se mata pessoas trans e travestis no mundo. Assim como aconteceu com ele, tantos outros homens negros trans estão vulneráveis ao racismo e a transfobia de formas latentes em suas vidas. De acordo com o relato de Santana (2021):

A morte do Demétrio foi muito simbólica, ele queria deixar um recado para todes nós. Quando soube da notícia do seu falecimento, fiquei sem chão, comecei a receber diversas mensagens sobre sua morte, a notícia tomou conta de todos os grupos de ativismos trans e LGBTQIA+ que participo. Eu não queria acreditar, não queria aceitar, tinha entrado em contato com ele em 28 de março de 2020, vinte dias antes de sua morte. Eu havia visto uma de suas postagens nas redes sociais que tratavam sobre os episódios de racismo, transfobia e “cancelamentos” que vinha sofrendo, sobre não estar suportando mais essas violências cotidianas. Ele estava usando suas redes sociais para partilhar essas dores, os dissabores de ser um homem preto trans pobre, o seu desejo de desistir de tudo. (SANTANA, 2021, p.154)

Mesmo para homens negros cis, as vivências de um homem negro transmasculino são únicas e difíceis de serem compreendidas. Não é fácil entender como essas pessoas

conseguem sobreviver a tanta violência, tanto ódio, tanto desprezo, tanta discriminação. Esses corpos que fogem completamente aos padrões de ‘normalidade’ ditados pela sociedade, desafiam a compreensão humana e, por isso, são considerados ‘monstros’, ‘aberrações’ e outros termos nessa linha. A essas pessoas, que nunca é demais lembrar que são humanas, é negado tudo, até mesmo o direito fundamental e constitucional de simplesmente viver livre. Ainda assim, Santana (2019) faz um manifesto que inspira novas possibilidades de masculinidades negras.

Desde o momento em que nos propomos em construir uma masculinidade sem pênis, de usar nossos corpos para gestar se assim desejarmos, tendo cuidado para não sermos o tipo de homem que irá reproduzir os machismos e misóginas que violentam e matam pessoas todos os dias, já estamos fazendo uso dessa masculinidade contra-hegemônica. (SANTANA, 2019, p.101)

Iniciamos o tópico sobre transmasculinidades negras a partir da provocação sobre os corpos abjetos, e gostaríamos de finalizá-lo por um outro ângulo, agora com um novo olhar. Compreendemos agora que assumir, vivenciar e aprender a amar seus corpos que fogem à norma, é fazer-se em resistência, a real resistência de viver. São corpos que muitas vezes são vistos de forma envergonhada por onde passam, caminhando e vendo pessoas desviarem ou temerem a sua presença, ou quando tentam convencer que fazer uma transição é um ato de loucura. Porém, na perspectiva da busca por um mundo melhor, mais tolerante e respeitoso com as diferenças, esses corpos têm um papel fundamental na sociedade, pois são corpos políticos na sua essência (todo corpo é político), e como tal, têm a função fundamental e necessária de interpelar, questionar, problematizar, desafiar normas sociais desumanas e carregadas de ódio e desprezo pela vida humana nas suas mais variadas formas de manifestação.

5.3.3.3 Ser o sujeito abjeto

A abjetificação corresponde ao “abjeto”. Entendendo o prefixo, conseguimos entender melhor o que essa palavra quer dizer: ab-jeto, um objeto que está fora ou que é fora da ideia de ser um objeto. Essa é só uma forma mais simplista de compreender o significado, mas não toda a carga social que o termo carrega.

O termo abjeção se refere a algo baixo, desprezível, ignorável, no sentido de rejeitar, de expulsar, em uma relação que é estabelecida pela diferença. Assim como as demais objetificações, neste caso, trata-se também de uma relação de poder na qual é preciso que

exista o domínio de um sujeito sobre outro sujeito que é considerado um não sujeito. Tomando o entendimento de Butler (2019),

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. Essa zona de inabitabilidade vai constituir o limite que circunscreve o domínio do sujeito; ela constituirá esse lugar de pavorosa identificação contra a qual - e em virtude da qual - o domínio do sujeito circunscrever sua própria reivindicação por autonomia e vida. Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional. (BUTLER, 2019, p.18)

A autora fala sobre os “inabitáveis” da vida social, o que, no nosso entendimento, pode se referir aos sujeitos que não nascem nos corpos com os quais se identificam. Nessa direção, o entendimento a partir da explanação de Butler, de pessoas fora da norma, inclui mulheres, negros, transgêneros e todos aqueles que não habitam o corpo “correto” ou no mínimo de forma correta, seguindo as regras sociais. Isso mostra, vindo de uma forma mais profunda, que quando ela está falando dos “sujeitos” que não são considerados sujeitos, ela se refere aos corpos das pessoas trans, travestis e de todos os vários corpos dissidentes para a sociedade, aqueles que não são considerados pessoas, ou seja, não são considerados humanos. Isso volta ao que vimos discutindo sobre pessoas em busca de sua humanidade.

Quando direcionamos o nosso olhar para a abjetificação em relação às masculinidades negras, compreendemos que aqui cabem os corpos de homens negros gordos, magros demais, altos e baixos demais, isso sem falar das questões de sexualidade, que aprofundam ainda mais os estereótipos e estigmas para esses grupos, pois seus corpos estão no limite do limite do que o limite permite (fazendo alusão metafórica ao outro do outro, de Grada Kilomba).

Aqui estamos refletindo a partir do olhar que chamo de doutrinado, no sentido de ser ensinado a olhar e admirar o que corresponde aos padrões aceitos, esperados e valorizados pela maioria que se apropria do discurso de gostos e preferências pessoais, como se tais escolhas ou desejos não fossem carregados de subjetividades interiorizadas intensamente desde sempre. Nesse sentido, vivendo em uma sociedade moldada pela violência que se manifesta de diversas formas, sentir que é preciso corresponder a todo momento a uma norma de corpo e comportamento que fogem ao que se espera e ao que você realmente é, leva essas pessoas ao limite emocional, como se tivessem suas energias sugadas.

Neste sentido, faz-se necessário pontuar sobre os corpos e *performances* que transgridam a norma, como os homens negros gordos, os chamados PCD (pessoas com deficiências que podem ser de natureza física, auditiva, visual, intelectual ou limitações

múltiplas) e os idosos. Existem ainda os corpos das travestis, os corpos dóceis e os domesticados, todos atravessados por olhares e julgamentos por estarem “fora das normas”.

5.4 Afetividades

Destino, por que fazes assim?

Tenha pena de mim!

Veja bem, não mereço sofrer.

Quero apenas um dia poder

Viver num mar de felicidade.

Com alguém que me ame de verdade.

Insensato Destino (Almir Guineto)

Entendemos que o reconhecimento e a vivência da afetividade plena na vida dos sujeitos tornam e transformam as relações consigo e com os outros em vidas com muito mais “cor, brilho e calor a todas as vivências humanas. Sem afetividade, a vida mental torna-se vazia, sem sabor (DALGALARRONDO, 2008, p.155). Por essa razão, negar ao homem negro o afeto é o mesmo que condená-lo a não poder viver a experiência digna de ser humano.

Ao longo do processo histórico brasileiro, desde a colonização, passando pela escravização e chegando ao racismo estrutural da atualidade, aos homens negros praticamente não houve possibilidade histórica de pensar a sua própria afetividade, muito menos com os outros. Ainda hoje, na sociedade patriarcal de machista, perduram deusas como as de que homens não choram, que homens não podem demonstrar sentimentos, afetos, porque refletem uma vulnerabilidade que não se enquadra em um modelo viril e de macho alfa.

No que confere à afetividade das vidas negras, muitas são as barreiras problemáticas que carregamos desde quando nascemos. Como temos visto nesta pesquisa, a afetividade negra é perpassada por inúmeras questões desde a Colônia e, assim, viemos colhendo os frutos podres dessa lavoura de sentimentos negativos sobre nós mesmos há séculos. Seja ao nos negar a condição enquanto humanos, seja no uso descarado de nossos corpos para o trabalho ou para o sexo, mas não como um corpo pensante e pulsante no melhor sentido da palavra. Além de introjetarem em nossas mentes a desconfiança de supostamente sermos ameaça para o outro, assim como a desconfiança em nós mesmos, em tudo aquilo que poderíamos ser, ter e viver como qualquer pessoa. Vivenciamos uma sucessiva tentativa de

nos tirar algo próprio do ser humano, o afeto. E sem o afeto, que consequências e impactos existirão em nossas vidas no futuro?

5.4.1 O afeto começa pela família

A escravidão nos tirou os nossos direitos. Primeiro ponto. Tirou ainda o direito das famílias negras serem constituídas e nutridas. Tirou o direito de uma mãe de amamentar e criar seu filho, separando-o desde o nascimento. Tirou de um pai o direito de paternar e assim construir relações saudáveis entre seus filhos, até mesmo o nome isso lhes foi negado, hoje mesmo ainda é assim. Mas nos ensinou a nos odiar e de mesmo modo aos nossos iguais de pele, cor, traços, ancestralidade. Inclusive o afeto sempre esteve na religiosidade, como as de matrizes africanas, mas até isso nos foi retirado e condenado. Nos fez acreditar que os nossos direitos seriam garantidos ao aderir a miscigenação, afinal, um branco tem direito em nossa sociedade, então era preciso mudar o tom e a tonalidade dessa conversa.

A afetividade está em outro patamar, em outra lógica que passa longe de tudo isso o que mencionamos anteriormente, pois o afeto está em outras formas e situações da vida, nas nossas relações com as pessoas, de um bom dia ao vizinho, no almoço em família, nos aniversários, no cuidado com o ir e vir do trabalho, da escola, do mundo. É por isso que acreditamos que o afeto se inicia no seio familiar, no núcleo, no centro, e em qualquer configuração de família que possa existir. E é nesse caminho que vamos seguir com as nossas discussões sobre a afetividade dos negros, em especial, dos homens negros.

5.4.2 Paternidade

O “Primeiro Relatório sobre as Paternidades Negras no Brasil”, lançado em 2021, promovido pelo Instituto Promundo, leva-nos a compreender, através de dados estatísticos e análises aprofundadas – até então inéditas no país – diferentes nuances das paternidades dos homens negros no Brasil. O relatório mostra os significados da noção de ser um pai, os desafios da paternidade na juventude, e as vivências e enfrentamentos de se paternar de forma plena.

São várias as vulnerabilidades presentes no exercício dessa paternidade, passando pelos resquícios do colonialismo, do racismo, da divisão sexual de trabalho marcada fortemente pelo machismo, além das desigualdades sociais, que se manifestam

simbólica e materialmente, no cotidiano das pessoas negras e pardas. (SANTOS; FERREIRA; SANTOS, 2021, p.18)

Como temos discutido sobre as dinâmicas patriarcais, logo, autoritárias, de demarcação de superioridade, de hierarquias, alinhadas à masculinidade hegemônica do modelo ideal de homem, com a paternidade não é diferente. Na verdade, como atesta Portírio (2021), “quando pensamos em um homem ideal e em um homem tido como socialmente apto a ser um pai, de modo geral, não nos vem à mente um homem negro” (p.37). Afinal, o que se espera é o pai da clássica ‘família de margarina’ em que o “ideal mítico de masculinidade não inclui um homem negro, mas sim, um homem branco, cisgênero, heterossexual, cristão e de classe média/alta” (p.37). Isso nos faz querer entender quem é esse homem e pai ideal que tanto se espera em nossa sociedade.

De acordo com LIMA e RAMOS (2021), ao homem preto brasileiro sempre foram impostas as precariedades da vida e de formas muito naturais. Mais perverso ainda é constatar que ele “só teve a possibilidade de começar a paternar após a abolição da escravatura, em 1888. Logo, ele está há menos de dois séculos exercendo paternidades nestas terras [...] Toda memória de paternidade do homem preto anterior ao século XIX é memória afetiva da África” (p.12).

No que confere à construção da identidade do homem negro enquanto pai, essa condição o coloca na posição de dominador, mas, por outro lado, esse mesmo homem, em outras situações, vive na condição de subalternização, lidando com diferentes opressões. É muito comum ver homens em geral, e homens negros em especial, reproduzir com a mulher e os filhos as opressões que vivencia nos ambientes fora de casa.

Aos indivíduos do gênero masculino é imposto um papel social alicerçado no capitalismo, o incumbindo em ser o provedor do lar, aquele que tem o dever de colocar comida dentro de casa e suprir as necessidades básicas para sua família. Além disso, os percalços cotidianos dos pais pretos, “no exercício da paternagem, se distinguem dos pais não pretos, por exemplo, o medo constante da morte pela violência do Estado, a instabilidade financeira que afeta diretamente a população preta, etc.” (LIMA e RAMOS, 2021, p.13).

Certamente existe toda uma série de questões sobre o que é compreendido como “ser pai” nas bases do patriarcado. Contudo, os estudos e lutas feministas e, mais recentemente, estudos sobre masculinidades, vêm enfraquecendo práticas machistas e misóginas, por exemplo, propondo aos homens negros falarem mais sobre si e sobre suas dificuldades nesse papel desafiante que é paternar, e trazendo mudanças no que se refere à igualdade de gênero.

Falar de paternidades negras nos remete aos estereótipos e estigmas do pai ausente, o pai que não saberia contemplar as necessidades afetivas de seus filhos, entre outros discursos comuns. Porém, através um novo cenário social e cultural que aos poucos vem se construindo a respeito da figura do pai negro, passamos a ver com outros olhos as diferentes nuances de ser um pai negro no Brasil e os atravessamentos que se colocam nessa questão. Assim, ao tratarmos de abandono do lar e da família, é importante entender as conexões que se estabelecem nos diferentes contextos sociais. Os pais negros, em muitos casos, vêm de um histórico de abandono pela família e pela sociedade como um todo. Ainda há que se levar em conta todo o histórico de sua ancestralidade cujos laços familiares foram rompidos pela violência da escravização, que provocou a destruição de famílias inteiras pela separação de seus membros. Assim, o abandono familiar por pais negros, na sociedade atual, além de refletir um contexto social marcado por injustiças e desigualdades, traz em sua gênese toda essa história que marcou sua ancestralidade. O "Primeiro Relatório Sobre as Paternidades Negras no Brasil", disponível de forma online⁵⁵, constitui-se com uma linguagem simples e sem rodeios, numa ferramenta de desconstrução dessas imagens enraizadas sobre esses homens em nossa sociedade, sendo, assim, uma ponte de construção de novas paternidades diante dos desafios.

5.4.2.1 Exemplos de estereótipos e ensinamentos de pai

A paternidade negra se diferencia em muitos aspectos da paternidade branca. Basta atentar para as interseccionalidades e as múltiplas formas de masculinidades negras. Assim, é preciso considerar que a construção identitária de homem pai negro perpassa por discursos e ideias patriarcais, machistas, misóginos, repletas de estereótipos e de vários outros modos de opressão que infelizmente são ensinados ao longo de toda uma vida. Deixando claro que isso não os isenta de suas responsabilidades.

Quando pensamos nos ensinamentos que os nossos pais nos dão na infância, na adolescência e até mesmo na idade adulta, está bem presente aí a questão geracional. Dos vários assuntos que os pais abordam com seus filhos, muitos são baseados em suas próprias experiências e de seus antepassados. Um exemplo disso, encontramos na fala de Zé Henrique que diz ter sido ensinado sobre as relações de classe e gênero por sua mãe, mas que foi realmente com o pai que compreendeu alguns “ensinamentos” sobre sexualidade, quando ele

⁵⁵ Disponível em: <https://issuu.com/fmcsv/docs/primeiro-relatorio-sobre-as-paternidades-negras-no>. Acesso em: 13.out.22

diz que o pai era aquele tipo de homem que orgulhava-se em repetir dizeres populares machistas, aos quais Zé Henrique respondia com afronta. Vejamos seu relato.

Meu pai dizia: amarre suas cabritas porque o meu bode está solto! E eu retrucava: ah! Eu posso até pegar as cabritas, mas também pego os cabritos. Ele não gostou muito quando ele soube que eu pegava cabrito também. (ZÉ HENRIQUE, entrevista 08/12/2021)

Entre outros ensinamentos ainda mais enfáticos e que parecem ser mais comuns do que se imagina, e nesse caso, coloco-me como um dos que viveram situação parecida, temos o relato de Diego, que diz ter uma boa relação com o pai, com quem podia conversar muito sobre vários assuntos. Em desses diálogos que Diego destaca está na instrução sobre como se portar diante de uma abordagem policial e o que ele deveria fazer nessa situação:

Cara, se a polícia te parar você tem que dar bom dia, boa tarde. Se ele perguntar qual é seu nome, você dá seu nome. Se perguntar onde você mora, você diz o teu endereço. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Esse ensinamento evidencia uma atmosfera de medo que o pai tem da violência que o filho possa sofrer fora de casa. Segundo Diego, só o fato de ser parado pela polícia sem o menor motivo para ser abordado já é em si uma violência. E conclui dizendo que

a gente entende que vai sofrer violências, mas a gente tenta reparar um pouco, dar uma diminuída na intensidade delas. E da infância e adolescência tive muitas e muitas conversas no sentido de aprender a me portar diante desse mundo louco. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

5.4.3 Autoestima

5.4.3.1 Infância

A autoestima da pessoa negra passa por diversos atravessamentos que começam logo ali na infância, principalmente na busca pela sua própria identidade. Nessa fase ela busca se reconhecer, por entender as coisas ao seu redor, a ver a cor da sua pele, o formato do seu corpo, do seu rosto do seu nariz, as suas características físicas de modo geral, os seus primeiros contatos consigo, assim, como toda criança faz na busca por se reconhecer como pessoa, como indivíduo⁵⁶.

⁵⁶ Há estudos e conhecimentos mais aprofundados tanto nas áreas de Psicologia e Educação, a respeito da construção de identidade e o processo de reconhecimento de si nas fases iniciais da infância para uma criança.

O descobrimento de uma pessoa negra enquanto sujeito racializado, pensando nesse percurso de passado e presente, passa por diversos processos de identificação e reconhecimento, seja através da própria família, da escola, do universo midiático, enfim, das relações sociais e culturais em que esta pessoa estiver inserida, mas principalmente por algo fundamental em todas as fases da vida, é o saber lidar, construir e desenvolver da sua autoestima. De acordo com Rodrigues e Pereira (2021):

Ainda na infância, a percepção de diferenças e hierarquias sociais começa a se manifestar e, portanto, o risco de assimilar ideias e valores racistas já se faz presente, já que, seguindo as bases normativas e normatizantes de uma sociedade de base racista, crianças brancas tendem a compreender a sua identidade como ‘natural’ e superior, enquanto crianças negras podem se ver e se sentir em uma situação de inferioridade nas relações sociais. (RODRIGUES; PEREIRA, 2021, p.10)

Isso quer dizer que ela ainda enfrentará certas barreiras para conseguir acessar sua negritude de forma plena e natural. Afinal, tomar para si uma cultura, uma identidade que ao seu redor não corresponde ao que “todo mundo” aceita, idealiza e consome, dificulta essa vivência e experiência de sua negritude. Ainda nesse sentido, segundo Fátima Oliveira (2004, p.57), "assumir a identidade racial negra em um país como o Brasil é um processo extremamente difícil e doloroso”, principalmente se considerarmos que as representações e a representatividade de pessoas negras associadas ao que é positivo e de sucesso “não são muitos e poucos divulgados e o respeito à diferença em meio à diversidade de identidades raciais/étnicas inexistente”.

Todos esses obstáculos de reconhecimento de identidades e apropriação de sua cultura, mexem intensamente com a autoestima dessa criança. Muitos desses enfrentados internos que nos referimos desde a infância são sustentados pelo o que já falamos também anteriormente sobre o pacto da branquitude, afinal, se trata de relações de poder, desconsiderando toda e qualquer colocação de empatia com o outro que difere em aparência, em moradia, em posses e acessos, e que colocaria em ameaça os seus privilégios.

O pacto da branquitude é acionado desde muito cedo, naturalizando em todos os espaços como a escola, por exemplo, a ideia do que pode ser certo e errado, do que é belo e feio, do que moralmente devemos validar ou desconsiderar, entre outras questões e hierarquias que somente fortalecem um único lado, uma única visão, uma única referência que, no fim das contas, é branco. (RODRIGUES; PEREIRA, 2021, p.17)

Nessa relação de autoestima e referência única que estamos conectando aqui entra também um outro aspecto que ainda é tabu para muitas pessoas, ainda mais por serem

Entretanto, para este momento e dos objetivos desta pesquisa não entraremos nas discussões e aspectos sobre o tema, mas gostaríamos de sinalizar que o assunto vai muito mais além do que já estamos mencionando.

aspectos identitários que impactam diretamente as suas noções sobre si, seu corpo e novamente a sua autoestima. E é justamente nesse âmbito que homens negros gays, bissexuais ou que não se identificam com suas identidades de gênero e sexualidade mais podem sofrer pela discriminação de serem como são e não se enquadrarem no modelo que se espera que se encaixem.

As pressões e opressões se duplicam para esses indivíduos que além da questão racial ainda são impactados pela questão da sexualidade que fogem do padrão homem-branco-hétero. Nesse sentido, Zé Henrique relata que desde muito cedo sofria com esses conflitos internos sobre si, principalmente quando se relacionavam com a sua identidade de gênero e sexualidade.

(...) quando criança a gente sabe que a gente é muita coisa, e eu era o que se chamava de ‘criança viada’, para além das questões da negritude, tinha as questões da performance de gênero e de eu não performar uma masculinidade”. Ao compreender desde muito cedo essas imposições, nosso entrevistado ainda nos relata que já percebia que “a sociedade não gostava disso, principalmente, por que o corpo negro já vai ser o mais rejeitado, mesmo se ele estiver dentro de todos os perfis sociais. Imagine se ele for um corpo dissidente de gênero e sexualidade, aí é que ele vai ser colocado mais ainda para baixo. (ZÉ HENRIQUE, entrevista 08/12/2021)

Fazendo gancho com esse depoimento do Zé Henrique, adiciono a essa reflexão a questão dos sentimentos e do primeiro amor, que podem acontecer já na infância. Uma das questões que envolve a complexidade da sexualidade, principalmente nessa fase da vida, é a afetividade e o surgimento dos primeiros afetos. Na época da escola eu tive um grupo inseparável de amigos, sendo dois meninos e uma menina em nosso círculo de amizade, todos brancos e eu o único negro. Me lembro (admitindo aqui uma certa timidez), que eu contava os minutos para a chegada da menina à escola para nos reunirmos sempre numa árvore gigante (chamada Kurt, pois era uma homenagem ao vocalista do Nirvana, banda favorita da nossa amiga), que representava para todos nós ali o nosso ponto de encontro antes de começarem as aulas. No que se refere aos meus sentimentos, diria até que existiu um amor leve e inocente. Lembro-me da admiração e alegria de ter aquele contato diário e amizade com essa garota com quem conversava sobre bandas de rock, que ela adorava. Para mim, o mais marcante foi ter sido o par dela na festa junina da escola, uma espécie de realização que para aquele menino negro magrelinho e de autoestima razoável foi o ponto máximo de alegria e uma das minhas melhores recordações. Embora hoje eu me entenda plenamente como um homem negro homossexual, é interessante pensar em como os meus afetos de modo geral nas relações pessoais se iniciaram. Consigo entender inclusive a questão do que é amor, do que é

sexualidade, do que é atração física, do que é amizade, mas simplesmente entendo o que é o afeto e como ele age em nossas vidas desde sempre e por toda a vida.

A autoestima aflora mais (ou menos) na fase entre a infância e a adolescência, com início também da nossa compreensão de poder ser preterido, reduzido, ser colocado para baixo, e isso começa a desencadear outros sentimentos negativos como a ausência do amor próprio. Estes são apenas alguns dos percalços enfrentados por pessoas negras ao longo da vida, afetando sua construção de identidade.

5.4.3.2 Adolescência

Já na relação da autoestima das pessoas negras na adolescência existem algumas diferenças muito próprias dessa fase. Tanto é que podemos nos perguntar e tentar entender como esses corpos negros são conduzidos e estimulados a construir os seus próprios sentimentos e desejos, como se projetar no mundo, como se dá a relação entre eles para transmitirem e demonstrarem os seus sentimentos para as outras pessoas.

Por ser uma fase que, pessoalmente, me afetou muito em vários sentidos, trago uma memória dessa época que possivelmente foi similar a de muitos outros garotos negros da minha geração e de outras gerações. Me recordo que nessa fase de pré-adolescência e adolescência, para os garotos da primeira fase do novo milênio, era um período de conseguir ter mais autonomia e começar a construir de fato a imagem frente à sociedade, de se afirmar como pessoa, querer mostrar um suposto amadurecimento e até começar a moldar o seu corpo. Pelas limitações da época, obviamente, nossos modelos de referências eram sempre através da televisão, dos filmes, das revistas para adolescentes, além dos próprios amigos e das relações que tínhamos com as outras pessoas.

Nessa fase a autoimagem era um fator quase que determinante para você ser incluído ou não nos grupos de amigos da escola e da rua, enfim, a ideia que se tinha de se encaixar em algum perfil de beleza era uma necessidade real para o adolescente, algo que percebo que não mudou muito mesmo nos dias de hoje.

Nos anos 2000 houve uma febre das chamadas “TekPix - A câmera mais vendida do Brasil” cujo comercial era exibido exaustivamente na televisão, ao ponto de se tornar um equipamento que pelo seu custo-benefício na época se tornou um dos maiores e melhores entretenimentos para um garoto como eu, que adorava fotografia, artes, imagens, tanto que no futuro me graduei em Comunicação Social. Para mim, era uma maravilha poder tirar fotos sozinho, de forma instantânea, direto na tela da câmera digital, baixar no computador ou

imprimir e, se já tivesse condições de acesso, postar as suas próprias fotografias nos primórdios das redes sociais, como o finado “Flogão” (antigo blog para postar fotos e comentários). Levanto aqui a problematização sobre a imagem que tínhamos de nós mesmos. Esses recursos tecnológicos nos faziam pensar muito se estávamos aptos ou não, se estávamos bonitos ou não, se ganharíamos elogios ou não. Já não estávamos mais só naquela relação direta e sem filtro uns com os outros, mas numa relação agora com o seguinte cenário: tínhamos a autonomia de fazermos nossas próprias fotos e tentarmos sempre nos colocar no melhor ângulo possível para termos assim uma validação da nossa própria imagem, da nossa identidade e o efeito disso na nossa autoestima.

Essa época também foi bastante explorada e de formas muito espontâneas pelos nossos participantes nas entrevistas, talvez por ter sido algo marcante também em suas vidas. Para Diego o marco do fim da infância para a adolescência aconteceu já por volta dos 16, 17 anos de idade, e segundo ele foi uma fase feliz em sua vida, mas não totalmente, por algumas situações como nas questões que envolviam os relacionamentos. Diego nos conta que era mais uma questão de autoestima do que medo em si de se relacionar. Em consequência disso ele introjetar na mente

um pouco do que eu achava, que eu acho que eu sou, que eu achava que eu era, e meio que me limitando um pouco mais, meio que ‘cara, beleza eu acho que eu posso ir até aqui, não posso ir até aqui, então eu vou baixar a régua’. Eu começava a me sentir menor, a me sentir menos e tentar viver a partir desse menos. Eu acho que o entendimento de tudo isso só veio depois, mas a princípio eu tentava lidar dessa forma. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Ao revelar esses conflitos, Diego confirma o que muitos homens sentem— a necessidade de camuflar os sentimentos e frustrações —, o que era exacerbado pelo fato de ele ser um homem negro. Assim, ele conta sobre sua luta e determinação para manter a autoestima, ou seja,

erguer a cabeça e não se deixar abalar”, mas caindo na armadilha de “que todas essas coisas estavam me gerando impactos e eu não tinha tanta noção disso. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Nesse ponto, Gabriel conta que começou a se questionar nessa fase da adolescência e buscar as razões de ninguém querer ficar com ele, ou das motivações pelas quais as pessoas riam dele,

porque que era motivo de piada? Porque eu era excluído das coisas? Foi quando a gente começa a se perguntar o ‘porquê’, é porque tem alguma coisa errada”. (GABRIEL, entrevista 04/12/2021)

5.4.4 Tornar-se ou perceber-se negro?

Nessa relação de conexão de identidades e descobrimentos, através de memórias minhas e dos nossos participantes, é imprescindível perguntar: **Quando foi que você se percebeu como negro e o que o levou a essa percepção?** Levando em conta que se trata de uma pesquisa que fala sobre questões raciais e com homens negros, poderia parecer óbvio querer saber algo assim dessas pessoas, mas como venho falando, o assunto é complexo. É algo visto, sentido e significado de maneiras tão distintas de vivências de homens com identidade de gênero, sexualidade, geolocalização, entre outras diferenças que os deixam em perspectivas completamente diferentes e isso, para esta pesquisa, é muito rico e valioso. Dessa forma, é preciso atentar para essas narrativas e como cada um desses homens se descobriu negro e, como a saudosa Neusa Santos Souza diria, é sobre o “**tornar-se negro**”.

A descoberta de ser negra é mais do que constatação do óbvio. (Aliás, o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal depois do trabalho de se descortinar muito véus.) Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA, 2021, p.46)

Nessa questão em especial, auxiliados pelas considerações da grande Neusa Santos Souza, jogamos aos nossos participantes a questão levantamos inicialmente e tivemos percepções ora similares, ora distintas, mas em todas uma vasta gama de atravessamentos que os impactaram de formas positivas e negativas até chegar ao que hoje se percebem e entendem-se enquanto homens negros.

Ao perguntarmos para Gabriel, ele nos conta que entende que seu descobrimento enquanto pessoa negra se passa por duas questões:

Eu acho que a gente primeiro se entende enquanto negro para depois ser qualquer outra coisa. Acho que a gente começa a se entender enquanto pessoa preta quando a gente começa a ter ausência de afeto. (GABRIEL, entrevista 04/12/2021)

O segundo ponto é que ele entende que sendo fruto de um relacionamento interracial e morando numa região onde havia uma concentração muito grande de trabalhadores vindo do sul e sudeste, para Gabriel sua criação e noção de pertencimento era

muito branca, então não me identificava como diferente me via como igual apesar de sempre sentir olhares diferentes, mas eu não entendia. (GABRIEL, entrevista 04/12/2021)

Por outro lado, Diego que é um homem negro retinto, afirma com total convicção:

Eu nunca tive dúvida que eu sou negro, sabe? É impossível pra mim, numa sociedade como a nossa, eu ter alguma dúvida de quem eu sou. Eu nunca tive dúvidas do que eu era ali. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Ele relata que em certo momento em sua vida chegou a ter dúvidas sobre o que de fato significava (historicamente e socialmente) era ser negro, pois de forma inconsciente ele não compreendia o seu significado prático. Ele não entendia as razões por trás de algumas situações de violência que vivia, e não conseguir identificar tais motivações. Porém, o seu entendimento sobre essas e outras questões que convergiram com o seu letramento racial de forma mais efetiva se dá

de uma forma um pouco mais orgânica já na minha vida adulta, por que eu entro na Faculdade de História e eu entro completamente egocêntrico como uma pessoa que achava História do Brasil a coisa mais chata do mundo e adorava a Grécia Antiga e aí eu saio da faculdade com um TCC sobre negritude. (DIEGO, entrevista 11/12/2021)

Já Zé Henrique mesmo dentro de uma família totalmente negra, mas de tonalidades diferentes entre os membros, localiza essa questão de reconhecer-se enquanto negro a partir da diferenciação que sofreu em uma situação com o irmão que era

mais bem quisto nas suas relações sociais enquanto, eu e o outro irmão não éramos. Saber que existia o termo (negro/preto) e saber que o termo era direcionado para mim, mas nunca querer esse termo. Na escola você escuta o 13 de maio como uma coisa maravilhosa, só que ao mesmo tempo vai ver uma novela, alguma coisa de época da escravidão e é tão ruim ser negro. (ZÉ HENRIQUE, entrevista 08/12/2021)

Nosso participante ainda vai mais além e nos conta sobre questão de tomar para si a negritude nessa época era uma questão difícil por conta do que via cotidianamente na TV.

Era traficante, era uma pessoa que tava com um cigarrinho de maconha na mochila e ele era negro, mas a pessoa branca tava com 10 toneladas de cocaína, lotado de cocaína e era estudante de medicina. (ZÉ HENRIQUE, entrevista 08/12/2021)

Nessa fala do participante, conseguimos reafirmar, inclusive, a nossa discussão anterior sobre o enviesamento da mídia ao tratar da imagem do negro com associações negativas.

As formas como são construídas e conduzidas as identidades e autoestimas na infância e adolescência de homens negros, como os participantes desta pesquisa, por vezes geram uma

elevação de sua autoconfiança com a identificação sobre si, sobre ser negro, sobre os relacionamentos e os afetos, mas em outros momentos as circunstâncias e a sociedade como um todo corroboram para que essas diferenças desses homens desde cedo sejam vistas e entendidas, na maioria das vezes, de formas reduzidas e pejorativas. O que acaba por gerar consequências graves no que diz respeito à sua condição emocional e psicológica, com traumas para toda a vida, afinal, são momentos únicos nas suas trajetórias que deixam de existir ou, melhor dizendo, nem ao menos têm a chance de existir.

5.4.5 Amizade

5.4.5.1 As redes de amigos para a (re)construção da autoestima

A amizade é uma das principais fontes de manutenção da autoestima de uma pessoa. Nesse sentido, são importantes as redes de amigos, assim como os espaços e lugares seguros de lazer, entretenimento, conforto, ou seja, ambientes onde as pessoas possam ser elas mesmas, falar sobre os seus assuntos, interagir com outros e construir novas amizades.

Existem lugares que não são necessariamente exclusivos para os homens, mas que são tradicionalmente dominados por eles, como o futebol (de campinho ou estádio) e a barbearia. Esses dois exemplos muitas vezes podem estar relacionados, principalmente, com as periferias e bairros mais humildes, onde se tem uma maior concentração de pessoas negras, e isso diz muita coisa. São nesses espaços que os homens conseguem explorar sua negritude, sua autoimagem, sua autoestima. A barbearia⁵⁷, por exemplo, é um dos ambientes onde as masculinidades negras podem se sentir à vontade para conversar sobre suas vidas, fazer o cabelo, fazer a barba, conversar sobre a vida pessoal, sobre assuntos cotidianos, sobre as suas famílias, suas próprias amizades, suas dores, ao mesmo tempo em que estão cuidando da própria aparência e, logo, sua autoestima. É importante frisar que, embora seja um local onde o principal objetivo é cuidar da aparência, nesses espaços ainda se promovem falas machistas, racistas e homofóbicas. Mas é preciso ponderar que, apesar disso, nas barbearias muitos jovens e adultos conseguem construir relações com outros homens, ver surgir novas gerações de masculinidades.

⁵⁷ Sugiro conferir o episódio “Barba, cabelo e... autoestima! Como a barbearia empodera pretos pelo Brasil” realizado em parceria pelos portais Yahoo! e Alma Preta. Disponível em: https://esportes.yahoo.com/noticias/melanina-episodio-barbearia-070058966.html?soc_src=social-sh&soc_trk=tw&tsrc=twtr. Acesso em: 19.ago.22

O futebol⁵⁸, assim como o exemplo anterior, também é uma das maiores expressões para falar sobre as masculinidades, que está na raiz cultural do Brasil. Entre uma das particularidades que mais podemos nos atentar sobre o futebol é o seu poder de promover, dentro do possível, a conexão (por pelo menos os 90 minutos de jogo) entre diferentes gerações, raças, nacionalidades, idades etc. Mas, assim como observamos anteriormente, também é importante pontuar o lado problemático desses espaços que ainda são majoritariamente ocupados por homens, dando até a impressão que são ambientes exclusivamente héteros e masculinos. Assim como em vários outros esportes, é extremamente preocupante a relação que existe com o racismo, a homofobia e a transfobia ainda nos dias de hoje.

Figura 8: 1º jogador negro a se assumir gay no futebol inglês



Fonte: Twitter (2020)

Trazemos o caso acima para ilustrar a relação entre racismo e homofobia no futebol, algo ainda pouco debatido, mas uma realidade que precisa ser considerada para evitar maiores

⁵⁸ Sugiro conferir o episódio “Vidas salvas e poder para a autoestima: o futebol de várzea é preto” realizado em parceria pelos portais Yahoo! e Alma Preta. Disponível em: https://br.noticias.yahoo.com/melanina-episodio-futebol-070044759.html?soc_src=social-sh&soc_trk=tw&tsrc=twtr. Acesso em: 19.ago.22

opressões ou atitudes irreversíveis, como o suicídio do jogador Justin Fashanu. Nessa linha, como confere Pacheco (2014),

Nunca é demais enfatizar que as relações homoafetivas na esfera dos esportes são marcadas por um profundo silêncio e demasiada ambiguidade. Sabe-se que elas existem, mas raro são os casos que se tornam públicos. Em especial no futebol os relatos ligados a homoafetividade e homoerotismo são utilizados através da ironia ou, geralmente pelos torcedores, para desqualificar, denegrir e provocar os jogadores e torcedores do time adversário (PACHECO, 2014, p.1)

Dos pontos problemáticos que podemos elencar está o que mais chama atenção, que é o racismo presente nesses ambientes, por mais contraditório que possa parecer. O futebol no Brasil é composto em sua maioria por jogadores negros, muitos deles vindos de comunidades e regiões extremamente marginalizadas, mas que veem no futebol um mecanismo de ascensão social, algo que é completamente válido e até louvável. Aliás, são inúmeros os exemplos de jogadores negros que se tornaram ídolos e símbolos de uma representação positiva para crianças negras por todo o país. Por outro lado, é até difícil compreender inúmeros casos de torcedores e torcidas extremamente racistas, que usam do menor deslize dos jogadores dentro e fora de campo para expor comentários e atitudes completamente criminosas. São incontáveis os casos em que jogadores são chamados de macacos, bananas são jogadas aos atletas nos estádios, simulações no sentido pejorativo desses jogadores negros como gorilas, entre outros tantos crimes ao longo da história do futebol. Aqui faço questão de frisar que se trata de crimes, pois de fato são, e esta é uma questão que o futebol em todo o mundo ainda carece resolver.

As masculinidades, assim como seus espaços “exclusivos” de execução e contemplação, estão mudando em vários sentidos, ainda que a passos muito lentos. Já existem, por exemplo, embora poucos, campeonatos de futebol LGBTQIA+, tornando esses ambientes mais inclusivos e menos machistas, e consoante às novas realidades e demandas sociais, o que inclui a transformação desses espaços em locais mais disponíveis e acolhedores a todos⁵⁹. Um dos exemplos mais interessantes nesse sentido é o caso do Raphael Henrique Martins, fundador do primeiro time de futebol para homens transexuais.

Foi quando comecei a conhecer o universo trans e comecei a questionar por que, no espaço onde eu trabalhava, não frequentavam homens transexuais. A partir daí, eu e Moira (psicóloga da época) começamos a fazer pesquisas nas redes sociais e, conversando com os meninos, surgiu a demanda de um espaço em que eles se sentissem confortáveis. Sendo assim, veio a ideia do futebol, algo que eu já gostava e que casou com a demanda de alguns meninos de praticar algum esporte. Nesse

⁵⁹ Sugiro a entrevista realizada pelo Globo Esporte (GE) no videocast “Experiência: “Ser gay num espaço de futebol não era bem-vista”, conta William de Lucca” Disponível em: <https://ge.globo.com/video/experiencia-ser-gay-num-espaco-de-futebol-nao-era-bem-vista-conta-william-de-lucca-10720067.ghtml>. Acesso em 16.nov.22

caso, eu e Moira marcamos um Encontro com Futebol no Parque da Juventude para Homens Transexuais. Assim, no dia 28 de agosto de 2016, nascia os Meninos Bons de Bola (MBB). (MARTINS, 2021, p.122)

Assim como os exemplos do futebol e da barbearia, existem variados espaços importantes e necessários que promovem acolhimento e reflexões sobre a vida. Existem os grupos de homens negros, por exemplo, que em rodas de conversa se articulam presencial e virtualmente para falar das novas formas de ser homem em nossa sociedade. Os coletivos se originam de muitas formas, surgindo dentro das universidades, em rodas de amigos e chegando a compor grupos temáticos dentro de grandes organizações que visam criar espaços de articulação entre os homens e suas realidades. Há grupos diversos buscando contemplar as várias masculinidades, e também comunidades específicas para articular as masculinidades negras, grupos para as paternidades negras, e outros, que se entendem como quilombos virtuais

Sem dúvidas, há muitos outros coletivos negros nesses segmentos. Alguns dos mais populares que tenho conhecimento são o “Projeto Memoh” e o “Papo de Homem”, nas discussões mais gerais sobre a vida dos homens. Há também o “MilTons Masculinidades”, grupo do sul do país dedicado especialmente aos homens negros. E ainda existem os grupos sobre as paternidades negras, como o “Coletivo Pais Pretos Presentes”, “Grupo Ciranda dos Pais Pretos” e o “Grupo Paternidade Preta” (organizados no aplicativo WhatsApp).

5.4.6 Afeto

5.4.6.1. O afeto nas relações amorosas

“Quantas vezes você já foi amado?” Esta é a pergunta título do álbum de Baco Exu do Blues, cantor negro retinto baiano, surgida da inspiração advinda das músicas desse disco. O *rapper* Baco se difere e busca se distanciar de todos os estereótipos de homem negro como ele que circulam na nossa sociedade. Ele é um ser humano que inspira, e me inspirou nas reflexões que seguem.

O amor, como comumente o entendemos, mais relacionado ao amor romântico, é como a Constituição, lindo na teoria, mas difícil na prática. Especialmente na realidade brasileira, o amor, o afeto e a afetividade, para as mulheres e homens pretos, são um grande desafio, dada a realidade de exclusão, mas também de objetificação desses corpos. Nesse contexto, tomando especificamente a realidade de homens negros, sejam eles héteros, gays,

bi, trans, não binários, entre outras identidades de gênero, cabe bem o refrão da música de Caetano Veloso lindamente interpretada pela já saudosa Gal Costa: “É preciso estar atento e forte. Não temos tempo de temer a morte”. Assim, mesmo diante de todos os desafios e violências que nós, homens e mulheres pretos enfrentamos todo dia, ainda assim temos que acreditar e lutar pelo direito de amar e ser amado, de manifestar nossos afetos da forma que nos sentirmos bem, afinal, tenho a convicção de que o afeto é o que nos guia, o afeto é o que nos move.

Ainda inspirado pela provocação de Baco do Blues, me vem a pergunta: “*Você se lembra quantos/as amigos/as pretos/as, quantos companheiros/as pretos/as, namorados/as pretos/as você já teve ao longo da vida?*” Essa é uma pergunta daquelas que não precisam de resposta imediata; ela é proposta para que possamos sentir e refletir sobre a velha questão: “*O amor tem cor?*”

Sinceramente, acredito que sim, na realidade brasileira, o amor realmente tem cor, e posso assegurar que a cor do amor quase sempre não é preta. Essa constatação vem desde o período colonial, quando mulheres e homens escravizados não tinham a mínima possibilidade de se relacionar, de constituir família, de viver as relações afetivas como qualquer outra pessoa, de forma digna. Os negros escravizados serviam apenas para o trabalho braçal e como reprodutores de novos corpos a serem escravizados. Às mulheres restavam as funções de “gestadoras” e serviçais (inclusive sexuais) e nem ao menos o direito de criar seus filhos lhe foi permitida por certo tempo. Ainda tentaram introjetar uma ideia de miscigenação como forma de embranquecer o povo brasileiro e ao longo do tempo os negros iriam “sumindo” do cenário nacional. Mesmo depois da lei que aboliu a escravidão no Brasil, a sociedade continuou negando aos antigos negros escravizados e seus descendentes, o estudo, o trabalho, a moradia; mas lhes deixaram como herança estereótipos, estigmas e desigualdades sociais que foram as maiores contribuições do branco ao negro nesse período imundo da história do Brasil. Ainda conseguiram plantar as sementes do desamor, ao nos fazer odiar a cor da nossa pele, o nosso cabelo, o formato do nosso nariz. Todo o nosso corpo foi redesenhado para os piores rabiscos que até o pior artista conseguiria desenvolver. Hoje em dia, podemos dizer que essa realidade avançou muito, porém, como viemos discutindo neste trabalho, a gente preta ainda é vista por grande parte da sociedade, como objeto sexual, força de trabalho, e não como pessoas a serem respeitadas e amadas. Assim, as pessoas pretas têm dificuldade até mesmo de se amarem, pois ao longo da vida a imagem de si projetada na sociedade nunca foi positiva, o que abalou completamente a sua autoestima e minou a sua vontade de amar e de ser amado, e até de existir.

Mais uma questão nos interpela: quantos casais negros famosos, referências de relacionamentos entre duas pessoas pretas e bem sucedidas no amor e no trabalho existem em nosso país? A impressão é de que só existem os atores Lázaro Ramos e Taís Araújo, como o exemplo máximo que nos vem à lembrança. Já no meio LGBTQIA+, aparecem o advogado, professor e colunista Thiago Amparo e seu marido Leonardo Brito. Na contramão dessa realidade, são muito comuns casos de profissionais de destaque negros, principalmente jogadores de futebol e cantores de funk, se relacionando com pessoas brancas, loiras, de traços europeus. O ponto que queremos chegar é se é possível existir amor e afeto entre duas pessoas pretas, mesmo diante de todo o cenário que falamos acima, da construção identitária histórica que nos levou a rejeitar a nossa própria ancestralidade. E pesa mais ainda quando pensamos nos relacionamentos de pessoas LGBTQIA+ que são atravessados por essas e questões. Exemplo disso é a relata Gabriel, falando de seu relacionamento afrocentrado e gay

você está lidando com pessoas que não têm o mesmo poder que você. Na verdade vocês dois são atravessados pelo racismo, então fica tipo de igual para igual. Ao mesmo tempo que é muito complicado de se relacionar com pessoa preta porque você não se relaciona só com a pessoa, você se relaciona com o passado dela, você se relaciona com os atravessamentos dela, você se relaciona com as doenças social que acabou adquirindo por conta do próprio racismo, que são as mesmas que as suas. (GABRIEL, entrevista 04/12/2021)

Ainda segundo Gabriel, por estar namorando um homem preto, é possível compreender que parte das questões que ele sofre, que ele fala, são por causa do próprio racismo.

Falar sobre o amor e a afetividade também é falar sobre relações saudáveis. É preciso propor e se abrir a perspectivas outras de ser negro em uma nova dimensão, onde nós possamos construir e fazer uma reconexão de pessoas negras umas com as outras, buscar entre essas pessoas pretas um relacionamento saudável. Além disso, é preciso voltar a ver beleza onde antes não havia e nem se via potencial de se relacionar, de se fortalecer em suas negritudes e suas próprias identidades.

Figura 9: Reaja a violência racial: “Beije sua preta em praça pública” (Autor Ori)



Fonte: Jornal do MNU (Movimento Negro Unificado) (1991)

Esta foto emblemática representa a resistência de anos de violência e submissão em todo o tempo e espaço que existe na vida de pessoas pretas, então é mais do que uma obrigação fazer do amor o seu maior manifesto. Assim, beije a sua preta em praça pública, e também o seu preto, as pessoas pretas que amam e querem ser amados de forma plena.

A foto de capa do Jornal do MNU (Movimento Negro Unificado) com esse manifesto escrito por Ori significa muita coisa. Ela diz muita coisa além de só mais um beijo entre duas pessoas pretas, que aqui são um homem e uma mulher de pele retinta, em praça pública, demonstrando afeto. Quer dizer para essas pessoas que elas são dignas de amor, que elas podem amar e ter uma família.

Para além de uma foto e legenda históricas, ela é uma verdadeira crítica social. Uma crítica à sociedade em que sempre existiram pessoas pretas, seja na música, seja na dança, seja no *rap*, no funk, nas artes, no teatro, na novela, na televisão, no cinema, mas que ‘escondeu’ e ainda ‘esconde’ seus homens e suas mulheres pretas, negando-lhes o direito até mesmo de manifestar seus afetos publicamente.

5.4.6.2 O afeto nos ambientes virtuais

Hoje em dia é quase impossível alguém que nunca usou um aplicativo de relacionamento do tipo *Tinder* e *Grindr*, ou mesmo os mais antigos como o “Badoo” ou “Par Perfeito”, enfim, todos esses recursos tecnológicos de conectar duas pessoas que almejam se conhecer e dali formar amizade, fazer sexo ou até construir um relacionamento. As tecnologias, nesse sentido, realmente conseguiram aproximar as pessoas e promover encontros.

Através dos chamados algoritmos – que são mecanismos virtuais de conexão de dados e informações –, as plataformas digitais “escolhem” as pessoas que possam interessar determinado usuário, a partir da análise de seus hábitos de consumo, seus interesses no sites de busca, etc. O lado problemático disso é que os algoritmos, embora não sejam racistas por essência, são administrados por pessoas que reproduzem lógicas racistas nesses ambientes tecnológicos. Assim, esses recursos podem fortalecer e fomentar diferentes formas de racismo ao estabelecer padrões e determinar escolhas com base na cultura hegemônica da sociedade

Uma das questões que também são problemáticas em relação aos aplicativos é a busca por um perfil ideal de pessoa, como se houvesse uma fórmula aritmética mágica e infalível para essa escolha. Nessa relação também é problemática a dinâmica de exclusão de corpos negros nos *matches* sugeridos. Muitos sites de relacionamento utilizam filtros em relação à etnia e outros marcadores, como homens pretos, gays, bi, gordos, mais velhos, por cidades, entre outros filtros, o que pode limitar as pessoas de conhecerem outros perfis e possibilidades afetivas.

Por outro lado, existem redes e aplicativos voltados não exclusivamente, mas principalmente, para relacionamentos entre pessoas negras, como o “Afrodengo”, que foi uma das primeiras comunidades criadas no Facebook e conta com mais de 50 mil pessoas que utilizam a rede em busca de relacionamentos com outras pessoas pretas. Além dele, foi criado por pessoas negras e pensando majoritariamente em atingir essas pessoas, o aplicativo “Dengalove”. Lançado próximo do fim do ano de 2022, o app já somou mais de 40 mil usuários apenas no primeiro mês em atividade. De acordo com o próprio site, uma das suas premissas é ser um aplicativo que consiga sanar vários problemas encontrados em outros aplicativos tradicionais de relacionamentos, propondo-se a ser um espaço saudável e seguro de contato entre essas pessoas com conexões reais. E mais do que isso, buscar e fortalecer a ideia de pertencimento e de cura do amor preto.

5.4.6.3 Breves considerações sobre a análise

Este capítulo foi concluído falando de amor, propositalmente. Eu quis guiar as nossas discussões começando de forma mais séria e dura ao trazer o tema da violência que afeta as vidas das pessoas negras de diferentes formas e intensidades, o que representa um fator extremamente crucial na balança de vida e morte, no passado e ainda no presente dessas pessoas. A ideia foi mostrar como os homens negros, assim como as vidas negras em geral, iniciam numa constância de dor e violência que muitas vezes parece ser a única via a percorrer, mas ao contrário do que as várias estatísticas nos mostram, nesse caminho ainda cabem amor e afetividade.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Fé pra quem é forte
Fé pra quem é foda
Fé pra quem não foge a luta
Fé pra quem não perde o foco
Fé pra enfrentar esses filha da puta
Fé no proceder, na luta e na lida
Enquanto a gente não conquista
Segue em frente firme que a nossa firma é forte
Fé (IZA)

Afinal, o que é ser homem negro?

Quando nos perguntam, a nós, negros ou brancos, ainda na infância, o que queremos ser quando crescermos, geralmente damos respostas rápidas e prontas como: “eu quero ser médico”, “eu quero ser astronauta” ou “eu quero ser jogador de futebol”, etc. Os sonhos projetados por essas crianças passam por transformações ao longo da vida, mas que começam ainda na infância. Suas vivências, experiências, influências internas e externas, como a família, os amigos, a escola, a televisão, a internet, a sociedade e seus modelos de referências de vida, constroem e reconstroem a forma como elas deverão agir, seguir e até mesmo sonhar.

O ponto de partida das nossas conclusões transitórias é refletir, antes de tudo, sobre o que é ser humano, o que nos faz ou não humanos antes de qualquer outra condição. Esses homens – aqui chamados de sujeitos da pesquisa – que conhecemos e que nos ajudaram a pensar questões cruciais para compreender a realidade de homens negros no Brasil, no fundo só querem mesmo a sua garantia de humanidade, algo que na teoria é simples, mas na prática é muito mais difícil do que parece.

A condição de ser humano, aquele que detém a humanidade, a inteligência, a inquestionável e completa existência, é, muitas vezes, restrita apenas ao homem branco, ou seja, o modelo hegemônico, o modelo moral e ético a ser seguido e atingido. Os demais seres humanos que fogem a esse modelo são tratados e classificados como criaturas inferiores, não civilizadas, anormais, transgressoras etc.

Nos primórdios do Brasil as identidades das pessoas negras perante a sociedade eram expostas em periódicos e panfletos de compra e venda, com descrições sobre seus corpos, suas habilidades, sua força de trabalho, seu vigor físico, sua capacidade reprodutiva, entre

outros atributos que pudessem chamar a atenção de compradores potenciais. Ou seja, os corpos negros eram ‘anunciados’ e ‘vendidos’ como mercadoria. Séculos depois, o que vemos hoje, nos perfis das redes sociais, não difere muito daquele passado, com a ressalva de que quem ‘se vende’ ou ‘vende a sua imagem’ é o próprio usuário, e não deu ‘dono’ ou ‘senhor’, além, claro, da plataforma ser outra, mais moderna e abrangente. Nessa perspectiva, Silvio de Almeida considera que:

As referências a “bestialidade” e “ferocidade” demonstram como a associação entre seres humanos de determinadas culturas, incluindo suas características físicas, e animais ou mesmo insetos é uma tônica muito comum do racismo e, portanto, do processo de desumanização que antecede práticas discriminatórias ou genocidas até os dias de hoje. (ALMEIDA, 2020, p.29)

Nesse gancho sobre como se dava a relação de associação do negro como animal e não um humano, nos permite visualizar o que a sociedade compreendia então como o humano de verdade e, obviamente, o também promovedor desses discursos sobre os negros. Mostra a face do homem branco, rico, hétero, religioso (pelo menos até a porta da igreja), que junto a outros de seus semelhantes, também homens brancos, faziam entre si os acordos, os laços simbólicos, os pactos da branquitude em busca de sua autopreservação.

Além disso, enquanto seres superiores em relação aos demais, incluía-se nessa dinâmica a manutenção de poder sobre suas próprias mulheres/esposas, através do machismo, da masculinidade na sua forma mais tóxica possível e promovendo sempre a estabilidade de forma rígida na sua crença pelo bem, pela moral e pelos bons costumes. Não à toa, os homens brancos faziam uso até de uma imaginação fértil e imoral para definir quem seriam os subalternos nas relações sociais, e neste caso os povos negros (e isso inclui os indígenas) que foram colocados na condição de mais um objeto de luxo, ou seria melhor dizer, para a luxúria da elite branca brasileira.

O que descobrimos é que desde o período colonial em nosso país os corpos negros sempre foram usados para a força braçal e para o sexo, seja em maior ou menor grau, seja para homens ou mulheres, mas era o corpo que tinha uma única utilidade, a de servir, ora como mercadoria para o trabalho, ora como objeto para o prazer.

Sendo este corpo negro visto e usado para esses fins, era preciso difundir desde as raízes todo tipo de palavra, suposição, fantasia ou qualquer outra forma de discurso que fizesse com que ficassem bem definidos os limites e a linha de separação uns dos outros. Esta não foi tarefa fácil, visto que, ao longo do tempo, a sociedade ia evoluindo por um lado e se

conservando por outro, e era preciso entender o que era o Brasil e o que se poderia fazer para melhorar e desenvolver a nação. Assim como naquela famosa pintura “A Redenção de Cam”, o Brasil não sabia que era o Brasil, mas queria ser algo que só se via na Europa até então. Uma das soluções encontradas foi fazer com o que o preto se tornasse branco e o branco apenas se tornasse mais branco, o que em outras palavras significaria mais rico, às custas, claro, do trabalho de escravizados ou ex-escravizados. Foi tentada a miscigenação entre os povos, foi tentada a limitação de ir e vir do povo negro, seja na educação, na moradia ou mesmo no sustento, afinal, estamos até hoje em um mundo capitalista, mas em todas essas tentativas muito práticas, inclusive, o povo negro ainda continuava a existir e resistir na medida do possível.

Na ordem social escravocrata, a representação do negro como socialmente inferior correspondia a uma situação de fato. Entretanto, a desagregação dessa ordem econômica e social e sua substituição pela sociedade capitalista tornou tal representação obsoleta. A espoliação social que se mantém para além da Abolição busca, então, novos elementos que lhe permitam justificar-se. E todo um dispositivo de atribuições qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social. (SOUZA, 2021, p.48)

Enquanto isso, o tempo ia passando e os estereótipos iam cada vez mais se naturalizando e sendo fixados nas mentes do coletivo, como aquela máxima de que uma mentira contada mil vezes se torna verdade. Buscamos refletir sobre os possíveis resquícios de colonialidade referentes ao corpo do homem negro que são expressos hoje em representações diversas nas redes sociais. E nessa relação percebemos que à medida que o mundo ia evoluindo, as formas de ver o mundo e nos vermos no mundo também se modificaram. O que antes era transmitido por meio de livros, jornais escritos, panfletos, cartazes fixados em postes e muros, passou a ser veiculado no rádio, depois na televisão, e, por fim, na internet acessada em computadores, laptops e, mais recentemente, em aparelhos celulares. As ‘verdades’ sobre nós, negros, agora são disseminadas por meios eletrônicos, os quais, assim como os veículos de comunicação tradicionais, continuam dominados por grupos hegemônicos e países dominantes no cenário mundial. Ou seja, mais uma vez a nossa imagem continua sob controle.

Dizem que vivemos na era das *fake news* e é verdade. Porém, nós, povo negro, e nossos antepassados, convivemos com ‘verdades falsas’ sobre nós, nossos corpos, nossas mentes, nossa história, desde sempre. Como vimos na “Tríade dos homens negros”, essa população sofre as violências desde a colônia, as objetificações de seus corpos ocorrem em todos os tempos, sua condição de seres subhumanos perdura ao longo dos séculos.

O psiquiatra e filósofo martinicano Franz Fanon (1925-1961) problematiza o modelo ideal de humano em sua obra “Pele negra, máscaras brancas”, que serve de referência para discutir as questões étnico-raciais desde a década de 50 até os dias de hoje, mostrando como o assunto ainda não foi superado, principalmente por conta das camadas que moldam o homem negro, que são as camadas projetadas pelo outro, não por ele mesmo. Este indivíduo, entretanto, além de ser um homem, é um homem negro, uma subcategoria que o desumaniza. Neste sentido, portanto, antes de se perceber como humano, como homem, este indivíduo é informado de sua negritude, de sua cor e da sentença que carregará para o restante de sua vida.

Um dia quiseram nos dividir entre um lado e outro, nos fazer crer numa ideia de raça, que existiriam nas raças distintas as boas e ruins, em um nítido intuito de hierarquizar as pessoas entre inferiores e subordinados, colocando-se o homem branco automaticamente como o ser superior e dominador nas relações de poder. Nesse sentido, concordamos com a ideia simples e direta de Souza (2021):

Convém explicitar que raça aqui é entendida como noção ideológica, engendrada como critério social para distribuição de posição na estrutura de classes. Apesar de estar fundamentada em qualidades biológicas, principalmente a cor da pele, raça sempre foi definida no Brasil em termos de atributo compartilhado por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, mesmo contingente de prestígio e mesmo na bagagem de valores culturais. (SOUZA, 2021, p.48)

Nesse sentido, quando falamos do que é ser homem negro em nossa sociedade estamos falando além da condição de ser homem, de ser fruto do patriarcado, estamos falando do que vem junto a essa correspondência, por isso o Movimento Negro no Brasil se apropriou desse conceito de raça e o ressignificou de maneira política, construindo uma nova noção de identidade e pertencimento. Certamente tal apropriação desencadeou outras demandas e lutas, principalmente os movimentos feminista e LGBTQIA+. Esses movimentos articulados e interseccionalizados têm ressignificado e fortalecido as lutas e enfrentado os desafios.

Buscamos identificar e analisar os mais comuns e diferentes discursos de estereótipos e representações dos corpos dos homens negros nas mídias e nas redes da atualidade, para assim conseguirmos saber: ser ou não ser um homem negro, em meio às adversidades e armadilhas impostas diariamente nas relações sociais. Em um país estruturalmente racista e que possui uma grande dificuldade de reconhecer-se assim, dificultando ainda mais o reconhecimento pela alteridade e sua própria identidade, concebido por sistemas coloniais, logo patriarcais, onde o machismo ainda está enraizado, mesmo com as novas gerações construindo novas narrativas, nos perguntamos se realmente vale a pena ser um homem negro

neste país. Então, dentre outros objetivos que não se restringiam aos já elencados no início da pesquisa, buscamos compreender melhor como eram de fato a vida real dos homens negros, saindo das bolhas ou dos contatos com pessoas já próximas de nós, e assim ter uma noção mais ampla sobre as suas masculinidades.

Trouxemos ao centro do nosso trabalho narrativas e histórias de vida de homens negros incríveis e plurais, pelo perfil de masculinidade que cada um deles conseguiu construir da infância até a fase adulta. Foram narrativas, reflexões e análises que superaram as minhas próprias expectativas sobre me conectar com outros homens enquanto pesquisador. Formamos um grupo de 4 homens negros com idades praticamente iguais, mas de regiões, formações, tonalidades de pele e traços diferentes, que conseguiram se comunicar e trocar experiências em comum e as que nos tornavam pessoas únicas. Ouvir o outro olhando nos olhos (ainda que em ambiente virtual) e sentir as emoções na sua voz, vê-lo expor praticamente toda a sua trajetória de vida realmente foi algo potente.

A resposta à nossa questão “Afinal, o que é ser homem negro?” não é fácil, mesmo depois de discutir a temática, pois, se além de ser um homem, esse ser, que apenas busca sua humanidade e dignidade, é um homem negro, torna-se desafiador se desamarrar das construções inferiorizadoras que nos levam a ser quem somos, mas que talvez não seja o que desejamos genuinamente ser. Por fim, ser ou não ser negro é, hoje, uma questão política, é uma questão de reconhecimento, de representação e representatividade, é uma luta, é uma sobrevivência, é uma ousadia contra todo um sistema opressor. Ser negro então se faz valer pelo simples fato de ser humano.

Concluindo, por enquanto, acredito que vale a pena ser um homem negro, pois vale a pena ter fé, ter crença, ter esperança que são possíveis outras e novas formas de se pensar, e mais do que isso, de se identificar, de se reconhecer e, acima de tudo, seguir com a plenitude e amplitude do simples verbo: Amar.

Poema: Versos de Nossa História (de minha autoria)

1... 2... 3... mais um negro que partiu...
4... 5 mil injustiças no Brasil...
7... 8... 9... somos tantos sem vitória...
10... 11... 12... só queremos vida agora...
Finalmente ele chegou, dia 13 nos salvou...
Hoje é dia de alegria, conquistamos alforria...

Liberdade conquistada, mas só vista em uma carta...
Nossa nobre Isabel “libertou-nos” no papel...
Mas o que fazer agora para ter o mundo à fora?
Passei sede, passei fome, senti frio e humilhação...
Sou mais um que está livre, e só recebe ingratidão...
Essa cor que me difere, infelizmente só me fere...
Sinto dor de quem passou, por momentos de horror...
Hoje somos diferentes, temos chances de ir pra frente...
Temos leis que nos ajudam, a mudar o que se mente...
De que negros são bandidos, os errados e ruins...
De que não somos capazes e só teremos um fim
Hoje temos campeões, desde artista à atleta...
Conquistando o seu espaço, com esforço e com meta...
Não será fácil assim, mudar tudo de uma vez...
Mas pensemos em conjunto, somos filhos de um só Deus...
Somos como todo mundo, com mil sonhos pra viver...
Temos raça e atitude e alegria pra vencer...

REFERÊNCIAS

- ALEXINO, Ricardo. Presença do negro na mídia é marcada pelo preconceito, in Reportagens O Brasil Negro, 2003. Disponível em: < <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/negros/08.shtml>>. Acesso em: 20 jun 2020.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo. Editora Jandaíra, 2020.
- AZEVEDO, Aluísio, 1857-1913. O Mulato / Aluísio Azevedo. - 2ª Ed.. – São Paulo: Martin Claret, 2010. Coleção a obra-prima de cada autor; p.114.
- BALTAR, Humberto; RAMOS, Luciano. A educação familiar: Pensando as masculinidades para chegar às paternidades. In: INSTITUTO PROMUNDO. Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil [livro eletrônico] / Instituto Promundo. — Brasília, DF: Instituto Promundo, 2021, p.134
- BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.). Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas. São Paulo: Parábola, 2018. 224p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra : uma política para o SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. – 3. ed. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2017
- BENTO, Cida. O pacto da branquitude / Cida Bento. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022
- BRESSER PEREIRA, L. C. Relendo Casa-Grande & Senzala (2000). Disponível em: <<https://livrozilla.com/doc/894159/relendo-casa-grande-and-senzala>> Acesso em: 14 fev. 2022.
- BOLA, JJ. Seja homem: a masculinidade desmascarada / JJ Bola; trad. Rafael Spuldar. – Porto Alegre: Dublinense. 2020.
- BUTLER, Judith. Corpos que importam / Judith Butler ; tradução de Veronica Daminelli, Daniel Yago Françoli. - São Paulo: n-1º ed.; Crocodilo Edições, 2019.
- CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias / Patrick Charaudeau; tradução Angela M. S, Corrêa. 2. ed., 2º reimpressão, — São Paulo: Contexto, 2013
- CÉSAR, Caio. Hipersexualização, autoestima e relacionamento inter-racial. In: RESTIER, Henrique, SOUZA, Rolf Malungo de (Orgs.). Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 53-76.
- COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento / Patrícia Hill Collins; tradução Jamille Pinheiro Dias. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé W. (2002). “Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero”. Estudos Feministas, ano 10, nº 1/2002, pp. 171-188.

Dalgalarrondo, Paulo. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais [recurso eletrônico] / Paulo Dalgalarrondo. – 2. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2008.

DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Coleção Feminismos Plurais).

DESLANDES, Suely Ferreira Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 26. ed. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DJOKIC, Aline. Colorismo, o que é, como funciona. Blogueiras Negras. Disponível em <<http://blogueirasnegras.org/colorismo-o-que-e-como-funciona>> Acesso em 4 fev. 2022.

ERIBON, Didier. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO (NKOSI), D. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. 217 In: Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher / organização Eva Alterman Blay. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

FLICK, Uwe, Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; São Paulo: Bookman, 2009.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala, 51ª edição. Global Editora. 2006.

FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. IN: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília, Anais... Brasília, UNB, 2006.

FRIEDMAN, David M. Uma mente própria: história cultural do pênis. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso; tradução de Laura Fraga. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Os anormais. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GAMBETTA ABELLA, Leticia Beatriz. Redes Sociais e Empoderamento Cidadão/Leticia Beatriz Gambetta Abella - 1. ed. - eBook - Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

GEMAA. Jornalismo brasileiro: gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais do país, Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas. 06/05/2016. Disponível em:

<<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais/>>. Acesso: 10.dez.22

GOFFMAN, Erving. (1988) Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOMES, Nilma Limo. (2002) A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, Vozes. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antonio Flávio, CANDAU, Vera Maria (Orgs). Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.

GONÇALVES, Ana Maria. O Corpo: da Literatura à Psique. Youtube, 2017. Disponível em <<https://youtu.be/dWeyp7uNeEA?t=1673>>. Acesso em: 27 jan. 2022

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica (2004). Antropologia em Primeira Mão, v. 75, p. 1-37. Disponível em: <<https://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar3.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

HALA, Théo. Gênese de mim. In: SANTANA, Bruno, PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto, (Orgs.) Transmasculinidades negras: narrativas plurais em primeira pessoa. 1. ed. – São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021, p.39-59

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Apicuri, 2016.

hooks, bell. Olhares negros: raça e representação / bell hooks; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 346p.

INSTITUTO PROMUNDO. Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil [livro eletrônico] / Instituto Promundo. — Brasília, DF: Instituto Promundo, 2021.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998

LIMA, Daniel Costa, RAMOS, Luciano. Que horizonte se apresenta às paternidades negras? In: INSTITUTO PROMUNDO. Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil [livro eletrônico] / Instituto Promundo. — Brasília, DF: Instituto Promundo, 2021, p.13

LIMA, Miriam. Elza Soares, a roupa de alfinetes e o planeta fome, Mirian Lima - Imagem, Estilo e Autoconhecimento, 25/01/2022. Disponível em: <<https://miriamlima.com.br/imagem-e-roupa/elza-soares-o-emblematico-look-de-alfinetes-do-planeta-fome/>>. Acesso em: Acesso em: 11. ago. 22

LOSCHI, Marília. Taxa de homicídio de pretos ou pardos é quase três vezes maior que a de brancos, Agência IBGE de Notícias, 13/11/2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25999-taxa-de-homicidio-de-pretos-ou-pardos-e-quase-tres-vezes-maior-que-a-de-brancos>>. Acesso em: Acesso em: 13. nov. 22

MACIEL, Maria Eunice. Eugenia no Brasil. Porto Alegre, n. 11, p. 121-143, jun. 1999.

Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31532/000297021.pdf?sequence=1>>.

Acesso em: 25/07/2020.

MARTINS, Raphael. Meninos bons de bola. In: SANTANA, Bruno, PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto, (Orgs.) Transmasculinidades negras: narrativas plurais em primeira pessoa. 1. ed. – São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021, p.119-123

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra / Kabengele Munanga. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MUNDO NEGRO. <<https://mundonegro.inf.br/marte-um-e-fruto-das-primeiras-acoes-afirmativas-no-cinema-brasileiro/>> Acesso em: 20.out.22

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. Estudos Avançados [online]. 2004, v. 18, n. 50 [Acessado 11 Fevereiro 2022] , p. 57-60. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100006>>. Epub 08 Ago 2008.

OSÓRIO, Andy Monroy. Corra, homem negro! Uma Análise de Discurso Crítica da constituição discursiva de masculinidades negras e estereótipos racistas no filme Get Out (2017) [recurso eletrônico] / Andy Monroy Osório. - 2021

PACHECO, Leonardo Turchi. Futebol, masculinidade e a “amizade sem limites”. *Ponto Urbe*[Online], 14 | 2014, posto online no dia 31 julho 2014, consultado o 20 janeiro 2023. URL: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1450>>

PANAMBY, Elton. Transpaternidade (ou como nos re-parimos no meio das tempestades). In: SANTANA, Bruno, PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto, (Orgs.) Transmasculinidades negras: narrativas plurais em primeira pessoa. 1. ed. – São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021, p.95-106

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Ensaio sobre Transmasculinidades Negras - Desafios e inquietações. In: SANTANA, Bruno, PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto, (Orgs.) Transmasculinidades negras: narrativas plurais em primeira pessoa. 1. ed. – São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021, p.133-140

PINHO, Osmundo. Qual a identidade do homem negro? Revista Democracia Viva n. 22 p. 67, jun / jul 2004.

PORFÍRIO, Tamis. Masculinidades e paternidades negras: os desafios de ser homem negro no Brasil. In: INSTITUTO PROMUNDO. Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil [livro eletrônico] / Instituto Promundo. — Brasília, DF: Instituto Promundo, 2021, p.36-46

RESTIER, Henrique. O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço. In: RESTIER, Henrique, SOUZA, Rolf Malungo de (Orgs.). Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 21-51.

RODRIGUES, Walter Hugo de Souza. O imaginário do michê: profissionais do sexo no Correio Braziliense. 2015. 26 f. Monografia (Publicidade e Propaganda) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015.

RODRIGUES, Walter Hugo de Souza. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. Cad. Gên. Tecnol., Curitiba, v. 13, n. 41, p. 267-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 04/02/2022.

RODRIGUES, W. H. de S; PEREIRA, A. L. O pequeno príncipe preto: (re)descobrimo a ancestralidade e o afeto na perspectiva da educação antirracista. Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, [S. l.], v. 9, n. 2, 2021. DOI: 10.29327/210932.9.2-2. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/5377>. Acesso em: 24 jan. 2022.

ROMERO, Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos. A literatura brasileira e a crítica moderna: Ensaio de generalização. Rio de Janeiro, RJ: Imprensa Industrial de João Paulo Ferreira Dias. 1880.

ROSA, Isabel Cristina Clavelin da. Imprensa Negra: descobertas para o Jornalismo brasileiro (2014). Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. 11 Nº 1, Julho a Dezembro de 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p555/28245>> Acesso em: 03.nov.22

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: O advento dos pós-humano. Revista FAMECOS, Porto Alegre, p. 23-32, 2003.

SANTANA, Bruno Silva de. A emergência do movimento transmasculino negro no Brasil: diálogos sobre racismo, transfobia e invisibilidade. In: SANTANA, Bruno, PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto, (Orgs.) Transmasculinidades negras: narrativas plurais em primeira pessoa. 1. ed. – São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021, p.149-159

SANTOS, Yasmin. Letra preta. A inserção de jornalistas negros no impresso. Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Alan Felipe Alves dos; FERREIRA, Ana Carolina Gonçalves; SANTOS, Bruna de Oliveira Martins e Elvia Cristina Silva. O formulário do 1º relatório sobre paternidades negras brasileiras. In: INSTITUTO PROMUNDO. Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil [livro eletrônico] / Instituto Promundo. — Brasília, DF: Instituto Promundo, 2021, p.16-34

SILVA, Tarcízio. Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais / Tarcízio Silva. – São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (orgs). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2011, p.73-102.

SOARES, Thiago A. S; ARAÚJO, Douglas J. G. Homem negro, corporeidades e saúde: perspectivas históricas e sociológicas. In: RESTIER, Henrique, SOUZA, Rolf Malungo de

(Orgs.). *Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 163-196.

STEPAN, NL. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. *História e Saúde collection*, pp. 330-391. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/7bzx4/pdf/hochman-9788575413111-11.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIGOYA, Mara Viveros. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In: RESTIER, Henrique, SOUZA, Rolf Malungo de (Orgs.). *Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 77-94.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. pp. 7-72.

ANEXOS

Anexo 1 – Roteiro de Entrevistas

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Identificação

- Com você gostaria de ser identificado nesta pesquisa? Escolha um pseudônimo
- Qual a sua idade?
- Qual a sua escolaridade?
- Como você se identifica em relação à sua cor/raça?
- Como você se identifica quanto ao seu gênero e sua orientação sexual?

Família/Amigos

- Quantos e quais homens negros, além de você, integram o seu núcleo familiar?
- Você identifica situações de discriminação, subalternização e/ou enaltecimento por causa da cor da sua pele?
- Há alguma dessas situações descritas na pergunta anterior que você atribui especificamente ao fato de você ser homem e negro?
- Você acredita que houve alguma situação ou algum evento, na sua infância, que influenciou na sua formação para tornar-se a pessoa que você é hoje? Comente.
- Na escola, durante a infância e a adolescência, você sofreu bullying ou algum constrangimento por ser negro? Como se sentiu?
- Na sua infância e adolescência, você recebeu alguma instrução sobre como lidar ou com se portar diante de situações de racismo ou devido à sua sexualidade, ou à sua classe social? Se sim, quem lhe instruiu?

Relações étnico-raciais

- Como você se percebe como pessoa socialmente situada, quanto à sua raça, à sua identidade de gênero e à sua classe social?

- Para você, o que significa ser homem em nossa sociedade?
- Como você define o que é ser um homem negro nessa sociedade?
- Quando foi que você se percebeu como negro e o que o levou a essa percepção?
- Quais imagens e discursos referentes aos homens negros você conhece? Cite alguns exemplos.
- Sobre a questão anterior, você já reproduziu essas imagens ou discursos consigo ou para outros homens negros? Comente.
- Você já ouviu falar, ou já leu algo sobre ‘masculinidades negras’? O que você entende por esse termo?
- Como foram construídas as suas referências de masculinidades negras?
- Como você percebe as representações midiáticas de homens negros hoje em dia?

Relações afetivo-sexuais

- Nas suas relações afetivas e sexuais, você alguma vez já se sentiu preterido ou rejeitado pelo simples fato de ser negro? Se sim, como lidou com a situação?
- No sentido oposto, você alguma vez sentiu-se privilegiado ou preferido para um relacionamento afetivo ou sexual por ser negro? Se sim, como se sentiu nessa situação?
- Das duas situações mencionadas nas perguntas anteriores, qual situação é mais comum nos seus relacionamentos afetivos e sexuais? Por quê você acha que é assim?
- Você percebe a veiculação de estereótipos sobre o corpo do homem negro nas redes sociais? Se sim, considera esses estereótipos lhe trazem mais vantagens ou desvantagens nas suas relações afetivas e sexuais?
- Em sua atuação nas redes sociais, você busca relacionamentos de amizade, namoro, sexo ou outros? Comente.

Redes sociais

- Como você classifica a sua relação com as redes sociais?
- Você segue e/ou tem muitos seguidores homens negros nas redes sociais? Participa de algum grupo ou comunidade específico de homens negros nas redes sociais? Comente.
- Que produtos (conteúdos, ferramentas, serviços etc.) você mais consome e/ou produz nas suas redes sociais? E quais são os seus objetivos?

- Você percebe uma tendência à objetificação do corpo do homem negro nas redes sociais, no sentido de expressar uma hipersexualização desse corpo? Como você vê isto?
- Caso você perceba situações em que o homem negro é tido como objeto, principalmente no que se refere à sua sexualidade, como você se sente e quais os fatores que contribuem para essa visão do corpo do homem negro na sociedade?
- Você acha que esse tipo de concepção sobre o homem negro nas redes sociais deve ser incentivado, condenado ou ignorado? Por quê?
- Esta pesquisa trata de objetificação e hipersexualização do corpo do homem negro na sociedade por meio das redes sociais. Como você acha que este estudo pode contribuir para se tratar desse assunto?

ANEXOS

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE⁶⁰

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, da pesquisa intitulada “Objetificação e hipersexualização do corpo do homem negro expressas em discursos e contradiscursos veiculados nas redes sociais e em relatos de vida: Resquícios de colonialidade ou sinais de resistência?”. Meu nome é Walter Hugo de Souza Rodrigues, sou mestrando, pesquisador responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubricque todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail walterhugo.sr@gmail.com e, inclusive, sob forma de mensagem por WhatsApp ou ligação através do seguinte contato telefônico: (61) 992110777. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: cep@ueg.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

O pesquisador/orientador Ariovaldo Lopes Pereira compõem esta equipe de pesquisa.

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 20 minutos e a sua participação na pesquisa deve levar aproximadamente 2 horas.

Justificativa, objetivos e procedimentos:

O motivo que nos leva a propor esta pesquisa é analisar as questões sobre a objetificação e hipersexualização do corpo de homem negro em discursos e contradiscursos vinculados em redes sociais e em relatos de vida.

⁶⁰ O presente TCLE reflete a ideia do início da pesquisa, por isso há informações que se diferenciam do que foi construído e transformado ao longo do percurso até a ideia final para esta dissertação.

Para isso, partiremos de estudos teóricos, pesquisas qualitativas e análise de material empírico através de Análise do Discurso Crítica (ADC) de representações escritas e imagéticas (textos multimodais) presentes no ambiente virtual, referentes ao corpo do homem negro.

Aliados a esses recursos, contaremos com o método de narrativas de vida como instrumento de investigação por meio de entrevistas semiestruturadas com homens negros participantes das redes sociais para compreender as dimensões dos relatos de vida desses homens e suas particularidades.

O objetivo desta pesquisa é analisar discursos e contradiscursos de objetificação e hipersexualização do corpo do homem negro veiculados em redes sociais e em relatos de vida, a fim de identificar possíveis resquícios de colonialidade e processos de assimilação e/ou resistência aos discursos hegemônicos.

A pesquisa será desenvolvida em duas etapas de geração e análise de dados:

1) Postagens públicas: coletaremos postagens abertas ao público, através da rede social Twitter, referentes aos temas pesquisados por meio de filtragem usando palavras-chave relacionadas ao estudo no período referente ao 1º semestre de 2020 (janeiro a junho).

2) Narrativas de vida: buscaremos delimitar, sob o critério de gênero e sexualidade, a seleção de 4 homens negros (heterossexual, homossexual, bissexual e transexual), com idades entre 18 e 65 anos, residentes no Brasil, para serem entrevistados de forma online e individualizada. As entrevistas serão semiestruturadas e os participantes serão selecionados a partir de buscas em perfis no microblog. A orientação sexual e/ou identidade de gênero serão identificadas a partir da autodeclaração dos participantes em seus perfis no Twitter.

Projetamos inicialmente um encontro virtual com cada participante, com aproximadamente 2 horas de duração por entrevista, seguindo a disponibilidade do participante quanto ao dia e horário. Caso seja necessário um novo encontro será acordado com o(s) mesmo(s) seguindo interesse e disponibilidade.

Almejamos apresentar, ou melhor dizendo, contrastar algumas dessas publicações aos nossos participantes entrevistados com suas próprias vivências e particularidades. Buscaremos compreender quais discursos circulam nas narrativas em relação ao corpo do homem negro, e que estejam instaladas no imaginário coletivo, e de que forma esses discursos impactam na construção de sua identidade.

A pesquisa narrativa tem crescido bastante nos últimos anos e as formas de obtenção de histórias têm se modernizado, devido a uma característica que sobressai nesse tipo de investigação: a valorização da identidade do/a pesquisador/a e do/a pesquisado/a, ou seja, o participante informante. Por esta razão seguiremos um roteiro de entrevista com os seguintes tópicos: Dados pessoais; Família; Escolaridade; Trabalho; Relações étnico-raciais; Relações afetivo-sexuais e, claro, as Redes Sociais.

As entrevistas serão realizadas de maneira online, via ferramentas de videochamadas, considerando a autorização de gravação da conversa para fins de registro e validação, transcrição das entrevistas e posterior análise dos dados.

Serão obtidos registros fotográficos, sonoros e/ou audiovisuais da conversa, visto que é imprescindível a necessidade da concessão do uso de sua voz, imagem e opinião para a construção desta momento da pesquisa.

Sendo assim:

() Não permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

() Permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

Em caso de permissão da gravação/obtenção da imagem/voz:

() Permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

Obs.: Rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

Riscos e formas de minimizá-los:

Por se tratar de objetificação e hipersexualização, temas de caráter íntimo e pessoal, é possível que aconteçam momentos de constrangimento ou desconforto na expressão de suas opiniões sobre a temática. Entretanto, para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação serão trabalhados de forma respeitosa, empática e humanizados os temas em questão.

Assistência:

Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa.

Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação nas entrevistas online a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

Benefícios:

Dentre alguns benefícios possíveis aos participantes em um estudo como este é o despertar significativo em seu autoconhecimento e a conscientização sobre o debate sadio e necessário das experiências de vida desses homens negros para com outros homens negros e futuras gerações, mas acima de tudo o benefício de um debate que abarque toda a sociedade.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo físico (roteiro de entrevista) e digital (gravação das entrevistas online), sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, sendo totalmente livre e voluntária a contribuição nesta pesquisa.

Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisador responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos os meios de contato telefônico “(61) 99211-0777” e e-mail walterhugo.sr@gmail.com para fins de contato e acompanhamento do estudo. O resultado final será encaminhado em síntese para os entrevistados e posteriormente disponibilizado para todo o público.

Declaração do(a) Pesquisador(a) Responsável

Eu, pesquisador responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

Declaração do(a) Participante

Eu,, abaixo assinado, discuti com o pesquisador Walter Hugo de Souza Rodrigues sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo “Objetificação e hipersexualização do corpo do homem negro expressas em discursos e contradiscursos veiculados nas redes sociais e em relatos de vida: Resquícios de colonialidade ou sinais de resistência?”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Cidade/Estado, dia de mês de ano.

Assinatura do(a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: ____/____/____

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: ____/____/____